

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

NATIELY APARECIDA LINN

**O PROTAGONISMO SERTANEJO E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL:
REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO POR MEIO DO ESTUDO DOS
ROMANCES HISTÓRICOS *GERAÇÃO DO DESERTO* (1964) E *O REINO MÍSTICO
DOS PINHEIRAS* (2011)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON- PR

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

NATIELY APARECIDA LINN

**O PROTAGONISMO SERTANEJO E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL:
REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO POR MEIO DO ESTUDO DOS
ROMANCES HISTÓRICOS *GERAÇÃO DO DESERTO* (1964) E *O REINO MÍSTICO
DOS PINHEIRAIS* (2011)**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) Strictu Sensu em História, como requisito para obtenção do título de Mestre em História. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, campus de Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Orientador: Prof. Dr. Cláercio Ivan Schneider

MARECHAL CÂNDIDO RONDON- PR

2024

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Linn, Natiely Aparecida

O protagonismo sertanejo e a crítica a História oficial: Representações do Contestado por meio dos estudos dos romances históricos Geração do deserto (1964) e O reino místico dos pinheirais (2011) / Natiely Aparecida Linn; orientador Claércio Ivan Schneider . -- Marechal Cândido Rondon, 2024.

152 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

1. Contestado. 2. Sertanejos . 3. Identidade. 4. Romances históricos . I. Schneider , Claércio Ivan , orient. II. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **NATIELY APARECIDA LINN**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 31 dia(s) do mês de maio de 2024 às 9h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Natiely Aparecida Linn**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Claércio Ivan Schneider, Delmir José Valentini, Milton Stanczyk Filho. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Claércio Ivan Schneider. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "**O PROTAGONISMO SERTANEJO E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL: REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO POR MEIO DOS ESTUDOS DOS ROMANCES HISTÓRICOS GERAÇÃO DO DESERTO (1964) E O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS (2011)**". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Delmir José Valentini, Milton Stanczyk Filho. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7 e § 8 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de **Dissertação** foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

Orientador(a) - Claércio Ivan Schneider
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Milton Stanczyk Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Programa de Pós-Graduação em História

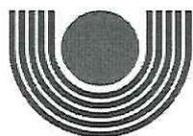
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **NATIELY APARECIDA LINN**, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Delmir José Valentini
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Natiely Aparecida Linn
Aluno(a)



Marcos Nestor Stein
Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. **Claércio Ivan Schneider**, declaro, como **ORIENTADOR**, que presidi os trabalhos **à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de de Defesa de Mestrado da candidata **Natiely Aparecida Linn** deste Programa de Pós- Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, **formalizo como orientador**, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que a candidata foi considerada: APROVADOA na banca realizada na data de 31/05/2024.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Trabalho aprovado com méritos. A banca indica o trabalho para publicação.

Atenciosamente,

Docente: Claércio Ivan Schneider
Programa de Pós-Graduação em História
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof. Dr. Milton Stanczyk Filho, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História da candidata Natiely Aparecida Linn, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro interno**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que a candidata pode ser considerada APROVADA, na banca realizada na data de 31 de maio de 2024.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A dissertação cumpre com os requisitos necessários para a aprovação. Feitas as considerações da banca, indica-se o trabalho para publicação.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Milton Stanczyk Filho
PPGH- UNIOESTE



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **DELMIR JOSÉ VALENTINI**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História da candidata: NATIELY APARECIDA LINN, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que a candidata pode ser considerada **APROVADA**, na banca realizada na data de 31/05/2024.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Recomendação de publicação do texto.

Atenciosamente,

Delmir José Valentini
PPGH/Universidade Federal da
Fronteira Sul



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA
SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente Natiely Aparecida Linn, declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO à **distância, de forma síncrona e por videoconferência** do trabalho intitulado: O PROTAGONISMO SERTANEJO E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL: REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO POR MEIO DOS ESTUDOS DOS ROMANCES HISTÓRICOS *GERAÇÃO DO DESERTO* (1964) E *O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS* (2011), para banca examinadora realizada na data de 31 de maio de 2024.

Atenciosamente,

Natiely Aparecida Linn

Nome e assinatura

Programa de Pós-Graduação em História Universidade
Estadual do Oeste do Paraná

Dedico essa dissertação à minha família, que esteve presente em todos os momentos e seu apoio foi essencial do início ao fim!

AGRADECIMENTOS

No decorrer dessa jornada, enfrentei vários desafios que dificultaram essa caminhada, que já é repleta de adversidades. Portanto, se hoje concluo esta pesquisa, bem como finalizo este mestrado, isso se deve ao apoio que recebi de várias pessoas, que foram muito importantes para mim nesse processo. Por isso, dedico este espaço para agradecê-las.

Primeiramente agradeço à minha família, que esteve comigo do início ao fim, me incentivando e auxiliando em todos os sentidos e no que fosse necessário. Nesse sentido, gostaria de dizer ao Jefferson, meu esposo, à minha mãe Solandra, meu pai Roque e minha irmã Esther, meu muito obrigada, amo muito vocês e sem esse apoio eu não teria conseguido.

Agradeço também ao meu orientador, o Dr. Cláercio Ivan Schneider, que sempre foi o pesquisador no qual procurei me espelhar. Tenho grande admiração pela grande pessoa e profissional que és, pois nunca mediu esforços para me auxiliar. Sempre me orientou com muita dedicação, não apenas na escrita da dissertação, mas em todos os outros processos obrigatórios e necessários no decorrer do mestrado, além de ter sido muito compreensivo com as minhas limitações e ansiedades, procurando sempre me tranquilizar também nesse sentido.

Gostaria de agradecer também a Mabel, a Thais, a Veronica e a Talia, minhas amigas e colegas de mestrado que compartilharam comigo os prazeres e dissabores dessa experiência laboriosa. Agradeço por sempre estarem dispostas a me ouvir e pelos conselhos dados. Levarei sempre em meu coração a nossa amizade.

Agradeço de maneira geral ao PPGH, bem como especificadamente aos professores que ministraram as disciplinas que cursei. Agradeço aos professores Dr. Sérgio Roberto Massagli e Dr. Milton Stanczyk Filho, por aceitaram compor a minha banca da dissertação de mestrado e pelos apontamentos realizados no exame de qualificação. Por fim, agradeço também à CAPES, agência financiadora da minha pesquisa, que com os recursos da bolsa me permitiu, do início ao fim, dedicação exclusiva à pesquisa e às demais demandas e atividades do mestrado.

Enfim, a todos eu agradeço, como muito carinho!

“E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despeçoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-crucis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela”.

– Clarice Lispector

“Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras, mas só há duas nações – a dos vivos e dos mortos”.

– Mia Couto

RESUMO

O PROTAGONISMO SERTANEJO E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL: REPRESENTAÇÕES DO CONTESTADO POR MEIO DO ESTUDO DOS ROMANCES HISTÓRICOS *GERAÇÃO DO DESERTO* (1964) E *O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS* (2011)

Na presente pesquisa, pretendemos analisar as representações construídas em torno da Guerra do Contestado, mais especificadamente a forma pela qual são identificados os sujeitos que participaram desse conflito. Para isso, foram selecionadas duas fontes – de temporalidades distintas – pertencentes ao gênero literário romance histórico: *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi; e *O Reino Místico dos Pinheirais* (2011), de Wilson Joel Leal Gasino. Um dos objetivos desse trabalho é analisar a forma pela qual os sertanejos do Contestado foram sendo caracterizados pelos romancistas com o passar do tempo, levando em consideração o contexto histórico em que cada autor escreveu e publicou sua obra. Quanto ao espaço geográfico delimitado para essa pesquisa, cabe dizer que não existem fronteiras fixas, pois trata-se do território contestado, que envolveu disputa entre os estados do Paraná e de Santa Catarina no início do século XX. Nesse sentido, considerando se tratar de um trabalho sobre história da região contestada, cabe salientar a importância de se trabalhar com a questão da identidade, pois na região Sul há a predominância de uma visão oficializada, que resultou na construção de perspectivas que privilegiam a presença e o protagonismo dos imigrantes europeus e acabam excluindo outros sujeitos que estiveram presentes nesse meio como, por exemplo, sertanejos, imigrantes pobres, indígenas, aventureiros, escravos fugidos, mulheres, dentre outros. Assim, é possível afirmar que este trabalho também tem como objetivo contribuir na desconstrução de versões oficializadas, mostrando, por meio do estudo e da importância da literatura enquanto fonte para a História, as diferentes possibilidades de se contar e analisar o protagonismo dos sujeitos historicamente marginalizados, que povoaram e povoam não somente os estados do Paraná e de Santa Catarina, mas todo o Brasil.

Palavras-chave: Romances históricos; sertanejos; Contestado; Identidade.

ABSTRACT

THE PROTAGONISM OF SERTANEJOS AND THE CRITICISM OF OFFICIAL HISTORY: REPRESENTATIONS OF THE CONTESTADO WAR THROUGH THE STUDY OF THE HISTORICAL NOVELS “GERAÇÃO DO DESERTO” (1964) AND “O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS” (2011)

In this research, we intend to analyze the representations built around the Contestado War, more specifically the way in which the subjects who took part in this conflict are portrayed. To do this, we selected two sources - from different time periods - belonging to the historical novel literary genre: *Geração do Deserto* (1964), by Guido Wilmar Sassi; and *O Reino Místico dos Pinheirais* (2011), by Wilson Joel Leal Gasino. One of the aims of this work is to explore the way in which the Contestado sertanejos were characterized by the novelists over time, taking into account the historical context in which each author wrote and published their work. As for the geographical space delimited for this research, it should be said that there are no fixed borders, as it comprises contested territory, which was disputed by the states of Paraná and Santa Catarina at the beginning of the 20th century. In this sense, considering that this is a work on the history of the contested region, it is worth highlighting the importance of working on the issue of identity, since there is a predominance of an officialized view in the southern region, which has resulted in the construction of perspectives that privilege the presence and protagonism of European immigrants and end up excluding other subjects who were present in this environment, such as, for example, sertanejos, poor immigrants, indigenous people, adventurers, escaped slaves, women, among others. Thus, it is possible to state that this work also aims to contribute to the deconstruction of officialized versions of the history, showing, through the study and importance of literature as a source for History, the different possibilities of telling and analyzing the protagonism of historically marginalized subjects, who populated and populate not only the states of Paraná and Santa Catarina, but all of Brazil.

Keywords: Historical novels; sertanejos; Contestado; Identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	39
GUIDO SASSI: <i>GERAÇÃO DO DESERTO</i> E O PROTAGONISMO DOS CABOCLOS DO CONTESTADO	39
1.1 – GUIDO SASSI – TRAJETÓRIAS	39
1.2 – <i>GERAÇÃO DO DESERTO</i> – NOTAS DA HISTÓRIA E DA CRÍTICA LITERÁRIA.....	45
1.3 – O ESTADO DA ARTE EM TORNO DE <i>GERAÇÃO DO DESERTO</i>	51
1.4 – REPRESENTAÇÕES EM TORNO DOS CABOCLOS DO CONTESTADO	57
1.5 – OS MONGES MILAGREIROS NA PERSPECTIVA DE SASSI	58
1.6 – REPRESENTAÇÕES EM TORNO DOS LÍDERES DO MOVIMENTO.....	65
1.7 – OS PERSONAGENS FICCIONAIS NA REPRESENTAÇÃO DO PROTAGONISMO DOS SERTANEJOS	72
CAPÍTULO II.....	93
WILSON GASINO: <i>O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS</i> E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL	93
2.1 – O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS – NOTAS DA HISTÓRIA E DA CRÍTICA LITERÁRIA	93
2.2 – REPRESENTAÇÃO DOS SERTANEJOS EM <i>O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS</i>	105
2.3 – OS MONGES DO CONTESTADO NA PERSPECTIVA DE GASINO.....	111
2.4 – SOBRE OUTRAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS E SEUS PROTAGONISMOS	116
2.5 – A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL – O CASO DO CAPITÃO MATOS COSTA.....	122
2.6 – O MISTICISMO SERTANEJO E SUA REPRESENTAÇÃO EM PERSONAGENS FICCIONAIS	125
2.7 – OUTRAS PERSPECTIVAS – O PROTAGONISMO DE SERTANEJAS NO <i>REINO MÍSTICO</i>	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS	149
FONTES/ROMANCES HISTÓRICOS:	149
HISTORIOGRAFIA:	149

INTRODUÇÃO

A literatura, além de ser uma manifestação artística amplamente difundida, também pode se tornar excelente instrumento para estudos historiográficos. Com variados gêneros, ela se torna uma fonte histórica riquíssima, principalmente ao se tratar do gênero Romance Histórico, fonte selecionada para esta pesquisa.

Os romances históricos permitem ao historiador traçar múltiplas possibilidades de estudo. É possível que se compreenda, por meio de sua composição híbrida, a narrativa que considera elementos históricos e ficcionais no exercício de revisão histórica. Ou seja, além dos aspectos históricos que fundamentam a trama, nos romances deste gênero se encontram presentes narrativas ficcionais, com personagens e enredos criados pelo romancista, a fim de dar sentido e complementar os discursos históricos.

A proposta deste trabalho é um estudo comparativo entre dois romances históricos contemporâneos: *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi; e *O reino místico dos pinheirais* (2011), de Wilson Joel Leal Gasino. O intuito é compreender as especificidades das narrativas acerca da Guerra do Contestado, buscando analisar as representações identitárias construídas por cada autor em torno dos sujeitos marginalizados pela historiografia, que aqui nomeamos de sertanejos. Assim, a temporalidade tomada na pesquisa está intimamente ligada à contemporaneidade, ou seja, ao período de produção e publicação das fontes selecionadas para a análise: início dos anos de 1960 e início de 2010, períodos em que predomina um estado democrático no Brasil. Em termos de recorte espacial, é importante apontarmos que a Guerra do Contestado ocorreu em territórios disputados pelos estados do Paraná e de Santa Catarina, e foi neste espaço regional que se desenvolveram as histórias e as tramas ficcionais retratadas nas fontes.

Objetiva-se, também, com esta pesquisa, apontar para a relevância dos romances históricos enquanto fontes para a História, sendo muito pertinentes, principalmente no campo da História Cultural, pois oportuniza compreender e analisar variadas dimensões culturais, identitárias, memorialísticas, bem como explorar as sensibilidades e as emoções como possibilidades interpretativas. Além disso, os romances históricos selecionados apresentam a visão dos vencidos, representam os excluídos e marginalizados pela historiografia oficial, mostrando também a importância destes enquanto sujeitos históricos.

Uma reflexão que contribui para nossa pesquisa, no sentido de pensar a importância da utilização da literatura como fonte para a História, é o artigo científico recém-publicado

intitulado *A literatura como arquivo da Guerra do Contestado* (2023), de autoria de Sérgio Roberto Massagli. O autor busca questionar “a confiabilidade cega em um único discurso hegemônico e desconstruir algumas narrativas predominantes” (2023, p. 2), bem como refletir sobre a forma pela qual a literatura “pode contribuir com a criação de novos sentidos [...] e ajudar a repensar os fatos históricos” (2023, p. 3).

Nossa pesquisa se aproxima com as reflexões de Massagli principalmente por considerarmos as produções literárias enquanto acervo de histórias – de testemunhos e memórias – em torno do Contestado¹. Massagli destaca a potencialidade de alcance dessa arte, na medida em que “os arquivos em sentido estrito são documentos de leitura árida, reservados aos historiadores, enquanto a literatura atinge um público amplo” (2023, p. 8).

Assim, é necessário destacar a importância de se escrever a História por meio da Literatura, bem como disseminar as fontes literárias através de produções acadêmicas, considerando que esse tipo de narrativa tem possibilidade de atingir um maior público. Ou seja, os romances históricos podem contribuir com que mais pessoas tomem conhecimento e se interessem a respeito, por exemplo, do que foram os conflitos ocorridos no Brasil – nesse caso especialmente a Guerra do Contestado – conflitos que, de certa forma, até hoje permanecem ocultos à grande parte da população.

Para tratar dos romances históricos que abordam o Contestado é necessário compreender as noções de testemunho, memória e arquivo (2023, p. 6). Nesse sentido, Massagli explica que, nesse caso, de acordo com a reflexão de Figueiredo², o conceito de testemunha se refere àquele que “transmite a memória coletiva e que, ao mesmo tempo, trabalha nos arquivos para dar testemunho do que aconteceu no passado” (2023, p. 7). Portanto, o autor afirma que “toda literatura que retrata os acontecimentos históricos tem um forte caráter de testemunho” (2023, p. 7). Este aspecto iremos desenvolver na pesquisa.

Além disso, Massagli atenta para as distinções entre os outros dois conceitos: arquivo e memória. De acordo com as reflexões trazidas por meio de outros autores, Massagli explica que

¹ A produção romanesca em torno da Guerra do Contestado é significativa. Além das obras selecionadas para esta pesquisa, destacamos: BERNADET, Jean Claude. *Guerra Camponesa no Contestado*. Editora Global. 1979; LEONARDOS, Stella. *Romanceiro do Contestado*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1996; NASCIMENTO, Noel. *Casa verde*. 3ª. ed. Porto Alegre: Alvorada, 1996; OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *O bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996; SCHULER, Donald. *Império Caboclo*. Editora Movimento, 1994; SOBRINHO, Octacílio Schuler. *Taipas: origem do homem do Contestado – o caboclo*. Letras Contemporâneas. 2000; SOUZA, Fredericindo Marés de. *Eles não acreditavam na morte*. Igep, 1978; VALENTINI, Delmir José. *Da cidade santa à Corte Celeste*. Unc, 2003, dentre outros que ainda não foram localizados. Este panorama de publicações ajuda a dimensionar a relevância de se pensar as fontes literárias enquanto arquivos de memórias do Contestado.

² FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p.42.

o arquivo age de forma a substituir a memória. Ou seja, segundo Pierre Nora³, citado pelo autor, “os arquivos se tornam necessários nas sociedades na medida em que estas não vivem mais da memória, mas da história” (2023, p. 7). Portanto, a partir da memória são construídos os arquivos. Assim: “os documentos escritos de toda ordem funcionam como elementos de arquivo” (2023, p. 7). Massagli aponta para a importância da literatura e a trata como arquivo de memória, de forma a salientar a importância das fontes literárias – principalmente os romances históricos – tanto quanto os demais documentos.

Com base nessa questão, pensando na importância do romance histórico enquanto fonte para a história, importante apontar para o capítulo intitulado “Diálogos contemporâneos da história com a literatura: a fonte romance histórico”⁴, em que desenvolvemos estudo crítico em torno do uso desta fonte no exercício de análise histórica.

Grosso modo, entendemos por romance histórico uma obra literária escrita em prosa, na qual a narrativa ficcional está ambientada num passado marcado por fenômenos e personagens históricos já identificados pela historiografia. Ou seja, os autores de romances históricos utilizam-se de eventos históricos na construção de sua narrativa. Mas a forma de utilizar e de retratar estes acontecimentos varia de autor para autor, segundo a época de produção da obra (SCHNEIDER & LINN, 2023, p. 75).

De forma geral, é importante compreender que o gênero literário romance histórico – fonte selecionada para essa pesquisa de dissertação – merece especial atenção e possui muitas especificidades. O gênero em questão teve seu início no século XIX com Walter Scott e, segundo Esteves:

O esquema básico do romance histórico criado por Scott, que acabou por se impor, obedecia a dois princípios básicos. O primeiro deles é que a ação ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstituído, onde figuras históricas ajudam a fixar a época. Sobre esse pano de fundo, situa-se uma trama fictícia, com personagens e fatos inventados pelo autor. Uma importante preocupação do romance histórico romântico era conseguir um equilíbrio entre a fantasia e a realidade, onde os jogos inventivos do escritor, aplicados a dados históricos produzissem composições que oferecessem aos leitores, ao mesmo tempo ilusão de realismo e oportunidade de escapar de uma realidade não satisfatória (2008, p. 58).

³ NORA, Pierre. “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”. *Revista Projeto História*. São Paulo, n.10, 1993, p. 13.

⁴ Este capítulo pode ser acessado por meio do ebook intitulado **Diálogos educacionais: desafios perenes**, publicado em 2023. In: <https://online.fliphtml5.com/ggbfm/kxzd/>

Apesar de ter sido uma inovação na Literatura do século XIX, permitindo uma leitura fluída e prazerosa da história, ainda tinham alguns pontos a serem pensados como, por exemplo, a grande preocupação a respeito do balanceamento entre as narrativas histórica e ficcional, que acabava por limitar o ficcionista. Além disso, o romance histórico inicialmente serviu como “instrumento para a exaltação e consolidação do sentimento nacionalista que, com o objetivo de resgatar uma história passada, passa a ser agente dessa história, construindo uma versão que sirva a interesses de hegemonia e supremacia” (LAVORATI e TEIXEIRA, 2010, p. 3).

Em contrapartida, o chamado Novo Romance Histórico, que surgiu no século XX, teve mudanças significativas. Os romancistas dedicados a escrever sob a perspectiva do novo romance histórico passaram a obter mais liberdade na escrita e na problematização da história, deixando de apenas reproduzir os fatos de acordo com a historiografia, como pode ser verificado no trecho a seguir:

Sob tutela da ficção é permitido que o novo romance histórico trabalhe com a matéria histórica de modo livre, desassociado da versão cristalizada pela história oficial. Desse modo, podemos dizer que o novo romance histórico, surgido no século XX, superou os limites da mera tentativa de descrição do real. É uma narrativa que busca problematizar o real por meio da análise e (re) interpretação da realidade. (LAVORATI e TEIXEIRA, 2012, p. 4-5).

Dessa forma, podemos compreender que, se antes o romance histórico era utilizado para reafirmar as versões cristalizadas da história oficial, essa nova versão surge com o intuito de questioná-las, permitindo aos autores explorarem outras possibilidades. Desse modo, o novo romance histórico se constitui de:

[...] narrativas que optam pela pluralidade discursiva e dão voz a outra história que foi ignorada, ou mesmo manipulada, pela história oficial e, dessa forma, também contribuem para a construção de uma identidade nacional, mas agora por meio de uma subversão do discurso dominante num processo conduzido pelas diferentes releituras que são produzidas. Dessa maneira, o fato histórico e os personagens da história são abordados pelo escritor de maneira mais livre e subjetiva, abrindo espaço para a construção múltipla de sentidos, que se apóia na exploração dos detalhes que compõe a trama e na humanização de seus personagens. (LAVORATI e TEIXEIRA, 2010, p. 5)

As autoras citam, acima, várias características do novo romance histórico, evidenciando sua potencialidade enquanto uma fonte que problematiza a história oficial para assim, segundo Esteves (2008, p. 60), “dar voz àqueles que foram, ao longo dos tempos, excluídos, silenciados ou simplesmente mantidos à margem da história”. No mesmo sentido, Schneider e Linn (2023, p. 82), destacam que “o romance histórico contemporâneo, ao romper com os silêncios que

colocaram à margem ou invisibilizaram os dominados, assume a tarefa revisionista de narrar a história dos excluídos, colocando em evidência as suas versões e perspectivas históricas”.

Por isso, é importante apontar para a relevância dessa fonte, pois ela nos possibilita demonstrar o protagonismo dos sujeitos que foram excluídos e estigmatizados pela historiografia oficial. Por fim, depois de uma breve descrição a respeito desta importante fonte e de suas especificidades, cabe mencionar que:

acreditamos que os romances históricos se constituem em fontes importantes na contemporaneidade. Desvinculado do campo acadêmico, “o romance histórico serve como fonte lúdica que se liga ao prazer estético para adquirir conhecimentos acerca dos fatos históricos quais possam iluminar um conceito de nação ainda desconhecido pelo leitor” (Oliveira. 2014, p.28). Abre-se espaço para a construção de múltiplos sentidos, apoiando os detalhes minuciosos e a humanização dos personagens (SCHNEIDER & LINN, 2023, p 84).

Nesse sentido, os romances históricos selecionados para análise nesta dissertação devem ser problematizados em seu campo de produção contemporâneo. Os autores, como veremos, ressignificam, revisam e problematizam diferentes perspectivas históricas construídas em torno do Contestado. Nesse sentido, importante sintetizarmos no campo da História o que foi a Guerra do Contestado.

De forma geral, este conflito, ocorrido entre os estados do Paraná e de Santa Catarina entre os anos de 1912 e 1916, é temática bastante trabalhada na produção historiográfica. Sintetiza um conflito extremamente violento e complexo, tendo origem em vários fatores⁵. Um deles é a contestação dos sertanejos à doação de terras, por parte do governo brasileiro, à empresa responsável pela construção da estrada de ferro que ligava o estado de São Paulo à Rio Grande do Sul, a Souther Brazil Lumber & Colonization Company. Sobre essa especificidade, Márcia Janete Espig afirma que “se a ferrovia não trouxe o progresso desejado aos moradores tradicionais da região, tais como índios e caboclos, trouxe sim a expulsão, o desapossamento, a pobreza e em alguns casos, a morte” (ESPIG, 2023, p. 133). Ou seja, conforme aponta Espig, “é impossível dissociar o contexto da Guerra do Contestado do processo de construção e operação da Companhia EFSPRG na região” (ESPIG, 2023, p. 128).

Para compreender melhor essa questão e os outros fatores que influenciaram a eclosão

⁵ No campo historiográfico inúmeras obras ajudam a entender este acontecimento. Dentre elas, a título de exemplo, destacamos: QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Errantes do Novo Século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. THOMÉ, Nilson. *Os iluminados*. Personagens e manifestações místicas e messiânicas do Contestado. Florianópolis: Ed. Insular, 1999. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

da Guerra do Contestado, bem como suas principais características, é importante mencionar também a contribuição de Nilson César Fraga, que escreve de forma objetiva:

De 1912 a 1916, ocorreram em Santa Catarina, numa área em litígio com o vizinho Paraná, os fatos mais sangrentos das suas histórias, quando a população do Planalto pegou em armas e deu o grito de guerra, no episódio que ficou conhecido por Guerra do Contestado. Foram várias as causas do conflito armado, pois na mesma época e no mesmo lugar, ocorreu um movimento messiânico de grandes proporções, uma disputa pela posse de terras, uma competição econômica pela exploração de riquezas naturais, e uma questão de limites interestaduais. (2006, p. 80-81- arquivo digital).

Fraga destaca que a Guerra do Contestado foi, de fato, extremamente violenta. O autor evidencia que, além de uma disputa territorial entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, existiu um movimento messiânico liderado por José Maria. Os sertanejos lutavam por justiça, reivindicavam por igualdade e pelas terras que lhes haviam sido tomadas. Nesse sentido, compreendendo os principais fatores que motivaram a eclosão da Guerra do Contestado, bem como a violência da mesma, o atual estudo de Rogério Rosa Rodrigues explica as principais fases do conflito:

A primeira compreende os iniciais ajuntamentos religiosos em torno do monge José Maria, culminando com a batalha do Irani em outubro de 1912; a segunda remete às campanhas de repressão aos chamados redutos de Taquaruçu e Caraguatá no primeiro semestre de 1914; a terceira tem como marco a intervenção do governo federal na repressão ao movimento, o que, oficialmente, foi iniciado em setembro de 1914 e durou até maio de 1915 e; a quarta, batizada por Maurício Vinhas de Queiroz como “fase do açougue”, foi marcada pela intensificação da parceria de contingentes do exército catarinense com vaqueanos e coronéis da região (RODRIGUES, 2023, p. 184).

Além disso, como visto nos trechos acima mencionados, uma das características do movimento do Contestado foi o messianismo, tanto pelo ajuntamento de pessoas motivado por José Maria, quanto pela memória da população em relação aos outros monges que passaram pela região. A respeito disso, Alexandre Karsburg afirma que

Na historiografia, criou-se certo consenso sobre a existência de dois outros monges depois da passagem do primeiro, que igualmente alcançaram notoriedade entre os povos do sul: João Maria de Jesus, que peregrinou por todo planalto meridional brasileiro entre 1890 e 1906; e José Maria de Santo Agostinho, o único monge a ter efetivamente participado da Guerra do Contestado, ainda que somente no início do conflito, em outubro de 1912, na Batalha do Irani (KARSBURG, 2023, p. 79).

Ou seja, considerando a influência do messianismo, os sertanejos acreditavam que os monges tinham poderes e podiam curar qualquer tipo de enfermidade. Por acreditar nas curas miraculosas dos monges e por segui-los e defendê-los com todas as suas forças, estes foram taxados pela imprensa da época como “fanáticos”. Sobre essa fé que grande parte dos sertanejos carregavam, o historiador Paulo Pinheiro Machado afirma:

Se, em vida, José Maria foi para muitos uma esperança de cura e viabilizou também a possibilidade de uma nova forma de vida em comunidade, mesmo que transitória, como na festa de Taquaruçu ou do rápido ajuntamento do Irani, seu desaparecimento passou a ser interpretado como uma possibilidade de retorno para a remissão de todos os problemas. (MACHADO, 2001, p. 187).

A Guerra do Contestado foi um conflito de grandes proporções e com vários significados. Nos causa estranhamento pensar que um conflito tão violento e abrangente, por muito tempo acabou sendo excluído da história e da historiografia. Embora na contemporaneidade este conflito seja alvo de intenso revisionismo, tanto na história quanto na literatura, ele caiu no esquecimento da população e, quando lembrado, o que prevalece é os discursos dos vencedores, como salienta Machado:

Na memória dos sobreviventes e seus descendentes, as razões do movimento sertanejo são frequentemente obscuras quando não reproduzem diretamente o discurso vencedor dos militares e dos políticos republicanos. Entre os fazendeiros e seus descendentes não há dúvida: o movimento sertanejo foi puro banditismo. O neto do coronel Antônio Carneiro, dos Campos de São João, afirma que: “A guerra foi assim, puro banditismo. Hoje tem muita gente contando outras coisas, dizendo que havia problemas de terras, que tinham sido tomadas pelos americanos, mas é tudo invenção. Naquela época havia terra de sobra para quem quisesse. Era tudo terreno devoluto. Os governos até facilitavam a legitimação das posses. Este sertão era muito grande, a população era pequena” (MACHADO, 2011, p. 180).

Machado afirma que predomina entre os sobreviventes e descendentes dos sertanejos uma memória dos vencedores. Memória que alimenta o estereótipo de considerar o movimento sertanejo como banditismo. Esta narrativa, no entanto, está sendo problematizada na contemporaneidade. Novas pesquisas evidenciam outras possibilidades interpretativas que atribuem o protagonismo dos sertanejos visibilizando-os por suas pautas e sentidos. Os romances históricos contribuem com este movimento de resignificação.

Ao buscar por pesquisas que abordam o Contestado por meio da utilização de romances históricos como fonte, foram encontrados, até o momento, alguns trabalhos, principalmente na área de Letras/Literatura, a maioria no campo da crítica literária. Importante afirmarmos que os estudos que se utilizam dos romances históricos que selecionamos como fontes de análise nesta

dissertação serão considerados no exercício de apresentação do estado da arte e de análise histórica, a ser realizado de forma pormenorizada em cada capítulo.

No que se refere especificamente ao campo de produção histórica, até o momento encontramos pouquíssimas pesquisas. A primeira delas, que se relaciona com o tema escolhido para esta pesquisa, é uma monografia intitulada “A representação a respeito do movimento do Contestado em romances históricos” (2012), de autoria de Angelita de Paula. O trabalho em questão utiliza como fonte três romances históricos: *Casa Verde* (1962), de Noel Nascimento; *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi e *O dragão vermelho do Contestado* (1998), de A. Sanford de Vasconcellos. É possível afirmar que, embora o trabalho de Angelita apresente o mesmo tipo de fontes a serem analisadas e inclusive possuir um romance em comum com a proposta apresentada nesta dissertação, as pesquisas possuem objetivos diferentes.

Paula escreve sobre a Guerra do Contestado de forma especificada, destacando o que foi escrito sobre o conflito logo após seu desfecho e com o passar do tempo. A autora procura falar sobre o movimento em dois períodos: o primeiro momento, onde discorre sobre as causas e o início do conflito, até a morte de José Maria no primeiro combate; e o segundo momento, onde há a ascensão dos líderes religiosos/espirituais e, mais tarde, o desvirtuamento – “De fanáticos à jagunços” – e o fim do conflito.

A autora dá enfoque na guerra e na religião presentes no movimento e, diferentemente do que busco nesta pesquisa, não se dedica a compreender a representação da identidade dos sujeitos que fizeram parte deste evento histórico. Paula faz comparações entre os romances, procurando traçar suas semelhanças e divergências e, além disso, em sua interpretação, os protagonistas de cada um dos romances históricos representam a opinião de cada um dos autores.

Apesar de existirem várias diferenças entre o trabalho de Paula e a presente pesquisa, é preciso apontar para as semelhanças entre elas. Como já mencionado, assim como objetivamos neste trabalho, Paula faz uso de mais que um romance histórico como fonte. Além disso, cabe lembrar que utilizamos um romance em comum, já citado anteriormente. Essa afinidade entre as pesquisas contribui para as reflexões a serem realizadas no presente trabalho, considerando a possibilidade de assimilar a interpretação de Paula a respeito do romance histórico que também fará parte dessa dissertação. Acreditamos que isso pode oportunizar a compreensão de novas perspectivas de análise para a mesma fonte, também sob o ponto de vista da mesma área de estudos, visto que o trabalho de Angelita de Paula é um dos poucos da área de história que utilizam fontes literárias, sobretudo a respeito do Contestado.

Outra pesquisa identificada no campo da História é a dissertação de Katiúscia Maria Lazarin, defendida em 2005 na UFSC, intitulada “Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do contestado (1916-2003)”. Embora a autora não faça uso exclusivamente da fonte literária, busca investigar as “representações forjadas” a respeito dos sertanejos que participaram da Guerra do Contestado. Ou seja, a pesquisa problematiza a nomenclatura utilizada ao longo do tempo para se referir aos sertanejos do contestado, focando pouco nas representações identitárias desses sujeitos. Apesar de citar apenas “historiografia” no título do seu trabalho, Lazarin se propõe trabalhar com vários tipos de fontes, buscando uma vasta gama de produções sobre o Contestado desde o término da guerra até a contemporaneidade. Lazarin seleciona periódicos, teses e dissertações, fontes literárias, audiovisuais e historiográficas para sua análise.

Por fim, cabe ainda citar o artigo na área de História de Claércio Ivan Schneider nomeado “Releituras do Contestado: O Reino Místico dos Pinheirais, de Wilson Gasino, e a crítica à História Oficial” (2019). Schneider escreve seu artigo abordando as relações existentes entre a história e a literatura, a relevância do romance histórico enquanto fonte para a história – principalmente ao se tratar da Guerra do Contestado – e, além disso, por meio da análise do romance histórico de Wilson Gasino, faz uma crítica às produções oficiais referentes à história do Paraná, que priorizam mostrar um estado civilizado e progressista. Dessa forma, assim como nesta proposta de pesquisa, Claércio busca dar destaque aos marginalizados da história, que foram excluídos ou vistos como um passado a ser superado.

Diante da breve exposição a respeito do estado da arte, é possível identificar que são poucos os trabalhos da área de História que buscam utilizar a literatura, mais precisamente o gênero romance histórico, como fonte para investigar a Guerra do Contestado. Nesse sentido, é possível constatar a relevância desta pesquisa no sentido de ampliar o número de trabalhos historiográficos que busquem problematizar questões relacionadas a este conflito por meio de fontes ficcionais.

Para a realização desta pesquisa, considerando que a mesma se situa no campo da História Cultural, alguns autores são pertinentes à problematização e a fundamentação teórica. Dentre eles destacam-se os trabalhos de Hayden White, que auxiliam a pensar as especificidades da linguagem literária no campo histórico, problematizando a dialética da razão-imaginação fundamentadas no discurso histórico. Além disso, o conceito de *Meta-história*, que se refere ao estudo feito dos fatos históricos e da história enquanto historiografia, utilizado por White, será oportuno para essa pesquisa. Ademais, White desenvolve análises

importantes sobre as aproximações das narrativas literárias e históricas, compreendendo ambas como artes.

Além disso, considerando que nessa pesquisa utilizamos fontes contemporâneas – romances históricos –, julgamos importante refletir brevemente sobre o conceito de contemporaneidade. Nesse sentido, cabe trazer o estudo de Claudio Cledson Novaes, que desenvolveu um trabalho nomeado *Diálogos literatura e cinema: aspectos da contemporaneidade na obra de Olney São Paulo* (2013). Segundo Novaes,

Ao analisarmos as articulações entre a literatura e o cinema seguimos na direção deste conceito de contemporaneidade, enfocando os dispositivos que tornam os discursos contemporâneos, não pela convergência no tempo imediato, mas porque remetem ao presente, ao passado e ao futuro, simultaneamente, apesar do jogo da diferença entre o tempo e o espaço na diegese dos textos e das diferentes formas de representação e recepção dos conteúdos enunciados extradiegéticos na superfície das linguagens dos textos literários e cinematográficos (NOVAES, 2013, p. 44).

Apesar do trabalho de Novaes realizar uma discussão entre a Literatura e o Cinema, o debate a respeito da contemporaneidade torna-se propício também no presente trabalho, que propõe um diálogo entre a Literatura e a História, na medida em que se trata de duas áreas do conhecimento que se relacionam.

De acordo com a citação acima, a contemporaneidade está intimamente relacionada com a temporalidade, não abrangendo apenas a do tempo presente, mas também a do passado e do futuro ao mesmo tempo. Nesse mesmo sentido, Luis Costa e Tânia Fonseca afirmam que “em vez de estar à frente do seu tempo, o contemporâneo habita a conjunção dos diversos tempos que constroem seu instante, buscando uma customização temporal a partir desta heterogeneidade flexível e singular” (COSTA & FONSECA, 2007, p. 8).

Dessa forma, podemos interpretar que os romances históricos, sendo fontes contemporâneas, representam também estas três temporalidades: a temporalidade do conflito – ou acontecimento histórico registrado pelo romancista e a forma pela qual é representado por ele –, a da escrita do romance – o contexto histórico e de vida vivido pelo autor –, e a do leitor, ou pesquisador, que utiliza essas obras em seu tempo e desenvolvem suas interpretações e problematizações.

Além disso, outra questão que justifica esta atribuição de contemporaneidade à fonte que estamos utilizando nesta pesquisa está relacionado com o fato de que a “desconstrução, desmistificação, desnaturalização, genealogia-arqueologia, anamnese, são diversos conceitos presentes no pensamento contemporâneo e que afirmam um modo contemporâneo de perguntar-

se sobre a atualidade” (COSTA & FONSECA, 2007, p. 8). E a respeito disso, podemos apontar para as possibilidades de problematização e desconstrução por meio dos romances históricos, principalmente das versões oficializadas da história, questão que nos interessa nesta pesquisa.

Fundamentar o conceito de representação é fundamental para a realização desta pesquisa, pois nosso objetivo, como já mencionado, é analisar justamente a forma pela qual os romancistas edificam e representam os sujeitos sertanejos presentes no movimento do Contestado. Os estudos de Roger Chartier são essenciais para a compreensão deste conceito. Para ele, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio” (1990, p. 17). Chartier aponta para a importância de entendermos, no campo das representações, as tentativas de imposições de sentidos por parte de grupos que rivalizam entre si na tentativa de instituírem seu domínio. Além disso, segundo o autor:

O conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um *status*, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder (CHARTIER, 2011, p. 20).

Nesse trecho o autor fala a respeito da importância do conceito de representação, explicando, em três etapas, as relações existentes entre os sujeitos e o mundo social: as operações de classificação e hierarquização; as práticas e os signos; e, as formas institucionalizadas. Para compreendermos o conceito de representação, além de Chartier, é importante considerarmos a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, que também se dedicou a escrever sobre esse assunto, principalmente em seu artigo intitulado *Cultura e Representações, uma trajetória* (2006). Para esta autora, sobre o conceito de representação no campo dos estudos históricos:

Trata-se, digamos, de uma redescoberta dos historiadores na sua maneira de enxergar o mundo e, sobretudo, o passado [...]. Representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento (PESAVENTO, 2006, p. 49).

Pesavento entende as representações enquanto presentificações de uma ausência. Ou seja, aponta para as relações existentes de aproximação e de distanciamento entre representante e representado. Afirma, também, que em torno desse conceito coexistem outros dois: o de imaginário e o das sensibilidades. Segundo a autora, o imaginário se compõe de “representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam” (2006, p. 50). A respeito do conceito das sensibilidades, Pesavento afirma que ele “se situa no próprio âmago da construção social das representações” (2006, p. 50). Além disso,

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. [...] Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade traduz-se em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade. [...] Mas, ao mesmo tempo, as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos. Esta seria a faceta mediante a qual as sensações transformam-se em sentimentos, afetos, estados da alma. Ou, em outras palavras, esse seria o momento da percepção, quando os dados da impressão sensorial seriam ordenados e postos em relação com outras experiências e lembranças do “arquivo de memória” que cada um traz consigo (PESAVENTO, 2006, p. 50-51).

Ou seja, os conceitos de imaginário e de sensibilidades – que também são importantes para esta pesquisa, considerando que se aplicam a possibilidades de investigação de nossas fontes – aparecem intimamente relacionados ao conceito de representação. Pesavento ainda traz exemplos de possíveis formas de representação. Nessa exposição, inicia citando a fonte que mais nos interessa: a Literatura. No entender de Pesavento:

História e Literatura, como discursos e representações que falam do real, têm com relação a estas distintas formas de aproximação. [...] Mas, para a História, a Literatura conta como um rastro de possíveis, como registro de uma sensibilidade no tempo, aquele da escrita da obra. Como refere Jacques Leenhardt, o discurso literário auxilia a História no sentido de ajudar a entender a modalidade temporal do elo social, a unir gerações e indivíduos, permitindo que seja representado, no plano imaginário e ficcional, o teatro do tempo e dos vínculos entre os indivíduos, possibilitando uma entrada no universo do passado (2006, p. 56).

De fato, como afirma Pesavento, a Literatura enquanto representação é uma ótima ferramenta para auxiliar a História na compreensão dos acontecimentos passados, pois ela

representa, também por meio da ficção, não somente os conflitos e acontecimentos históricos, mas as especificidades a respeito dos sujeitos inseridos nesses processos, pensando nas suas relações pessoais e em suas sensibilidades.

Além da Literatura, a autora também menciona outros exemplos de formas de representações como, por exemplo, o mito, que “revela também verdades, mas verdades simbólicas, que se expressam de forma metafórica e alegórica, dizendo-mostrando para além da palavra e da imagem” (2006, p. 57). Outro exemplo de fonte para representação trazida pela autora é também muito comum na história: as imagens. Segundo Pesavento, “Imagens são forma que se dá a ver e a ler, portando significados” (2006, p. 57). Ou seja:

Tal como outras representações sobre o real, as imagens contam para o historiador como portas ou janelas de entrada para o passado, para além do seu valor de documento, que conferiria à imagem o conteúdo de prova. Ce a été, disse Barthes com relação à fotografia. Imagens valem, sobretudo, pelas “verdades do simbólico” que são capazes de transmitir, veiculando razões e sentimentos expressos pelos homens do passado (PESAVENTO, 2006, p. 57).

As reflexões trazidas por Pesavento a respeito do conceito de representação contribuem muito para a presente pesquisa, na medida em que esclarecem, por meio de exemplos práticos, as estratégias e materiais utilizados pelos historiadores com o intuito de representar um dado momento e acontecimentos históricos. No caso das fontes que utilizamos nessa pesquisa, os autores dos romances históricos buscaram, como veremos, representar as características e as especificidades dos sujeitos presentes na Guerra do Contestado. Nesta dissertação buscamos apresentar e, principalmente, problematizar algumas destas representações, especialmente no que diz respeito à caracterização identitária dos sujeitos históricos que estiveram inseridos nesse acontecimento.

Além dos conceitos já apresentados, cabe ainda dialogarmos com o conceito de identidade. Este conceito é chave para a pesquisa, na medida em que compreender as representações identitárias em torno dos sujeitos sertanejos é um dos principais objetivos desta proposta de pesquisa com romances históricos. Nesse sentido, para entender o conceito de identidade, buscamos por referência os estudos de Stuart Hall, o qual afirma que “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (2006, p. 38). Ou seja, a identidade não é algo natural, é uma construção social em constante transformação. Para Hall (2006, p.13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e

representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Refletir sobre o conceito de identidade, nesse trabalho, implica pensarmos sua aplicabilidade enquanto categoria de classificação dos sujeitos. Ou seja, a partir do início do século XX, houve uma grande dedicação, por parte da elite intelectual brasileira – especialmente da região Sul – em construir uma identidade oficial – ao território e aos seus habitantes – que atendesse aos ideários civilizatórios e progressistas dos estados republicanos recém formados. Nesse sentido, conforme salienta Hall, “a identidade nacional é também muitas vezes simbolicamente buscada na idéia de um *povo ou folk puro, original*” (HALL, 2006, p. 55). A busca por um tipo humano que representasse estes valores identificava na imigração com europeus a possibilidade de superação de um passado escravocrata.

Assim, por meio de várias estratégias discursivas e simbólicas, se solidificou a ideia de que esse território possuía características muito próximas às da Europa, e, por isso, os melhores habitantes seriam, segundo a perspectiva oficial, predominantemente, descendentes de imigrantes europeus, preferencialmente alemães e italianos. Nesse sentido, passou a haver um grande incentivo político à imigração, como estratégia para atrair os europeus para o Brasil, com o intuito de promover um certo “branqueamento” da população e mostrar que o país, principalmente os estados da região Sul, eram pacíficos, progressistas, porque constituídos por imigrantes laboriosos e morigerados. Os conflitos resultantes desta política que privilegiava imigrantes ao invés da população miscigenada – e os povos originais – que já constituía o território foram escamoteados da história. Sobre essa questão, Aparecida Bahls aponta que:

A imigração era apontada como o caminho para a renovação dos brasileiros, uma forma de fortalecer a nação corrompida pelos vícios e pelo contato com a escravidão. Os estrangeiros passaram a serem vistos como os formadores da nova população brasileira (BAHLS, 2007, p. 32-33).

Na invenção do Paraná e de Santa Catarina⁶ – para usar uma expressão de Durval de Albuquerque Júnior em torno do Nordeste⁷ – os intelectuais e literatos produziram conteúdos enaltecendo a identidade dos imigrantes, seus valores e atitudes e, por outro lado, construíram e reproduziram estereótipos negativos para a população local, predominantemente sertaneja. Assim, na tentativa da invenção de uma identidade oficial e a criação da imagem do habitante ideal, acabaram sendo escamoteados desses ambientes os conflitos, que estiveram sempre presentes – até mesmo conflitos territoriais, como a Guerra do Contestado. Além disso, foram também excluídos os sujeitos que habitavam esse território como, por exemplo, os indígenas, os afrodescendentes, os caboclos, os sertanejos, dentre outros sujeitos.

Considerando este contexto histórico do início do século XX, em que as identidades indesejadas foram excluídas e estigmatizadas por uma historiografia oficial, um dos objetivos neste trabalho é justamente apontar para a necessidade de revisionismo destas histórias fundadoras. Na contemporaneidade, dentro de um campo democrático, busca-se ressignificar o protagonismo desses sujeitos marginalizados e que estiveram a todo momento presentes na História. A fonte romance histórico, acreditamos, contribui para emprendermos esta análise que considera as identidades no plural, valorizando sujeitos que até pouco tempo eram excluídos da história. Portanto, por este motivo o conceito de identidade se torna essencial para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Pensando na discussão recém realizada – a respeito da construção da identidade dos habitantes da região Sul – e o fato de que o objeto de estudo desta pesquisa se refere a um conflito regional – o Contestado – é evidente a importância de compreendermos o conceito de região, que também está relacionado com a questão da identidade regional.

Para abordar o conceito de região, bem como pensar na ideia de identidade regional, utilizaremos as reflexões de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em especial atentando ao artigo intitulado *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região* (2008). Albuquerque Júnior salienta a falta de problematizações em relação ao conceito de região,

⁶ Sobre esta questão da invenção de uma história oficial para os estados recém formados no sul do Brasil, é fundamental entendermos o papel dos Institutos Históricos e Geográficos bem como de outras instituições como, no caso do Paraná, o Movimento Paranista. Sugerimos as seguintes leituras: PEREIRA, Luis Fernando L. **Paranismo: o Paraná reinventado**. Cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997. SZESZ, Christiane Marques. **A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)**. Dissertação. Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, 1997. GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-27, jan. 1988. SERPA, Élio Cantalício. “A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina”. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis v.14, n. 20, p.63-79, 1996.

⁷ Para mais informações consultar a obra: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

mesmo em meio às obras que são identificadas como parte da historiografia regional, na medida em que este conceito geralmente é visto como “um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico [...]” (2008, p. 55).

Por meio de vários exemplos e explicações, Albuquerque Júnior demonstra que o conceito de região, que aparentemente é simples e transparente, na verdade é muito complexo. De acordo com o autor, “a região é espaço de luta, é fruto de uma conquista, de fronteiras nascidas da implantação de um governo, de uma dominação. A região é fruto de operações estratégicas, políticas, administrativas, fiscais e militares” (2008, p. 57).

Albuquerque Júnior realiza uma reflexão problematizadora a respeito do conceito de região, do papel do historiador que se dedica a escrever a história regional, bem como a forma pela qual se atribui identidades por meio do regionalismo. Nesse sentido, segundo as observações do autor:

A região serve de argumento de legitimação para o saber que é produzido em seu nome, numa operação circular de reconhecimento, já que este saber historiográfico repõe permanentemente a própria identidade regional, dando a ela um passado, uma memória, projetando-a para trás no tempo, dando a ela uma origem (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 56).

Neste trecho o autor aponta para a criação das identidades regionais, que atribuem às regiões uma origem, um sentido, uma memória, bem como características que façam com que os sujeitos se sintam como parte desse espaço, ou seja, “a regionalidade passa a ser vista como elemento ontológico dos próprios sujeitos que aí habitam” (2008, p.61-62). Dessa forma, o autor afirma que a região ganha sentido e legitimidade por meio de sua identidade, e vice-versa. Além disso, o autor aponta para os interesses políticos que muitas vezes influenciam e até mesmo subsidiam determinadas identidades para uma dada região. Nesse sentido, de acordo com o autor:

A chamada história regional corre o risco permanente de se constituir em instância de veiculação e legitimação de um dado recorte regional, de se tornar um saber a serviço das forças, dos interesses e projetos políticos que deram forma ou que sustentam um dado espaço dito e visto como regional. A história regional pode facilmente ser aprisionada pelo dispositivo da identidade, pelo discurso da identidade. Ela pode, muitas vezes, sem se dar conta, ser o veículo da reposição de uma dada dominação sustentada por este discurso identitário (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 59).

Este fragmento torna-se pertinente à reflexão de nossos objetos de pesquisa na medida em que podemos relacioná-lo à construção de uma identidade em torno da região Sul. A versão

oficializada da história dessa região, como já apontamos, foi construída pela elite administrativa e intelectual, com o intuito de cristalizar interesses políticos que garantiriam a delimitação das fronteiras territoriais, além de sobrepor essa região em relação ao restante do país. Ou seja, no caso da região Sul, observamos o “aprisionamento” da história regional por meio do discurso da identidade que sustenta certa dominação. Assim, ainda sobre os interesses, fatores e estratégias envolvidos na construção de uma região, e conseqüentemente de uma identidade regional, é importante considerarmos mais um trecho:

As regiões nascem de investimentos de sentido, da produção de sentidos: nascem da busca por organizar o mundo, por ordená-lo, por esquadrihá-lo, por classificá-lo, por dominá-lo. [...] As regiões nascem das práticas de significação e de ordenamento do mundo feito pelos homens. Operações de significação que trazem imanente à sua realização estratégias de poder, de domínio, de controle, de separação, de inclusão e exclusão. A região é produto das elaborações poéticas, literárias, pictóricas, teatrais, cinematográficas, midiáticas, escultóricas, icônicas, fotográficas, realizadas por aqueles que a tomaram como o objeto e o objetivo de suas práticas. A região, portanto, é um objeto em permanente construção e desconstrução, em constante movimento, embora seja uma característica dos discursos e das práticas regionalistas a busca da cristalização, da imobilização de uma dada forma, de uma dada significação ou definição para o regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 62-63).

Albuquerque Júnior afirma que a região é produto de elaborações artísticas como da arte literária. E por estar em permanente construção e desconstrução, tende a cristalizar sentidos, mas também podem ser instrumentos de ressignificação deste espaço regionalizado. Mas, de forma geral: “os regionalismos fazem parte dos inúmeros dispositivos inventados pelo mundo moderno para dividir, classificar e hierarquizar os homens, para melhor governá-los, explorá-los e dominá-los” (2008, p. 67). Nesse sentido, o autor entende que o procedimento que deve ser adotado pelos historiadores em relação ao regional é o de desconstrução:

O historiador do regional seria aquele que poria em questão as versões, as identidades, as verdades, as essências atribuídas às regiões. [...] O historiador do regional seria aquele que se voltaria contra qualquer cristalização do regional, que fugiria do gesto comum de alojar a região no passado, numa origem: seria aquele que tomaria o recorte regional como espaço de experiências aberto a horizontes de possibilidades outras. O historiador do regional o encararia como um campo de luta, que implica em assumir posições, em ocupar lugares de sujeito, em se postar no meio da batalha de ações e de discursos, de apresentações e de representações da própria região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 64).

Albuquerque Júnior nos auxilia a compreender o papel dos historiadores na contemporaneidade. Uma das tarefas é colocar em questão a formação da região de modo

problematizador. Ou seja, colocar em questão as construções identitárias, as versões cristalizadas, é tarefa urgente a fim de identificar o regional como espaço de experiências plurais.

Esta questão do regional, como já apontamos, também é visível no campo de produção literária. Uma autora que nos auxilia a pensarmos as produções literárias que tomam o Sul do Brasil como objeto de reflexão é a crítica Marilene Weinhardt, autora de inúmeros trabalhos sobre o tema. Apresenta, dentro do campo da Literatura, as especificidades da narrativa do romance histórico, problematizando-o no conjunto de produções até os anos de 1990.

A pesquisadora questiona e analisa, a partir do estudo de inúmeras obras de expressão ficcional, as características registradas em torno da região Sul, incluindo noções geográficas, históricas e culturais. Suas problematizações são fundamentais para se pensar a fonte romance histórico e sua vinculação de sentidos sobre diferentes episódios do Sul do Brasil. Além disso, Marilene aplica o conceito de transculturação⁸, desenvolvido por Ángel Rama, ao invés de aculturação⁹, evidenciando as inúmeras formas de adaptação e sobrevivência que dão sentido comum tanto ao sertanejo, quanto ao imigrante presentes nesse meio.

Weinhardt publicou em 2004, pela editora da UFPR, o livro *Ficção Histórica e Regionalismo: Estudos sobre romances do Sul*, um de seus principais trabalhos, no qual a autora dedica especial atenção para citar e analisar os romances históricos em torno dessa região, inclusive a respeito da Guerra do Contestado. Os romances históricos analisados por Weinhardt que tratam do Contestado são: *Casa Verde* (1963), de Noel Nascimento e *Geração do Deserto* (1964) – fonte que utilizamos nessa pesquisa –, de Guido Wilmar Sassi. Antes de falar sobre as obras e analisá-las, a autora faz uma breve contextualização de forma a situar o autor a respeito do conflito ocorrido. As análises realizadas por Weinhardt contribuem para essa pesquisa, pois a autora, ao apresentar sua crítica, nos possibilita a compreender outras formas de análise¹⁰.

Por fim, cabe mencionar que também é nosso objetivo realizar discussão a respeito da nomenclatura utilizada pelos autores para se referir aos sujeitos do Contestado, pois, como já mencionado, esses sujeitos marginalizados foram classificados ora como sertanejos, ora como caboclos, variando de acordo com os romancistas. Ou seja, a terminologia que se aplica a estes

⁸ Entendido com conceito que auxilia a pensar a transformação cultural resultado contato entre duas culturas. Termo “[...] sugerido por Rama para articular os conceitos de independência, originalidade e representatividade” (WEINHARDT, 2004, p. 182). Para mais informações, consultar a obra: RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁹ Conceito que identifica o indivíduo modificado, adaptado ou transformado a partir da cultura do outro. (WEINHARDT, 2004, p. 21)

¹⁰ A análise realizada por Marilene Weinhardt sobre o romance histórico *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi, será exposta e discutida no primeiro capítulo desse trabalho, no estado da arte a respeito do romance em questão.

sujeitos é um ponto que acaba por dividir opiniões no campo dos estudos sobre a Guerra do Contestado.

Sobre esta questão, Katiúscia Maria Lazarin desenvolveu pesquisa em que se preocupa em especificar o motivo de nomear os sujeitos do contestado como sendo sertanejos. A autora afirma o seguinte:

Estou considerando, neste trabalho, que a população sertaneja da região era constituída de indivíduos os quais eram chamados na época de caboclos. Essa denominação, aparentemente, exclui os imigrantes europeus e seus descendentes que, mesmo em número reduzido, também escolheram viver nas Cidades Santas e foram, juntamente com os caboclos, alvos de preconceitos e julgamentos. Dizia-se que se acaboclizaram. Portanto, utilizo o termo sertanejo numa tentativa de considerar, neste estudo não importando a etnia - todos os habitantes da região que participaram desse movimento social. (LAZARIN, 2005, p. 9).

É notável, portanto, que Lazarin procura justificar o uso do termo sertanejos ao invés de caboclos para se referir aos sujeitos do Contestado. Nesse trecho a autora se preocupa em incluir, entre os sujeitos do contestado, os imigrantes que também passaram a povoar os redutos. Por este motivo, segundo a autora, não é correto utilizar o termo “caboclo”, dando a entender que o imigrante europeu seria, de certa forma, “rebaixado” ao ser denominado dessa forma.

Apesar de citar a presença dos imigrantes europeus, a autora em nenhum momento problematiza as versões oficiais em torno da imigração. Além disso, Lazarin trata sua presença nas “cidades santas” como uma escolha quando, na verdade, a grande maioria da população passou a fazer parte dos redutos por não ter outra opção de moradia, nem de sustento. Nesse sentido, a autora acaba aderindo aos discursos oficiais, pois afirma que:

Com o passar do tempo, alguns membros “de origem” acabam se voltando para os ofícios considerados “de caboclo” ou não prosperam como deveriam. Quando isso acontece, eles também acabam excluídos do grupo por terem se “acaboclado” (LAZARIN, 2005, p. 12).

Neste trecho, podemos entender que Lazarin trata a prosperidade como uma condição natural dos imigrantes europeus, aqui nomeados como “membros de origem”. Quanto às suas caracterizações ao termo “caboclo”:

Além de indicar a divisão do trabalho, marca todo um modo de vida tradicional estigmatizado por falta de higiene, promiscuidade, casamentos e separações freqüentes, o mau uso do dinheiro, etc. [...] Além disso, “caboclo” ainda é sinônimo de preguiça, pobreza, pessoa pouco confiável, arredo, “bicho do mato”, e quando se utiliza o nome como xingamento é a suposta

herança da natureza indígena ou negra que sobressai (LAZARIN, 2006, 12-13).

Levando em consideração a crítica feita por Lazarin, na qual a autora procura desconstruir generalizações, podemos verificar que, e de certa forma, a autora acaba aderindo ao discurso oficial, pois atribui várias características negativas ao termo, sem ao menos trazer uma citação para fundamentar sua discussão a respeito disso.

Em contraposição, segundo Lazarin, o correto é utilizar o termo “sertanejos”, mas a autora não traz muitas explicações a respeito da origem dessa nomenclatura. Afirma que, segundo o imaginário catarinense, os sertanejos seriam “portadores de uma imensa bravura em combate. “Coragem” e “força” são expressões que vem acompanhadas de “bandidos” e “sanguinários” (2005, p. 39).

Porém, é preciso considerar que ao denominar a região contestada de Santa Catarina como sendo “sertão catarinense” e seus habitantes como sendo “sertanejos” (2005, p. 39), a autora está afirmando que essa região, até então, era inabitada. De certa forma, a autora acaba excluindo desse meio alguns sujeitos que sempre estiveram presentes, mesmo antes dos posseiros: os indígenas.

Para mencionar outro trabalho que fala a respeito dos caboclos, citamos o historiador Marcio Antônio Both da Silva, que escreveu o artigo nomeado *Caboclos*, publicado em 2014. De acordo com o autor, “a palavra “caboclo”, bem como os outros termos antes listados, é deveras escorregadia, uma vez que, em determinadas situações, parece ser bastante adequada, embora em outras não” (SILVA, 2014, p. 339). Silva explica que existem variadas representações feitas aos sujeitos que se identificam com essa palavra:

Do ponto de vista racial, esse grupo já foi descrito como formado por pessoas que não são negras, brancas ou índias, mas mestiças. Do ponto de vista econômico, em sua maioria, os estudos produzidos indicam que se trata de lavradores pobres que praticam um tipo específico de agricultura voltado à subsistência, os quais, no sul do Brasil, entraram em contato direto com as frentes de colonização imigrante (cf. Zarth, 1997; Farinatti, 1999; Rückert, 1997; Martini, 1993). Todavia, do ponto de vista cultural, a indicação é a de que eles guardavam formas próprias de se relacionar com o mundo natural, com a religião e com a sociedade mais ampla da qual participam (cf. Candido, 1964; Franco, 1997; Renk, 1997) (SILVA, 2014, p. 339).

Apesar dessas caracterizações, os caboclos “com frequência são representados e apresentados como vadios, móveis, ignorantes, impróprios à modernidade, etc” (2014, p. 339). Portanto, apesar de ter várias significações, essa palavra também carrega consigo um conteúdo

pejorativo, segundo Silva. Além disso, ao pesquisar o sentido da palavra em diferentes períodos e regiões, o autor também afirma que:

A palavra “caboclo” quer representar, portanto, um tipo social que habita o mundo rural, que tem uma forma de viver, comparativamente aos colonos imigrantes, diferenciada e que é interpretada pelo imigrante como “pobre”. Por seu turno, segundo esse ponto de vista, o imigrante ou descendente, quando adota para si o modo de vida característico do caboclo, é definido e/ou considerado um “acaboclado” (SILVA, 2014, p. 345).

Como pode ser verificado nesta citação, Silva também faz referência aos descendentes de imigrantes, porém, ao contrário de Lazzarin, para o autor, a palavra “caboclos” também inclui esses sujeitos. Além disso, o autor não descreve a “caboclicização” de forma pejorativa. Estas questões poderão ser aprofundadas¹¹ no exercício de análise dos romances históricos selecionados para a pesquisa, na medida em que os autores também fazem uso destas classificações e impõem sentidos. É importante esclarecermos que, nesta dissertação, utilizaremos a expressão sertanejos para identificar a população presente no território contestado. Esta opção terminológica ajuda a entendermos a diversidade humana presente no interior do território brasileiro, independentemente de sua localização.

A justificativa para a realização da presente pesquisa, bem como a escolha das fontes a serem utilizadas, partem de uma perspectiva pessoal. Primeiramente, cabe mencionar a possibilidade do aperfeiçoamento intelectual aos que buscam o conhecimento por meio do diálogo interdisciplinar entre História e Literatura. Além disso, a familiarização com este gênero literário – romance histórico – e a satisfação em utilizá-lo como fonte para a história faz com que a pesquisa, ao invés de cansativa, se torne prazerosa. Assim, também julgo ser extremamente significativo, na contemporaneidade, realizar estudos referentes à história do regional.

Já na perspectiva social, é importante mencionar que ao analisar as representações identitárias em torno do movimento do Contestado nos romances históricos já mencionados, estaremos explorando um tema que, apesar de sua dimensão, é pouco conhecido pela população brasileira e, além disso, será possível dar visibilidade aos sujeitos que são esquecidos pela história oficial, ou são vistos em meio aos estereótipos. Cabe salientar, ainda, que ao pesquisar

¹¹ Outra pesquisadora relevante neste campo de estudos e que poderemos considerar na pesquisa é a historiadora Giralda Seyferth, autora de inúmeros trabalhos sobre o tema. A título de exemplo indica-se: SEYFERTH, Giralda. *Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso)*. Museu Nacional, UFRJ - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993; SEYFERTH, Giralda. “Imigração, Colonização e Identidade étnica (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no Sul do Brasil)”. Museu Nacional, UFRJ. *Revista de Antropologia*. (29), 1986.

sobre um dos conflitos mais sangrentos da história do Brasil, será possível desconstruir estas versões oficializadas, mostrando estados conflituosos, habitados por uma população heterogênea e que possui questões pouco estudadas, mas que fazem parte da história deste território.

Por fim, na perspectiva acadêmica, buscamos dar sequência e aprofundar pesquisas iniciadas ainda na monografia¹² (2021), na qual analisamos as representações do Contestado presentes no romance histórico *O bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto. Além disso, procuramos expandir a área de estudos referentes ao uso da literatura enquanto fonte para a história, mais especificadamente romances históricos produzidos em torno da história da região do Contestado, dado que este tipo de fonte é pouco utilizado em nosso campo, sendo preferido, muitas vezes, a utilização de romances internacionais, ou mesmo nacionais que são considerados “modelos”.

De forma a mostrar o caminho a ser percorrido nesta pesquisa, cabe mencionar que no primeiro capítulo pretendemos explorar as representações identitárias presentes no romance histórico intitulado *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi. Objetivamos também compreender a forma pela qual este romance contribui para a reconstrução da história oficial a respeito desse conflito e da identidade regional, de forma a demonstrar o protagonismo de variados sujeitos que foram excluídos pela historiografia oficial, mas que sempre estiveram presentes neste meio.

No segundo e último capítulo, à exemplo do primeiro, o objetivo é compreender a forma pela qual o autor atribui sentidos e identidades aos sertanejos do Contestado. Desconstruir uma história oficial a respeito do conflito, que exclui os sujeitos que dele fizeram parte, também é um de nossos objetivos. A fonte utilizada neste capítulo é o romance histórico *O Reino Místico dos Pinheirais*, de Wilson Joel Leal Gasino (2011).

Por fim, no último item dissertativo desta pesquisa – nas considerações finais – foi reservado um espaço para a realização de uma análise comparativa entre os romances históricos problematizados nos capítulos que seguem. O objetivo é evidenciar as principais características das obras em questão, buscando destacar os sujeitos e acontecimentos mais relevantes para cada romancista, levando em consideração a diferença de temporalidade de ambas as fontes, procurando refletir sobre como essa temporalidade em que os romances foram escritos e publicados influenciaram os romancistas em suas respectivas escritas.

¹² LINN, Natiely Aparecida. *Entre a História e a Literatura: Representações do Contestado no Romance Histórico de Godofredo de Oliveira Neto*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2021.

Como visto nos parágrafos acima, a presente pesquisa de dissertação está organizada em dois capítulos, ambos de análise de fonte, um para cada romance histórico selecionado. Pretendemos iniciar os capítulos apresentando os romances históricos e seus autores, expondo suas características por meio de uma resenha crítica. O próximo passo é realizar uma breve exposição a respeito da visão de história narrada em cada romance histórico. Posteriormente, planejamos iniciar a análise do conteúdo respondendo algumas questões que dizem respeito às características de cada romance como, por exemplo: Qual o período/contexto histórico de escrita e publicação do romance? Qual a visão de história do autor? Quais os personagens que se sobressaem na obra? Como o autor representa os sujeitos marginalizados do Contestado? Qual ou quais identidades lhes atribui? Os considera caboclos? Sertanejos? Como registra os costumes e como narra a convivência entre estes sujeitos no contexto do Contestado? Quais aspectos do campo histórico predominam no momento de sua produção? Qual a importância desta fonte para a revisão da história dos sertanejos do contestado na contemporaneidade? Que tipo de acervo de memórias estas fontes sintetizam? Dentre outras questões que surgirão no decorrer da análise.

CAPÍTULO I

GUIDO SASSI: *GERAÇÃO DO DESERTO* E O PROTAGONISMO DOS CABOCLOS DO CONTESTADO

Neste capítulo buscamos situar o romance histórico *Geração do deserto*, publicado em 1964, enquanto fonte no campo de estudos da História Cultural. Interessa-nos entender a relevância desta produção enquanto possibilidade de representação de diferentes aspectos, sensíveis, emotivos e subjetivos em torno da Guerra do Contestado. Buscamos compreender o significado desta obra no contexto do início dos anos de 1960, dando ênfase à sua contribuição ao promover um revisionismo histórico, dando voz e sentido às inúmeras perspectivas dos sujeitos históricos, protagonistas do romance: os sertanejos.

1.1 – Guido Sassi – Trajetórias

Geração do deserto é considerada pela crítica a grande obra de Guido Wilmar Sassi. Este romancista nasceu em 1922, na cidade de Lages, Santa Catarina. Filho de descendentes de imigrantes alemães e italianos, cujo pai era Francisco Sassi e a mãe Ana Maria Hamitzsch. Viveu, durante sua infância e juventude, na cidade de Campos Novos, do mesmo estado. Segundo informações do Jornal de Notícias da UFSC, Sassi:

na primeira infância, conviveu com a avó materna, Gertrudes Gesing – viúva do escultor e canteiro alemão Clemente Hamitzsch –, espécie de tutora que lhe permitiu importante acesso ao mundo das letras, jornais, folhetins e, fundamentalmente, um dicionário. (Notícias da UFSC, 2022)

Sobre sua formação intelectual inicial, as informações parecem contraditórias. Acima, na citação, evidencia-se a influência da avó materna, como sua tutora. Já na aba do romance, por exemplo, temos a seguinte informação (SASSI; 2012. Aba): Sassi foi “autodidata cem por cento, não terminou sequer o curso ginásial. Sua educação se fez unicamente por intermédio de leituras, sem qualquer orientação ou método”. Já no site “Notícias da UFSC” encontramos a seguinte nota:

No ensino formal, em Lages e em Campos Novos, Guido frequentou diferentes escolas, chegando a circular entre alunos e professores do Colégio Diocesano em fins dos anos 1930, instituição de referência para elite da região serrana, dirigida pela Ordem dos Frades Menores dos padres franciscanos. Nessa época é presenteado pela mãe com a primeira máquina de escrever. Acompanhando idas e vindas da família, no período, também travou os primeiros contatos com o cinema, especialmente filmes de faroeste que lhe marcariam por toda a vida. (UFSC, 2022).

Afirma-se também que Sassi (aba, 2012), aprendeu tudo por meio da leitura, na medida em que aos doze anos de idade já se interessava por interpretar todos os tipos de escritos, desde a bíblia, romances, ficção científica, compêndios de física e química, Machado de Assis, dentre outros. Juntamente à sua apreciação pela leitura veio sua paixão pela escrita, tendo colaborado, inclusive, com a imprensa de sua cidade natal (Lages - SC).¹³ Inicialmente, teve como tema principal a exploração da madeira, mais especificadamente o pinheiro. Publicou em 1949 seu primeiro conto na *Revista do Globo*, nomeado *Amigo Velho*, título que mais tarde passou a ser de um de seus livros.

Ao pensarmos a respeito das obras e produções de Sassi, podemos notar que se relacionam diretamente com o que o autor viveu e presenciou durante sua vida. Por isso, é de grande valia compreender melhor a respeito da trajetória do romancista, pois assim entendemos de que forma isso influencia e reflete em seus escritos. Isto posto, cabe citar um trecho escrito por Aline Majolo, em sua dissertação, que fala a respeito dessa questão:

Sassi conviveu com a dura realidade da exploração da araucária em sua região, exploração essa sem limites do pinheiro e das madeiras de lei, via o desrespeito à natureza, pois na época poucas eram as leis para o controle do desmatamento excessivo. Os pinheiros eram colocados abaixo sem a menor piedade, árvores centenárias com mais de doze metros de altura vinham ao chão e se extraía apenas cinco ou seis metros dessa madeira, tudo isso atrelado à busca do poder. Essas imagens ficaram gravadas na memória do autor, que anos mais tarde escreveria sobre essa dura realidade (MAJOLO, 2023, p.27).

¹³ Segundo informações do site de notícias da UFSC: “Dizia-se “criança de Lobato” e assíduo leitor das coleções infantis como *Terramarear* e *Para Todos*. Com o apoio do frei Sebastião da Silva Neiva, começou a publicar os primeiros textos na imprensa de Lages, com pseudônimo de Nélio Cardoso, cogitando estudar na capital, no Colégio Catarinense, aonde chega a prestar exame para admissão, alcançado segundo lugar. No entanto, com a morte do pai, em 1942, Guido interrompe os estudos e passa a auxiliar a mãe com a “Padaria Lageana”. Desde então foi balconista, depois funcionário do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (1943) e, já na década de 1950, funcionário do Banco do Brasil em Rio do Sul/SC e em Lages”. <https://noticias.ufsc.br/2022/11/centenario-de-guido-wilmar-sassi-e-comemorado-com-mesa-redonda-na-ufsc/>. Acessado em 09/11/2023

Sassi teve alguns de seus contos publicados em jornais e revistas do Brasil e de Portugal, e venceu vários concursos literários. Na década de 1950 o autor participou da editora *Edições Sul*, de Florianópolis, onde publicou seus principais contos: *Piá* e *Amigo Velho*. O autor residiu em São Paulo com sua esposa e filhos no período de um ano, onde publicou seu importante romance *São Miguel*, e em 1963 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde publicou outras obras¹⁴, dentre elas, *Geração do Deserto* (1964).

Ao considerar o ano de publicação de *Geração do Deserto*, dificilmente não o associamos a um marcante evento na história do Brasil: o golpe, que deu início à Ditadura Militar (1964-1985). Sabe-se que umas das principais características desse período crítico da história brasileira foi a censura. Nesse sentido, as artes, inclusive a Literatura, passaram a ser desprezadas e censuradas. Esse evento acabou interferindo diretamente na vida e carreira de Sassi, como pode ser verificado na citação a seguir, numa entrevista que Sassi concedeu a Giovanni Ricciardi (1990):

As piores de todas são as crises político-financeiras, pois elas concorrem para o agravamento de todas as outras. Em 1964, data do último golpe militar no País, quando o trabalho e a liberdade passaram a ser considerados mais insignificantes do que as latas de lixo, eu resolvi deixar de escrever e de fumar. Foi a maior crise que enfrentei: durou quase dezesseis anos. Enquanto ela durou eu não quis saber de escritores ou leitores, nem de livros, idéias ou personagens, nem de nada que se ligasse à arte e à literatura. (SASSI in RICCIARDI, 2002, p. 11 Apud MAJOLO, 2023, p. 19-20)

O trecho acima, citado por Aline Majolo em sua recente dissertação de mestrado¹⁵, mostra a crise enfrentada por Sassi com o advento da Ditadura Militar, bem como a forma pela qual ela influenciou em sua vida e carreira. Como visto no fragmento da entrevista, foram mais de quinze anos de estagnação intelectual, em que o autor se desligou totalmente de qualquer tipo de estudo, leitura, escrita, enfim, do mundo intelectual. O que pode ter contribuído para esse distanciamento de Sassi da Literatura, foram, segundo Majolo, alguns problemas relacionados à *Geração do Deserto*: “Com GD, Sassi teve problemas com a censura, até mesmo relata que a obra foi considerada ‘comunizante pela imprensa reacionária’” (SOARES;

¹⁴ Os trabalhos de Sassi são: *Piá* (contos), publicado em 1953 pela editora Edições Sul; *Amigo Velho* (contos), publicado em 1957 pela mesma editora; *Vinte Histórias Curtas*, com colaboração de Esdras do Nascimento e outros, publicado pela Editora Antunes em 1960; *São Miguel* (romance), publicado em 1962, pela Editora Boa Leitura; *Testemunha do Tempo* (contos de ficção científica), publicado em 1963; *Geração do Deserto* (romance), publicado em 1964 pela Editora Civilização Brasileira S.A. *Calendário da Eternidade* (romance), publicado em 1983 pela Editora EDUFSC; e *Os Sete Mistérios da Casa Queimada* (romance), publicado em 1989 pela Editora EDUFSC. Além dessas obras, o autor tem diversas participações em antologias e coletâneas.

¹⁵ MAJOLO, Aline. Contestando o Contestado: um olhar benjaminiano sobre “Geração do Deserto”, de Guido Wilmar Sassi. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó – SC, 2023.

MIGUEL, 1992, p. 147 Apud MAJOLO, 2023, p. 28). Ainda a respeito desses problemas que envolveram a obra de Sassi, de acordo com o trabalho de Majolo:

Chegou a ser apresentado, em 1962, a uma editora de São Paulo que quis alterar, editar partes que culminariam por retalhar todo o texto. Inclusive, na época, “a editora ofereceu uma vultosa indenização para que desistisse da publicação e se calasse. Aceitou. Porém, guardou as provas tipográficas da primeira versão, a título de curiosidade, mas não por muito tempo.” (MIRANDA, 1997, p. 46 apud MAJOLO, 2023, p. 28).

A respeito dessa questão, Majolo cita Salim Miguel, que também entrevistou Sassi. Segundo o que nos escreve Majolo, Sassi já havia até assinado o contrato com essa editora, porém, depois de ver as alterações do texto, “foi até a sede da editora, pediu para falar com o diretor, puxou o contrato, rasgou e exclamou: ‘É isso que faço com o contrato de vocês, ninguém mexe no meu texto, vou ficar com as provas’” (SASSI in MIGUEL, 2008, p. 150 apud MAJOLO, 2023, p.28).

Depois desses problemas que envolveram *Geração do Deserto*, continua Majolo: “a primeira edição se deu, logo após o golpe militar, em 1964, pela Editora Civilização Brasileira. Nesse momento, foi melhor recebido pela crítica e pelos leitores, ‘mas a censura que então se implantara declarou que o livro era comunizante e Ênio Silveira¹⁶ e a editora foram praticamente estrangulados.’” (MIGUEL, 2008, p. 150 apud MAJOLO, 2023, p. 29).

Por fim, depois do “autoexílio literário”¹⁷ de Sassi – ocasionado por conta da Ditadura Militar e a consequente censura que foi imposta às produções intelectuais que atingiu, inclusive sua obra recém-publicada, *Geração do Deserto* (1964) –, o autor voltou a produzir nos anos de 1980. Em entrevista à Salim Miguel, que questiona a retomada do autor, Sassi explica o que o motivou a voltar a escrever, depois de tantos anos:

Pelo mesmo motivo porque deixei de escrever durante esse longo tempo. Raiva, Ira. Irapura ou puraíra, como queiram. O artista, neste País (nos outros não sei, pois desconheço as condições) manifesta-se contra, pois não há maneira de manifestar-se pró. O ficcionista cria, ou deixa de criar, em sinal de protesto. Se os gritos são considerados sinal de protesto, o silêncio também o é. Eu preferi calar-me, protestando sempre. Eu mesmo coloquei a mordaca em minha boca: foi meu jeito de gritar contra. Raiva! Impotência! E então, de repente, a raiva de escrever atacou-me de novo. Por isso recomecei a escrever, e também porque, em 1980, subitamente, adoeci de um romance. E tive que gestá-lo, quisesse ou não. O resultado aí está: o livro vai sair, em outubro, pela

¹⁶ Editor da Civilização Brasileira S.A.

¹⁷ Essa expressão foi utilizada no site da UFSC para se referir ao tempo em que Sassi ficou sem produzir. <https://noticias.ufsc.br/2022/11/centenario-de-guido-wilmar-sassi-e-comemorado-com-mesa-redonda-na-ufsc/>. Acessado em 19/11/2023

Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (SASSI in MIGUEL, 2008, p. 157 apud MAJOLO, 2023, p. 101).¹⁸

Dessa forma, podemos perceber que a mesma indignação que o fez parar de escrever foi o que o motivou a voltar para a escrita. O livro que Sassi menciona no trecho da entrevista é *O calendário da eternidade* (1983), pela editora da UFSC, romance que marcou sua reestreia na cena literária. Logo em seguida, no ano de 1989, o autor publicou o romance *Os sete mistérios da casa queimada* (1989), pela mesma editora. Sassi também publicou, em 1986, o conto *A bomba atômica de Deus* (1986) pela Fundação Catarinense de Cultura. Sassi faleceu em maio de 2003.¹⁹

É a crítica Marilene Weinhardt que vai destacar, na obra *Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado*, a relevância do autor no campo literário e cultural catarinense, afirmando que, de todos, este romancista “é o que conta com uma carreira literária mais sólida e com fortuna crítica considerável” (WEINHARDT, 2002, p. 129). Neste livro, no capítulo nomeado “A dimensão bíblica dos seguidores de José Maria” (p.129-145), Weinhardt analisa o romance histórico *Geração do Deserto* (1964), o que contribui para a presente pesquisa, já que possibilita que compreendamos análises distintas, com intenções diferentes, sobre a mesma obra. A análise realizada por Weinhardt será mencionada mais adiante, no estado da arte a respeito desse romance.

Outro livro publicado pela autora é *Ficção Histórica e Regionalismo: Estudos sobre romances do Sul* (2004), já mencionado anteriormente, na introdução desse trabalho. Nesse livro a autora considera o romance histórico de Sassi e realiza uma análise breve, comparando-o com outros romances referentes à região Sul. O trabalho de análise de Weinhardt também contribuiu para esta pesquisa, pois apresenta várias especificidades a respeito dos romances históricos produzidos na região Sul, apontando para as temáticas mais representadas.

Como já mencionado anteriormente, é fundamental pensarmos na trajetória intelectual do autor, pois a jornada percorrida, as experiências, sua formação, influenciaram diretamente na construção de seus trabalhos e produções. No caso de Sassi, é interessante considerar que o

¹⁸ Este trecho de entrevista foi retirado da dissertação de mestrado de Aline Majolo – já mencionada nessa pesquisa. A autora não utiliza esse fragmento no decorrer de seu texto, mas expõe, em anexo ao seu trabalho, a entrevista completa que Sassi concedeu a Salim Miguel que, juntamente com outras entrevistas, foi transformada no livro *Salim Miguel, minhas memórias de escritores* (2008).

MAJOLO, Aline. *Contestando o Contestado: um olhar benjaminiano sobre “Geração do Deserto”*, de Guido Wilmar Sassi. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó – SC, 2023.

¹⁹ As informações de que nos valem a respeito da trajetória de Guido Wilmar Sassi foram consultadas no item “Nota sobre o autor”, da quinta edição do romance, publicada em 2012. Também buscamos informações no site da UFSC, em especial no site de notícias, que concentra artigos sobre o autor.

autor é descendente de imigrantes europeus, nasceu apenas seis anos após o término da guerra (1922), e cresceu numa cidade que fez parte da região contestada, onde provavelmente ouviu muitas histórias sobre o conflito e o movimento em si.

Levando em consideração as circunstâncias – como a temporalidade e o ambiente em que Sassi nasceu e cresceu –, é muito interessante o fato de o autor não adotar versões oficializadas sobre a Guerra do Contestado, disponíveis nos arquivos militares e na imprensa da época que, segundo Massagli (2023, p. 9), “consideravam a guerra “necessária” e mostravam empatia com os vencedores, tratando suas ações como “verdadeiras” e “justas”, ao mesmo tempo em que abordavam os sertanejos como rudes, analfabetos e fanáticos”. Pelo contrário, Sassi procura mostrar em seu romance a versão dos vencidos e marginalizados, evidenciando o protagonismo dos sertanejos.

Além de considerarmos a trajetória de vida do autor, é importante também avaliar a temporalidade em que o romance foi escrito. No fim da obra – página 175 da primeira edição – o autor indica que iniciou a escrita do romance em setembro de 1960 e terminou no mês de novembro de 1963; portanto, é possível constatar que, apesar de a obra ter sido publicada no início de 1964, no período em que o autor o escreveu estava em vigor, no Brasil, o regime de governo democrático. Essa questão talvez justifique o fato de o autor sentir-se à vontade para manifestar empatia pelos sertanejos em relação à luta contra as forças oficiais do Estado, apontando no romance que estes também são sujeitos históricos. Esta “simpatia” pela causa sertaneja talvez ajude a explicar a classificação de perspectiva “comunizante” atribuída à obra por editores, como vimos antes.

Porém, é preciso considerar que apesar da existência de um governo democrático no momento de escrita do romance, este período que antecede o golpe também foi conturbado, pois no Brasil, “o debate sobre a reforma agrária efervescia e isso gerava tensão na ordem senhorial. Assim como a sindicalização do campo, algo inédito na história do Brasil. Movimentos sociais despontavam entre as décadas de 1950 e 1960 [...]” (AMORIM, 2022, p. 11). Nesse sentido, as chamadas reformas de base, impostas mais adiante pelo presidente João Goulart, já apresentavam seus primeiros sinais, pois “desde o parlamentarismo, Goulart levantou a bandeira da reforma agrária; em discurso no dia 1º de maio de 1962, o presidente propunha a revisão do Artigo 141 da Carta de 1946 que condicionava as desapropriações de terra à “prévia indenização em dinheiro” (TOLEDO, 2004, p. 21)²⁰.

²⁰ Para mais informações a respeito desse período, consultar: TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: O golpe contra as reformas e a democracia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28 – 2004.; AMORIM, Alexandre Silveira de. **O governo João Goulart, as Reformas de Base e o Golpe de 1964**. Trabalho de conclusão

1.2 – *Geração do Deserto* – Notas da história e da crítica literária

Dentre as produções de Sassi, a obra que nos interessa para análise no presente trabalho é o romance histórico *Geração do Deserto* (1964 – 1º ed.)²¹, na qual o autor, utilizando-se da História, conta de forma romaneada como ocorreu a Guerra do Contestado – que por muitos, até hoje, é desconhecida –, bem como suas motivações, especificidades e desdobramentos, detalhando como se dava, na concepção do autor, a convivência e o relacionamento entre os sertanejos que habitavam os redutos do Contestado.

A primeira edição do romance histórico *Geração do Deserto* foi publicada em 1964 pela editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro. Possui índice e cento e setenta e cinco páginas, que estão divididas em quatro partes, as quais recebem como título o nome dos quatro principais redutos sertanejos do Contestado: Irani, Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria. Cada uma das partes também é dividida em capítulos.

Uma questão curiosa e interessante a respeito da origem dos nomes dados aos principais redutos sertanejos do Contestado – escolhidos por Sassi para representar as quatro partes do seu romance histórico – é destacada por Gustavo Gabriel Garcia, em seu artigo nomeado *A Geração Eleita do Contestado: Da Geografia ao Romance* (2020) Segundo o autor, somente o nome do reduto de Santa Maria não tem origem Tupi-Guarani:

Irani significa “Mel Envelhecido” relacionado a beleza da flora e da fauna local. Taquaruçu significa “Bambus ou Taquaras” nome comumente atribuído a locais que se encontra considerável quantidade dessas plantas. O nome de Caraguatá se refere a planta da família das bromeliáceas que produz fruto. O nome do reduto de Santa Maria esta relacionado com a crença na salvação, fazendo alusão a fé cristão (GARCIA, 2020, p. 5592).

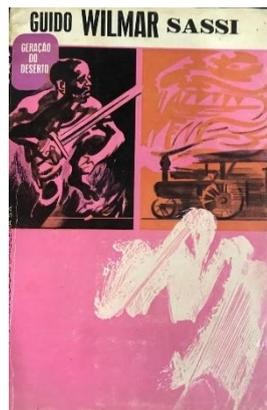
Essa questão é muito interessante e, apesar de não problematizada por Garcia, não pode passar despercebida na presente pesquisa. É preciso apontar para a falta de personagens indígenas no romance de Sassi. O autor procura mostrar o protagonismo dos sujeitos que foram excluídos da história por meio das versões oficiais, mas esquece de representar os indígenas, sujeitos que estiveram presentes nesse meio antes, durante e depois da Guerra do Contestado.

de curso (Graduação em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2022.; SOUZA, André de; COSTA, Cleber; CARVALHO, Lisiane. As reformas de base e o golpe de 64. **Em Debat: Rev. Dig.**, ISSN 1980-3532, Florianópolis, n 3, p. 1-9, 2007.; LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio da. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 122, p. 275-293, abr./jun. 2015.

²¹ SASSI, Guido Wilmar. *Geração do Deserto*. Romance – 1. ed. Editora Civilização Brasileira S.A, Rio de Janeiro, 1964.

Portanto, esta é uma crítica que cabe ao autor, pois o mesmo, em nenhum momento, sequer menciona os povos indígenas, os quais foram tão influentes que, inclusive, dão origem aos nomes dos principais redutos do Contestado, como afirma o pesquisador Gustavo Garcia²².

Nesta primeira edição o desenho ilustrado é de Eugênio Hirsch, que mostra um sertanejo em combate, com sua espada, e ao lado se destaca o trem, representando a construção da estrada de ferro, que foi um fator importante na eclosão da guerra.



Capa da primeira edição, 1964.

Na primeira edição encontramos, também, informações a respeito da especificidade e relevância do romance de Sassi por meio da aba, intitulada “O romance da guerra do Contestado”, redigida por Esdras do Nascimento²³. Segundo este autor, avaliando a originalidade da trama e a relevância do conteúdo do romance:

Recriando a realidade em termos de ficção, Guido Wilmar Sassi produziu *Geração do Deserto* um romance de alto nível técnico e bela linguagem, no qual se cruzam lances dramáticos de grande intensidade e fabulosas histórias de amor, condimentadas pelo misticismo primário e pela violência dos combates entre as tropas comandadas por Estillac Leal e os jagunços liderados por Adeodato. Discordando da tese sustentada por muitos de que se tratava apenas de mais um caso de fanatismo religioso, o autor de *Geração do Deserto*, através de episódios de rara grandiosidade, demonstra que o movimento do Contestado era, simplesmente, a luta de camponeses, pequenos fazendeiros e industriais, na tentativa de recuperar seus direitos e suas terras. [...] O novo romance de Guido Wilmar Sassi despertará sensações fortes no leitor e o levará, estou certo, à conscientização de um problema gravíssimo (o da terra), que tem servido de assunto a muita discursão oficial, mas continua,

²² A questão da falta da representação dos indígenas no romance histórico de Sassi (assim como ocorre com os muitos romancistas) não passará despercebida nessa pesquisa. Mais adiante, durante as análises dessa dissertação, será reservado um espaço para essa discussão.

²³ Escritor e romancista brasileiro, bacharel em Filosofia, mestre em comunicação e doutor em Letras pela UFRJ. Autor de inúmeras obras, dentre elas *Lição da Noite*, vencedor em 1998 do prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

inalterado, a desafiar a coragem e a capacidade de decisão dos homens públicos e do governo do País.

Esdras, ainda em 1964, aponta para a originalidade da tese sustentada por Sassi que busca evidenciar a luta pela posse da terra por camponeses que foram expropriados dela. Importante também é a noção de que este romance pode despertar a consciência crítica dos leitores para com o tema que, no período de publicação, era de intensa repercussão nas mídias mas de pouca ação por parte dos homens públicos.

A respeito da luta pela posse da terra, questão presente na obra de Sassi – como mencionado por Esdras –, Heloísa Miranda (1997, p. 137-138) salienta que: “o problema da posse de terra continua existindo, ainda hoje, como se pode verificar na luta dos milhares de sem terra pela reforma agrária brasileira”. Portanto, ao refletirmos a respeito dessa problemática trazida por Miranda, notamos que mesmo passados tantos anos do fim da Guerra do Contestado, esse problema ainda não foi resolvido.

O romance histórico de Sassi já possui cinco edições. Após a primeira, as demais edições foram publicadas nos anos de 1982, 2000, 2002 e 2012, todas pela editora Movimento (exceto a primeira)²⁴. Dessa forma, fica claro que *Geração do Deserto* é um sucesso literário, sendo um dos romances históricos precursores sobre a Guerra do Contestado. Inclusive, outro fato interessante sobre a obra é que foi levada à tela no ano de 1971, em forma de filme, que recebeu o título de *A Guerra dos Pelados*²⁵.

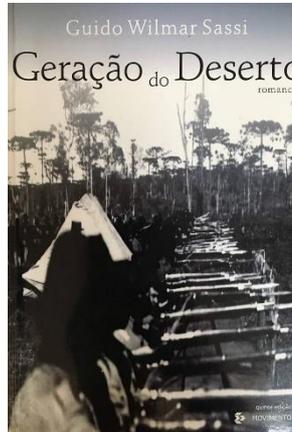
A respeito dessa repercussão do romance, Abele Marcos Casarotto afirma, em sua tese de doutorado, que, em “*Geração do Deserto*, encontram-se múltiplos estilhaços da Guerra do Contestado — históricos, jornalísticos, memórias — mas ele também passa a ser um dos estilhaços, quando é estilhaçado para constituir o filme *A guerra dos pelados*”. Dessa forma, segundo a autora, são diferentes áreas do conhecimento que dialogam e contribuem com a “historiografia literária de Santa Catarina” e – complementando – do Paraná. (CASAROTTO, 2003, p. 250).

Sendo uma obra de várias edições, um exercício interessante é fazer comparações entre a primeira e a quinta (última) edição do romance, de forma a perceber as adaptações realizadas. Infelizmente não conseguimos localizar, logo nem consultar ou adquirir, as obras que correspondem da 2ª. à 4ª. edição. Mas pudemos fazer o exercício de comparação com a 5ª. Edição e, até o momento, última edição, de 2012.

²⁴ Infelizmente não conseguimos localizar, logo adquirir, as obras publicadas entre a 2ª. e a 4ª. Edição.

²⁵ *A Guerra dos Pelados*. Direção de Sylvio Back. Produção de [Sylvio Back](#), [Antônio Polo Galante](#), [Alfredo Palácios](#). Servicine, 1970. (98 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KnSvUJP0tr4>

Já na capa da quinta edição, de Eduardo Miotto, está estampada uma fotografia nomeada *Trincheira em três barras*, disponível no Acervo do Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Santa Catarina que, como o próprio nome diz, ilustra uma trincheira da guerra, com vários homens e armas.



Capa da 5. Edição, 2012.

Na primeira edição, como já dito, tem a presença do índice, que indica a página de início de cada uma das quatro partes. Na quinta edição, porém, o índice foi retirado. Nesta última edição, da editora Movimento, na aba também encontramos informações sobre o autor e a obra produzidas pelo editor. Além disso, foi adicionado um prólogo, escrito por Salim Miguel, que foi amigo de Sassi, e fala sobre o autor e a construção de sua obra. Ao falar sobre o alcance e a relevância da obra de Sassi, Salim Miguel afirma o seguinte:

Não compreendo é a pequena repercussão que ele teve. Quem sabe, o ano: 1964. Outra hipótese: pedia-se muito uma literatura urbana. Como se esta, também necessária, é lógico, fosse impeditiva de uma ficção de cunho rural, que mostrasse os problemas do nosso interior quando sabemos que o Brasil tem um processo de urbanização montado num sistema agrário retrógrado e iníquo, repleto de vícios, contradições e conflitos. E teu livro, dentro de tua resposta, era (é) um retrato de tudo isto. (MIGUEL in SASSI, 2012, p. 8).

Nesse trecho do prólogo, Salim Miguel destaca enfatiza a pouca repercussão do romance histórico de Sassi, considerando sua relevância. Nesse sentido, o autor procura apontar para os possíveis motivos pelos quais *Geração do Deserto* não obteve o reconhecimento que, segundo ele, merecia. Além disso, Miguel fala também a respeito do desempenho de Sassi na construção de seu romance histórico, destacando seu domínio sob esse gênero, bem como algumas características e personagens presentes em *Geração do Deserto*:

Acompanhei, de longe/perto, tu em Lages eu em Florianópolis, a gestação do teu livro. Que foi nascer no Rio. [...] Pude sentir o entusiasmo com que te dedicaste à pesquisa, à elaboração, como iam, pouco a pouco, surgindo figuras e situações, a recuperação de um mundo conturbado, como criavas ou recriavas gentes, caminhadas, batalhas, emboscadas, heroísmos e traições. [...] Geração do Deserto pode ser lido por sua força e autenticidade, pela sofrida humanidade que cria, pelos conflitos que arma e desenvolve. É um painel abrangente montado em pequenos blocos; neles, a tensão se estrutura a partir de valores ficcionais próprios, manejados por um autor que domina sua técnica e plenamente dotado para o gênero. E se elementos da realidade se fundem e confundem a elementos míticos, tanto melhor. Não importa aqui se personagens como Elias de Moraes, Zeferina e seu filho Nenê, Júlia e Liveira, José Maria realmente existiram, tinham papéis passados em cartório. Importa, sim, se a partir da verdade que lhes dá Guido Wilmar Sassi, eles passam a existir. (MIGUEL in SASSI, 2012, p. 8-9).

Este trecho se inicia como se Miguel estivesse escrevendo diretamente para Sassi, relembando a escrita do romance, bem como os sentimentos do autor durante sua confecção. Além disso, podemos perceber que neste Salim Miguel exalta o romance histórico de Sassi, mencionando as características da obra, como os personagens principais e as situações vividas por eles. Por fim, nota-se que o autor do prólogo tem a intensão de descrever ressaltar a riqueza literária que é *Geração do Deserto*.

De escrita clara e de leitura fluida, o romancista catarinense registra, de forma detalhada, alguns fatos importantes a respeito da guerra em questão – que foi extremamente violenta e complexa –, sem deixar de lado a parte ficcional, trama que envolve o leitor de forma intensa. Pensar no título do romance também é importante e, nesse caso, Sassi procura deixar claro no decorrer de sua obra, em diálogo entre os personagens, a justificativa para o título *Geração do Deserto*. O romancista procura fazer uma analogia com a passagem bíblica em que Moisés guia o povo – escravos do Egito – no deserto em busca da Terra Prometida. Ao lerem a bíblia, os líderes sertanejos comparam seu povo com o povo judeu, na fuga do Egito:

Nós somos a geração do deserto! Como a nação dos judeus nós estamos neste deserto, em busca da Terra Prometida. [...] No tempo de Moisés ele também guiou o povo pelo deserto, e toda a geração velha morreu. Mas os que nasceram no deserto chegaram à Terra de Canaã, prometida por Deus (SASSI, 1964, p. 119).

Já no título atribuído ao romance é possível entender que religiosidade e messianismo são pontos centrais do enredo construído por Sassi para representar os sertanejos, pois muitos dos que se juntaram ao monge José Maria buscavam uma cura, uma proteção, uma solução para seus problemas, dentre eles os fundiários. O autor aprofunda a relação dos sertanejos com o

monge José Maria, apontando que era este último quem fazia o intermédio deles com o céu, considerado o messias, o enviado por Deus para tirá-los da situação em que estavam.

Apesar de o romance iniciar com uma discussão a respeito das questões de limites territoriais entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, o foco principal de Sassi está nos sertanejos do Contestado, mostrando, como veremos, que era uma comunidade de sujeitos distintos, vindos de todas as partes e possuindo várias especificidades. Assim, o que possuíam em comum era a necessidade de um líder, um guia, uma cura ou milagre, de alguém que pudesse solucionar seus problemas. E então encontraram José Maria.

O autor procura representar a convivência entre os sertanejos nos redutos, contrariando a ideia de que os sujeitos tinham os mesmos costumes, crenças e que viviam sempre em irmandade. Demonstra no decorrer do romance que muitos sujeitos procuravam se aproveitar de algumas situações, mesmo que isso acabasse prejudicando outras pessoas. O autor também descreve brigas e até assassinatos entre os sertanejos, principalmente nos últimos momentos do movimento. Assim, mesmo que todos estivessem em situações difíceis, muitos sujeitos agiam com egoísmo, pensando apenas em benefício próprio.

A respeito disso é interessante trazer uma reflexão feita por Majolo, pois a autora afirma que esses conflitos internos nos redutos não têm origem especificadamente no conflito do Contestado, pois “problemas sociais como o ódio, a morte e a vingança, são específicos da natureza humana e ocorrem em qualquer circunstância” (2023, p.45). Portando, a autora salienta que os conflitos são naturais do homem, do ajuntamento humano, independente do meio em que vivem.

Apesar de o autor não mencionar diretamente quais foram suas referências historiográficas²⁶ para a construção de seu romance histórico, cabe salientar que Sassi

²⁶A seguir estão algumas das referências bibliográficas que Sassi possivelmente utilizou na construção de seu romance histórico. Toda a bibliografia abaixo citada foi publicada num momento anterior à publicação de *Geração do Deserto*:

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*. Tese de doutorado, École Pratique des Hautes Études, Universidade de Paris. Paris, 1955. Publicada no Boletim nº 187 da FFLCH-USP. São Paulo, 1957.; FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e luta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.; CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria: interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.; ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado*. 2 vols. Belo Horizonte, 1917/1918.; CERQUEIRA, Antônio Alves. *A Jornada de Taquaruçu – Separata da Revista Medicina Militar* – Rio de Janeiro, 1919.; BRAGA, Antônio Pereira. *Concessão de Terras*. Tip. do *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 1921.; BOITEUX, José. *Santa Catarina – Paraná. Questão de limites*. Tip. de A Tribuna – Rio de Janeiro, 1890.; FELIPE, Euclides José. *O Monge ou o Profeta São João Maria*. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, 1 (4): 22-31, jun. Florianópolis, 1950.; GERSON, Brasil. *Pequena história sobre os fanáticos do Contestado*. Ed. Ministério da Educação e Cultura – Cadernos de Cultura – Rio de Janeiro, 1955.; LUZ, Aujor Ávila da. *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Ed. do autor – Florianópolis, 1952.; MARCIAL, Clivelaro (Demerval Peixoto). *A Campanha do Contestado, Episódios e Impressões*. Rio de Janeiro, 1920.; SILVA, Cleto da. *Acordo Paraná – Santa Catarina ou o Contestado diante das carabinas*. Emp. Graf. Paranaense – Curitiba, 1920.; SOARES, J. O. Pinto. *Apontamentos para a História – o*

descreveu várias especificidades da guerra, sem cair na armadilha de romantizar o protagonismo dos sertanejos, apesar de algumas vezes parecer incorporar os discursos da imprensa e historiografia recente à guerra, como veremos no decorrer da análise. Além disso, fica claro no romance que o autor procura destacar que ocorreram muitas mudanças dentro dos redutos, e até mesmo os objetivos iniciais do movimento se modificaram, na medida em que as novas lideranças, chefiadas por jagunços, estabeleceram a violência e a crueldade como forma de resistência à fome, à miséria e a sede de poder.

De forma geral, Sassi representa com o romance as principais características e especificidades da Guerra do Contestado na perspectiva que entende ser dos sertanejos. Representações que são passíveis de problematizações, e, por isso, o romance de Sassi é uma fonte muito rica, que permite várias possibilidades de análises e reflexões. No entanto, na impossibilidade de analisar tudo o que a obra oportuniza, o que nos interessa nesse trabalho é compreender especificamente a forma pela qual o romancista caracteriza os sujeitos inseridos no Contestado, analisando como o autor constrói, em seu tempo e no espaço em que viveu, uma representação identitária sobre os sertanejos. Esta é, portanto, a análise que pretendemos construir adiante.

1.3 – O estado da arte em torno de *Geração do Deserto*

Importante, ainda, identificar as pesquisas que utilizam o romance histórico de Sassi como objeto de análise, algumas delas já citadas neste trabalho. De forma geral, ao pesquisarmos em torno do estado da arte de *Geração do Deserto*, percebemos a inexistência de pesquisas que utilizem o romance na área de História, na medida em que a grande maioria dos trabalhos que envolvem a obra estão situadas na área de Letras ou Literatura.

Dentre as obras encontradas, está a dissertação de mestrado de Heloísa Pereira Hubbe de Miranda, do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *Travessias pelo sertão contestado: Entre Ficção e História, no deserto e na floresta* (1997). Neste trabalho a autora pretende analisar a relação intertextual entre ficção e história a partir dos romances históricos *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi e *Império Caboclo*, de Donaldo Schuler.

Contestado. Escola de Engenharia, Porto Alegre, 1920.; SOARES, J. O. Pinto. *Guerra em Sertões Brasileiros*. Vol. 1 – Papelaria Velho – Rio de Janeiro, 1931.; VASCONCELOS, Z. G. *Questão de Limites entre a Província do Paraná e de Santa Catarina* – Tip. Correio da Tarde – Rio de Janeiro, 1857.

Miranda é catarinense e apresenta certa indignação por não ter estudado, na escola, a respeito do Contestado. A autora afirma ter tido seu primeiro contato com a obra de Sassi em 1991, enquanto fazia graduação em Letras (UFSC). Sua primeira impressão, de acordo com o que relata Miranda, foi de “estranhamento e simpatia” (1997, p. 1). A autora dedica especial atenção em realizar comparações entre *Geração do Deserto* e passagens bíblicas. Além disso, ela utiliza e referencia no decorrer de toda sua pesquisa o *Dicionário dos Símbolos* (1993) com o intuito de interpretar algumas passagens do romance. Para se referir às conclusões a respeito da obra de Sassi e o desempenho do autor, Miranda utiliza falas de outros autores, afirmando, por exemplo, que Sassi constrói “um texto capaz de, definindo-se enquanto Ficção, levar-nos igualmente aos domínios da realidade que é a matéria da História” (HOHLFELDT, 1994, p. 82 apud MIRANDA, 1997, p. 80).

Miranda aponta para as especificidades dos romances que busca analisar. Segundo ela, ambos, incluindo o romance histórico de Sassi, buscam mostrar “o lado desconhecido da Guerra do Contestado, a história não oficial, o outro lado da história” (MIRANDA, 1997, p. 131). A autora analisa separadamente cada um dos romances históricos, descrevendo a forma pela qual os autores escrevem sobre o Contestado e, por fim, no último capítulo chamado “Encruzilhada”, ela compara os acontecimentos descritos por cada romancista. Miranda finaliza o capítulo apontando para o problema da posse da terra, que foi uma das principais motivações para a eclosão da Guerra do Contestado, e ainda hoje se configura como um problema para grande parte dos brasileiros.

Outro trabalho que considera o romance de Sassi é um artigo de autoria de Gustavo Gabriel Garcia, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá. O título do trabalho é *A Geração Eleita do Contestado: Da Geografia ao Romance* (2020) e, como o próprio nome sugere, o autor tenciona compreender as possíveis relações entre a Geografia e a Literatura, bem como realizar um esboço sobre a Guerra do Contestado, pensando na “espacialidade do sertanejo” (material e imaterial), e nas contradições do conflito.

Garcia descreve as causas e especificidades da Guerra do Contestado, pensando também na perspectiva geográfica, destacando por meio de mapas os limites dos estados do Paraná e de Santa Catarina antes do conflito, e depois com as fronteiras delimitadas. O autor destaca que em *Geração do Deserto*, Sassi procura “dar voz à memória dos sertanejos, através de seu romance, expondo suas experiências e a sua própria, construindo paisagens que dialoguem com esse momento”. Assim, notamos que, numa perspectiva da área da Geografia, Garcia dá ênfase

na paisagem geográfica apontada por Sassi e aponta para a importância do romance no sentido de possibilitar uma “aproximação com o espaço vivido” (2020, p. 5589).

Segundo o autor, Sassi “levou em consideração o espaço geográfico, em alguns momentos ressaltando o mesmo, tornando-o também protagonista do conflito” (2020, p. 5598). No mesmo sentido, o autor afirma que “a narrativa possibilita aproximação com o espaço vivido, não alienado, que abrange a complexidade dos fenômenos humanos e sociais, permitindo visualizar e localizar o mesmo, no tempo-espaço” (2020, p. 5598). Além disso, na análise do romance realizada por Gustavo Garcia, “A terra é figura central na narrativa, como também foi ao longo da Guerra do Contestado” (2020, p. 5590). Assim, o autor destaca que foi por conta da perda de suas terras para as companhias colonizadoras²⁷ que os sertanejos se revoltaram contra a República.

Em sua análise, Garcia descreve e analisa o romance histórico de Sassi seguindo a ordem dos capítulos. Algumas situações importantes mencionadas por Sassi são problematizadas pelo autor como, por exemplo a trama que envolve Nenê e Zeferina, a qual Garcia atribui o objetivo de Sassi em demonstrar tanto a valentia, quanto a inocência dos sujeitos que estiveram presentes no Contestado (2020, p. 5595). Além disso, o autor destaca a narrativa entre Tavinho, que era cego, e Tibúrcio, o leproso, e a tentativa de Sassi em transmitir aos leitores os problemas econômicos que estavam presentes nos redutos (GARCIA, 2020, p. 5596).

Por fim, Garcia aponta para a tentativa de Sassi em “dar voz àqueles que sofreram diretamente a violência do Estado e das forças colonizadoras” (2020, p. 5593). Além disso, o autor afirma que *Geração do Deserto* indica um dos conflitos que originaram um “reordenamento do território brasileiro” (2020, p. 5600). O autor ainda aponta que “esse processo foi marcado pela violência, como foi possível verificar, enquanto os sertanejos buscavam resistir ao mesmo, pois não haviam sido inseridos no projeto de modernização do Brasil” (2020, p. 5600).

A próxima pesquisa a ser mencionada é uma dissertação de mestrado, de Fernando Goss, do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho é nomeado *Discursos e narrativas da Guerra do Contestado* (1999), tem como intuito apresentar reflexões sobre a representação discursiva e narrativa sobre a Guerra do Contestado em textos literários e não literários. O autor utiliza os romances *Geração do Deserto*, de Sassi, e *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto. Segundo Goss, o objetivo de análise

²⁷ *Brazil Railway*, responsável pela construção da estrada de ferro que ligava os estados de SP e RS; e a “*Southern Brazil Lumber e Colonization Company*, criada pela *Brazil Railway* para explorar as terras adjacentes à estrada de ferro e outras que viessem a adquirir” (GARCIA, 2020, p. 5591).

das fontes ficcionais é “evidenciar tanto as diferenças narratológicas e estéticas quanto as marcas ideológicas” (1999, p. 5) dos romances históricos.

No que diz respeito à *Geração do Deserto*, Goss afirma que o narrador “se identifica com os revoltosos, ao assumir a ideologia do grupo. Ora desempenha o papel de corifeu de um grupo injustiçado socialmente [...]. Ora assume o discurso da memória coletiva, ao celebrar a vitória dos jagunços no primeiro enfrentamento com as malditas forças do Governo [...]” (1999, p. 61).

Fernando Goss aponta as semelhanças de *Geração do Deserto* com o romance histórico tradicional, pois, segundo ele, o autor harmoniza o desenvolvimento temporal, bem como a “ordem espacial da ficção aos acontecimentos históricos. A narração dos fatos ficcionais assemelha-se ao referencial histórico, sendo o narrar linear, sem grandes saltos temporais e espaciais, de acordo com a forma tradicional do romance histórico” (1999, p. 65). Além disso, o autor afirma que Sassi está se posicionando ideologicamente “ao assumir na ficção os aspectos sociais e econômicos que a reconstrução historiográfica do acontecimento [...] registra como os principais elementos motivadores do conflito” (1999, p. 66).

Ao analisar a obra, Goss identifica que a luta armada entre os sertanejos e as tropas do governo representa uma luta de classes, pois de acordo com o romance, os problemas socioeconômicos estão dentre as principais causas e motivações do conflito. Nesse sentido, a “classe opressora”, como sugere Goss, é representada pelas empresas construtoras e colonizadoras, os coronéis, as forças militares e o poder político; os demais, que seriam os oprimidos, são os sertanejos, aqueles que haviam sido expulsos de suas terras (1999, p. 66-67).

De acordo com Goss, diante de alguns trechos do romance, é possível considerar que o narrador se posiciona ideologicamente ao lado dos sertanejos. Dessa forma, o autor interpreta essa questão observando que Sassi destaca no romance sua “preocupação com as desigualdades sociais do país, da qual decorre a alusão que o autor faz sobre a consideração de seu romance como uma obra *comunizante*” (1999, p. 69). Além disso, Goss afirma que “há vários elementos em *Geração do Deserto* que podem ser lidos a partir de uma visão de mundo próxima à ideologia marxista” (1999, p. 70), embora não desenvolva isso.

Por fim, Goss afirma que o posicionamento do narrador e as situações que dá ênfase no romance, reforça uma característica de “engajamento e de denúncia social”. Além disso, o autor afirma que, o romance histórico de Sassi se aproxima de textos não ficcionais que desenvolvem análises sobre a história social do país, “centrado na procura das raízes dos problemas brasileiros em antigas características da sociedade, como a concentração de terras e de renda nas mãos de poucos privilegiados” (GOSS, 1999, p. 70).

O trabalho de Abele Marcos Casarotto, tese de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, tem como título *O Contestado e os estilhaços da bala: literatura, história e cinema* (2003). O objetivo de Casarotto em sua análise de fonte – que se dá no segundo capítulo de sua tese – é estabelecer relações entre o romance *Geração do deserto*, o filme nomeado *A Guerra dos Pelados*, de Sylvio Back, os relatórios da Guerra do Contestado e os textos produzidos antes do conflito. Para a autora, como o próprio título de sua tese sugere, estes textos são considerados como estilhaços da Guerra do Contestado.

Casarotto inicia a análise salientando que, apesar de ser um romance, uma narrativa ficcional, a obra de Sassi “conserva perfeita fidelidade histórico-social, ao retratar a saga do Contestado” (CASAROTTO, 2003, p. 177). Além disso, a autora aponta para *Geração do Deserto* afirmando ser um “romance-marco”, não apenas para o estado de Santa Catarina, mas para todo o Brasil. Assim como os demais pesquisadores já mencionados, Casarotto também aponta que o romance histórico de Sassi procura transmitir a visão dos vencidos e marginalizados da história. A autora afirma que Sassi “não compactua com a idéia de um determinismo da história, ingênuo e unívoco”, assim como Bakhtin e Benjamin, teóricos que ela utiliza na análise (2003, p. 248). Por fim a autora salienta a importância do romance histórico *Geração do Deserto* e do filme *A Guerra dos Pelados* para a história de Santa Catarina (CASAROTTO, 2003, p. 250).

É interessante citarmos também a pesquisa de Aline Majolo, mestre do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* de Chapecó, intitulada *Contestando o Contestado: um olhar Benjaminiano sobre “Geração do Deserto”, de Guido Wilmar Sassi* (2023). A dissertação de Majolo, já considerada em nossa pesquisa, tem como objeto de estudo as relações entre a História e a Literatura. No primeiro capítulo da dissertação, Majolo apresenta o romance histórico de Sassi. Já no segundo e terceiro capítulo a autora analisa o romance por meio das obras de Walter Benjamin: *Sobre o conceito de história*; e *O narrador: Considerações sobre Nikolai Leskov*.

Logo no início de sua análise a respeito de *Geração do Deserto*, Majolo já apresenta sua primeira constatação. A autora afirma que Sassi, por meio do romance, procura demonstrar a versão dos vencidos e marginalizados, “quando transformados em sujeitos da história frente à Guerra do Contestado” (2023, p. 27). Dessa forma, Sassi opta “por contar justamente a história de luta das vozes que foram silenciadas” (2023, p. 87). Além disso, de acordo com a interpretação da autora, o romance histórico *Geração do Deserto*:

Apresenta uma narrativa que aborda a exploração das classes populares pelos grupos sociais detentores do poder. Ademais de se configurar em uma grande tragédia social, a narrativa de Sassi trata de questões como o desrespeito aos caboclos e sertanejos desapropriados de suas terras, cede também espaço a uma leitura mais leve e despreocupada (MAJOLO, 2023, P. 31).

Mesmo não estando no campo da história, Majolo traz ótimas problematizações que interessam a nossa área. Uma questão interessante que a autora destaca é que em *Geração do Deserto*, “tem-se o confronto entre o homem e o homem. Quer dizer, não mais o homem e a natureza apenas, mas o homem e as estruturas sociais que dominam a natureza em favor dos detentores de um poder econômico, revertendo-a em prejuízo e sofrimento para o mais fraco” (MAJOLO, 2023, p. 32).

De forma semelhante à Casarotto, mencionada anteriormente, Majolo também afirma que *Geração do Deserto* se relaciona (ideologicamente) a outros romances desse período, bem como a textos não ficcionais, “que apresentam um olhar mais sociológico, isto é, articulados às raízes dos problemas brasileiros, como a concentração de terras e de renda nas mãos de poucos privilegiados” (2023, p. 87). Por fim, a autora explica a importância do romance histórico *Geração do Deserto* e as pesquisas que decorrem dele, para reforçar a relevância do diálogo entre a História e a Literatura (2023, p. 89).

Por fim, cabe ainda citar o estudo de Marilene Weinhardt, já mencionada anteriormente neste trabalho. Formada em Letras e Literatura, a autora se dedicou a escrever sobre os romances regionais do Sul, bem como especificadamente sobre o Contestado. Em seu livro nomeado *Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado*, publicado em 2002, pela editora da UFPR, como o próprio título sugere, a autora realiza análises de romances históricos a respeito deste movimento.

Dentre os romances analisados por Weinhardt, está *Geração do Deserto*, fonte utilizada neste trabalho. A autora apresenta e analisa o romance histórico de Sassi no capítulo intitulado *Discursos ficcionais*, no subtítulo nomeado *A dimensão bíblica dos seguidores de José Maria* (2002, p.129-145). Weinhardt começa sua análise apontando para a intertextualidade do romance de Sassi com a bíblia, dando destaque para as passagens em que os personagens leem a bíblia e se identificam como sendo a “geração do deserto”, em comparação aos judeus que foram guiados por Moisés até a Terra Prometida.

Além disso, a autora aponta que, mesmo demonstrando simpatia pelos caboclos, “o Exército, instrumento do poder, não é objeto nem da simpatia nem do repúdio por parte do narrador, neutro, tanto quanto possível, quanto à atuação das forças armadas”. Nesse sentido, para Sassi, de acordo com Weinhardt, “a estrutura da sociedade, que permite a opressão e a

exploração, é a grande responsável pelo surgimento de um ambiente propício aos desmandos e à conseqüente convulsão” (2002, p.136).

Por fim, cabe dizer que a autora conclui sua análise apontando para a relevância do romance histórico de Sassi que, para bem representar o Contestado, “mantém a tensão ao longo da figuração dos quatro anos de luta. *Geração do Deserto* é um texto que merece um lugar na galeria dos romances históricos brasileiros” (2002, p. 145).

Nas produções acima destacadas, a respeito das pesquisas que utilizaram o romance histórico *Geração do Deserto* como fonte, é possível perceber que nenhum dos trabalhos citados está situado no campo de produção da História. Todas em Letras e Literatura, com exceção de uma que se concentra na área de Geografia. Mesmo assim, estas pesquisas podem nos auxiliar no exercício de decodificação de diferentes aspectos e sentidos que compõem a construção da obra. Importante salientar, por isso, a originalidade de nossa pesquisa, na medida que no campo de produção histórico não encontramos trabalhos que tomam a obra de Sassi como objeto de análise.

1.4 – Representações em torno dos caboclos do Contestado

Entender e analisar as representações construídas por Sassi (1922-2003) em torno dos caboclos – como o autor os considera e nomeia no romance, conforme será possível verificar no decorrer da pesquisa – é o conteúdo que nos interessa aqui. Como ressaltamos na parte introdutória deste capítulo, o romance histórico *Geração do deserto* é fonte que nos permite, na contemporaneidade, ressignificar os sentidos e as características destes sujeitos históricos que foram, ao longo do século XX, estigmatizados por historiadores, jornalistas e militares.

É nesse campo de disputas pelos sentidos históricos em torno dos sujeitos do Contestado que o romance histórico *Geração do Deserto*, publicado em 1964, vem à tona e promove a possibilidade dos leitores ressignificarem os sentidos dos acontecimentos e o protagonismo destes sujeitos. Neste capítulo serão apresentados e analisados trechos e fragmentos que consideramos importantes no romance, na tentativa de problematizar a forma com que o autor os representa no contexto do início dos anos de 1960, período de acirrados debates democráticos em torno do acesso à propriedade fundiária.

Quem são os sertanejos representados por Sassi? São caboclos? O que esta definição de caboclo sintetiza em termos de identidade? Quando fala destes sujeitos, quais visões de história

o autor promove ou ressignifica? Ele representa a história dos vencidos na perspectiva vitimizadora ou os considera protagonistas?

1.5 – Os monges milagreiros na perspectiva de Sassi

De forma geral, Sassi representa esses sujeitos tanto coletivamente, falando do grupo de pessoas que seguiam o monge José Maria, quanto individualmente, quando mostra algumas situações e relacionamentos entre os personagens em específico. Alguns sujeitos, que foram importantes no decorrer do movimento do Contestado, ganham destaque no romance de Sassi, e serão aqui analisados, tratando-se de líderes do movimento, dentre eles está o monge José Maria, o comerciante Elias de Moraes e o jagunço Adeodato, entre outros que poderiam ser considerados. Além desses personagens “oficiais”²⁹ representados pelo autor, também os personagens ficcionais são importantes na trama; logo, para esta dissertação. Como já mencionado, o autor investe sua narrativa considerando vários personagens e situações que remetem ao dia-a-dia do movimento, procedimento que faz com que os leitores consigam dimensionar as relações de poder e as relações pessoais nos redutos, bem como as características e as singularidades destes sujeitos representados, em sua maioria, enquanto caboclos.

Na concepção de história de Sassi ou no revisionismo que promove, já fica evidente o estilo narrativo e o cuidado com o uso das palavras. Exemplo disso, pode ser visto na representação dos estereótipos que implicam visões negativas da identidade dos caboclos e até mesmo dos soldados. De forma sutil, Sassi faz uso do recurso do itálico para demarcar estes estigmas e, ao mesmo tempo, colocá-los em suspeição. Ou seja, sempre que fala dos sertanejos enquanto *fanáticos*, ou dos soldados republicanos como *peludos e pé redondos*, Sassi o faz destacando as palavras em itálico. O autor não explica o motivo de utilizar este recurso ao longo de toda a narrativa; no entanto, acreditamos que esta atitude pode significar um posicionamento crítico em relação ao que a historiografia tradicional demarcou ao longo do tempo, demonstrando a discordância ou suspeição do uso destes termos para a definir a identidade dos caboclos e mesmo dos soldados no Contestado. No que se refere especificamente aos sertanejos, a classificação de *fanáticos* religiosos foi comumente utilizada pelos órgãos oficiais a fim de evidenciar o caráter antirrepublicano do movimento, pautado em premissas messiânicas de um catolicismo popular que valorizava uma volta do regime monarquista.

Quando falamos sobre a Guerra do Contestado, várias coisas nos vêm à mente: a construção da estrada de ferro, o coronelismo, a desapropriação dos sertanejos de suas terras, a

formação dos redutos, a violência e derramamento de sangue, o messianismo²⁸, dentre outras coisas. Nesse sentido, é possível afirmar que o “monge do sertão”, José Maria, foi uma peça central no conflito, pois, mesmo tendo sido morto logo no primeiro combate, sua memória e ensinamentos continuaram a influenciar os sertanejos, que inclusive acreditavam em sua ressurreição.

Para compreender a análise que se segue, é importante compreender o que foi o messianismo e sua influência em alguns conflitos ocorridos em território brasileiro, sobretudo a Guerra do Contestado. Para isto, é fundamental mencionar Maria Isaura Pereira de Queiroz que, em sua obra *O messianismo no Brasil e no Mundo* (1965), analisa os elementos predominantemente religiosos que fundamentaram as pautas camponesas como possibilidades de manutenção da cultura rural. Portanto, de acordo com Queiroz,

O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se, pois, de um líder religioso e social. O líder tem tal status não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age graças ao seu dom pessoal apenas, colocando-se fora ou acima da hierarquia eclesiástica ou civil existente, desautorizando-a ou subvertendo-a, a ruptura de ordem estabelecida pode ser de longa duração (QUEIROZ, 1965, p. 5).

Ou seja, a base para o messianismo é a existência de um líder que, geralmente enviado por Deus para salvar o mundo, é conhecido como messias. Este, como explica Queiroz, possui várias qualidades, as quais lhe dão autoridade. Além disso, Queiroz também salienta que outra característica dos chamados messias, na posição de líderes religiosos e sociais, é que estes “esposavam as lutas e as divisões políticas que já existiam na região, ao fundarem sua comunidade. Esta particularidade foi evidente em todos os movimentos sertanejos, e por isso todos puderam ser acusados, com maior ou menor razão, de quererem derrubar o governo. (QUEIROZ, 1965, p. 302-303). E essa questão pode ser verificada, no caso dos monges do Contestado, ao passo que estes supostamente criticavam recorrentemente a República, julgando que este regime seria responsável pela desigualdade social, e pregavam pelo seu fim. Além disso, a respeito das particularidades do messianismo que podemos encontrar no movimento do

²⁸ Leitura fundamental sobre a questão do messianismo é a obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz *O messianismo no Brasil e no Mundo*, apresentada em 1963 como tese de livre docência na USP, e que recebeu o prêmio Jabuti em 1973. Nesta obra a autora analisa os elementos predominantemente religiosos que fundamentaram as pautas camponesas como possibilidades de manutenção da cultura rural.

contestado, bem como nas pregações dos monges que foram influentes neste período, Queiroz ainda salienta:

O Reino Messiânico é em geral um reino futuro, espera-se por ele. Tanto poderá ser algo de inteiramente novo, como poderá reproduzir uma Idade de Ouro que já tenha existido no passado, mas, em ambos os casos os mesmos caracteres de santidade e perfeição. A configuração sob a qual é concebido varia de grupo para grupo: sua natureza pode ser material ou espiritual, sua organização pode ser igualitária ou não. A vinda é apressada pela atividade dos adeptos, isto é, um movimento sócio-religioso de que o messias é o personagem central (QUEIROZ, 1965, p. 8-9).

Enfim, os sertanejos esperavam por um reino de paz e justiça. Além disso, a esperança que tinham em José Maria fazia com que vivessem à espera da ressurreição do monge, que voltaria para os livrar do mal, conduzindo-os para um mundo mais igualitário²⁹. Por isso, tomando como exemplo as contribuições de Queiroz acerca do messianismo, é importante para esta pesquisa compreender a forma pela qual Sassi fala sobre José Maria. O primeiro e principal líder dos sertanejos reuniu uma multidão de pessoas que estavam em busca de uma cura, um milagre, ou até mesmo esperança para recuperar os territórios perdidos. O autor começa falando sobre as “curas miraculosas” de José Maria:

As curas de José Maria eram de fato miraculosas, e os fazendeiros, reconhecidos, davam alimento e guarida aos homens do monge. Crescia, assim, o prestígio do beato, e sua fama corria o mundo. O coronel Medeiros, entrevado há mais de dez anos, ficara de nôvo são. E usando apenas as beberagens receitadas pelo monge. Fortes eram as benzeduras de José Maria, infalíveis os seus remédios (SASSI, 1964, p. 20).

O monge juntou em torno de si uma multidão de pessoas que acreditavam em suas curas. O prestígio de José Maria aumentava a cada dia. Porém, ao contrário de muitos romancistas que se dedicaram a escrever sobre a Guerra do Contestado, Sassi não romantiza o papel de José Maria. No decorrer do romance o autor traz alguns trechos que possibilita que façamos algumas reflexões sobre o líder sertanejo. Primeiramente, Sassi fala a respeito da verdadeira identidade de José Maria:

José Maria teve alguns problemas com um tal de Barnabé, conhecido seu, de quem tinha sido colega na Fôrça Pública do Paraná, da qual, aliás, haviam

²⁹ Para compreender melhor a questão do messianismo é fundamental consultar a obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz **O messianismo no Brasil e no Mundo** (1965): QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Dominus, 1965.

desertado juntos. Barnabé possuía documentos dos quais constava o verdadeiro nome do monge – Miguel Lucena de Boaventura, - e experimentou fazer chantagem, obrigando-o a dividir com êle o dinheiro das esmolas. José Maria chamou um dos seus Pares, Urgel de Danoa, e contou-lhe, muito em segredo, que Barnabé era um espião da República. Dias depois Barnabé apareceu morto, perto do Quadro Santo, com uma bala nas costas. Os ânimos se agitaram. José Maria, na hora de encomendar o defunto, em altos brados pediu vingança. A culpa recaiu sobre os homens do coronel Chiquinho, intendente de Curitiba. (SASSI, 1964, p. 29).

Segundo Sassi, portanto, Miguel Lucena de Boaventura seria o nome verdadeiro do monge. Dessa forma, a ideia de que este era irmão de João Maria, o santo do sertão, é uma falácia. Aparentemente, mostrando a verdadeira identidade de José Maria, Sassi dá a entender que este fez-se passar por um monge somente para tirar proveito da situação em que se encontravam os sertanejos. E de fato conseguiu.

Ainda sobre essa questão, é relevante citar os estudos de Gabriel Kunrath, que se dedicou a pesquisar na imprensa da época a respeito dessa possível identidade de José Maria. Nesse sentido, Kunrath afirma o seguinte:

Tomando como possibilidade concreta que seu nome verdadeiro tenha sido Miguel Lucena de Boaventura e que tivesse alguma experiência militar, conforme nos conta um historiador da época, Demerval Peixoto, encontramos uma matéria publicada, em primeiro de abril de 1899, por um popular jornal curitibano. Possivelmente essa seja a primeira aparição de Miguel Lucena. Nesse dia, o jornal noticiou que Josué Maria, antigo praça do exército, estava sendo processado, pois estava andando pelo interior acompanhado de fiéis, afirmando ser monge e carregando uma bandeira com um crucifixo. Consideramos difícil saber se a matéria se referia ou não a Miguel Lucena de Boaventura, pois anunciava a prisão de um Josué e não de um José, também por ter sido a única menção localizada durante as pesquisas sobre o caso (KUNRATH, 2023, p.111).

Neste trecho, portanto, Kunrath fala sobre um caso que muito provavelmente se refere à José Maria, apesar de não ser possível comprovar. Portanto, considerando a semelhança entre a citação acima e os trechos em que Sassi fala a respeito da verdadeira identidade do monge do Contestado, podemos considerar que o romancista, de fato, realizou uma pesquisa historiográfica, pois, tendo como base a historiografia, notamos que as informações trazidas por ele a respeito de Miguel Lucena de Boaventura não se tratam de elementos ficcionais.

Outro trecho em que Sassi põe à prova a identidade e “santidade” de José Maria, motivando os leitores a observá-lo de forma crítica, é quando o romancista fala a respeito de uma das visões que o monge dissera ter tido:

José Maria anunciou que tivera uma visão. Disse que havia falado com Deus e que lhe fôra recomendado que fizesse rodear de meninas virgens, as quais serviriam de intermediárias entre a sua pessoa e a divindade – uma espécie de ponte entre o céu e a Terra. Era necessário que as meninas fossem jovens e puras, porque, do contrário, Deus não se manifestaria. O monge estava certo, era assim mesmo: Deus amava a pureza e a inocência. [...] As meninas passaram a conviver com José Maria, no rancho, e, à noite, compartilhavam do seu catre. Depois contavam ao povo as visões que haviam tido durante o sono. Murmuradores apareceram, estranhando o fato de o monge dormir com as garôtas. Em voz alta, porém, ninguém reclamou. Afinal, daquelas coisas do céu, era José Maria o entendido (SASSI, 1964, p. 32).

Segundo o trecho acima, José Maria usa Deus para justificar seus desejos, suas “necessidades”. Mais uma vez o monge se aproveita da situação de líder, de “santo”, da confiança de que as pessoas tinham em sua pessoa, para se auto beneficiar. Até porque, grande parte dos sertanejos confiava e acreditava fervorosamente no monge, e mesmo que essa sua atitude tenha causado estranhamento, ninguém tivera coragem de questioná-lo. Além do que já foi mencionado, ainda podemos citar mais um fragmento em que Sassi fala sobre quem foi o monge José Maria:

Mas também, à medida que aumentavam as gentes e as armas, à medida que escasseava o mantimento, cresciam as esmolas nos bolsos do monge. Dinheiro de papel ele o arrecadava todo, pretextando queimá-lo, pois era da República, dinheiro maldito. As cédulas de maior valor, porém, José Maria as guardava. A grande maioria das pessoas, obedecendo as ordens, desfazia-se de quase todos os seus bens, em proveito da comunidade. Deviam viver como irmãos, recomendara o monge – quem tinha de sobra devia repartir com os que não tinham nada (SASSI, 1964, p. 38).

Aqui, percebemos que o “dinheiro da República” era “maldito” apenas para os sertanejos que seguiam José Maria, pois o monge arrecadava para si as cédulas de maior valor. Neste trecho podemos verificar a contradição na figura de José Maria, de acordo com os conselhos que dava aos sertanejos. Ao mesmo tempo em que ele os aconselhava a serem solidários, a viverem como irmãos, ajudando uns aos outros e desfazendo-se do “dinheiro da República”, o próprio monge não cumpria com o que pregava e se aproveitava de seus fiéis.

Nesse sentido, pensando nessa imagem de José Maria trazida por Sassi, cabe mencionar um trecho de outro trabalho escrito por Kunrath que se refere ao monge. Esse fragmento está relacionado com o suposto parentesco entre os monges José e João Maria, que também será um tema a ser problematizado por Sassi, como veremos nos parágrafos seguintes. De acordo com Kunrath,

Segundo alguns relatos, José Maria tentou aproveitar-se da boa vontade do

povo ao declarar-se irmão do afamado monge João Maria. Outras versões afirmam que os próprios caboclos estabeleciam essa relação, sendo que José Maria não negava nem confirmava. De qualquer forma era perceptível que ele partilhava de algumas práticas de seus antecessores e isso contribuiu para que recebesse a alcunha de monge e aumentasse sua popularidade na região (KUNRATH, 2023, p. 118).

Assim, apesar da fé e confiança que os sertanejos tinham em José Maria, era impossível, para eles, deixar de estabelecer comparações entre este e seu suposto irmão, São João Maria. Dessa forma, Sassi descreve minuciosamente as individualidades de ambos os monges, especificandoas características físicas, bem como a personalidade, costumes e hábitos desses sujeitos.

De vez em quando, os caboclos se punham a comparar o atual monge com o anterior, com o velho e bondoso João Maria do qual seus pais falavam sempre, o venerando profeta que havia sido padrinho de todos êles. Muitos dos componentes do reduto haviam-no conhecido pessoalmente, com êle haviam privado. Do confronto, José Maria saía perdendo sempre. O santo era alto, não bebia álcool, não comia carne, não andava rodeado de mulheres, jamais aceitara dinheiro. José Maria era baixo e corpulento, pernas e braços curtos, em desproporção com o tronco avantajado. João Maria, sem favor nenhum, podia ser classificado como um ancião de boa aparência. O monge atual, de belo não tinha mesmo nada: o nariz grande e chato, os lábios grossos, os dentes podres e encardidos. E, se não tinha o olhar bondoso e sereno do outro, de gênio também diferia – zangava-se facilmente, era colérico e vingativo. Mas João Maria não voltara, não obstante a promessa feita. Ninguém sabia por onde andava êle, nem se ainda era vivo. Mandara o irmão para cuidar da sua gente. José Maria, apesar dos defeitos, era irmão do outro, santo e milagroso por sua vez. Os caboclos acreditavam nêle. Era o jeito. Em mais nada acreditavam. Não tinham no que (SASSI, 1964, p. 39-40).

A partir dessa citação, Sassi permite que o leitor visualize estes personagens de forma explícita, realizando as mesmas comparações feitas pelos sertanejos. O primeiro monge, sem defeitos de acordo com a descrição de Sassi, era quem os sertanejos esperavam para lhes trazer a salvação. Na sua ausência, conformavam-se com José Maria, que, apesar dos defeitos, havia sido enviado pelo santo e, assim, também devia realizar milagres.

A respeito desse trecho, é interessante ainda considerar as características físicas dos monges apontadas pelo autor no momento em que os compara. É possível observar que, apesar da aparência de José Maria ser considerada “inferior” em relação à João Maria na descrição de Sassi, o último monge possuía características físicas – citadas acima por Sassi – semelhantes aos caboclos. Ou seja, José Maria possuía algo em comum com os sertanejos, pois, de certa forma, ele havia se “caboclicado”, e a sua imagem o aproximava de seus fiéis.

Nessas comparações feitas pelo autor, onde “José Maria saía perdendo sempre”, e por meio dos outros trechos acima mencionados, é explícita a intensão do autor de apresentar ao leitor quem foi o monge José Maria, como ele mesmo se intitulou. É evidente, portanto, que problematizar a identidade deste chefe sertanejo, ou pelo menos colocá-la em suspeição, é um dos objetivos do romancista por meio desta obra.

A respeito da forma pela qual Sassi caracteriza José Maria, Weinhardt acredita que, nessa primeira parte do romance, o autor tem a intenção de instigar o leitor “desde logo a olhar o monge com desconfiança” (2002, p. 135). Porém a autora afirma que, “em contrapartida, o profeta antigo é glorificado”, na medida em que, de acordo com a narrativa ficcional, algumas das profecias de João Maria se cumprem: “Bem como São João Maria disse...” (SASSI, 1964, p. 162, apud WEINHARDT, 2002, p.135). De fato, essa análise de Weinhardt faz sentido, pois em nenhum fragmento do romance Sassi faz a crítica ao monge João Maria, dando a impressão de que este seria, portanto, o “verdadeiro”, o santo do “sertão”.

Nesse sentido, tendo em vista a forma com que Sassi distingue João e José Maria, é importante citar a contribuição de Márcia Janete Espig, que fala a respeito dessa questão e, de certa forma, explica o posicionamento de Sassi ao descrever os monges, indicando que o romancista também baseou-se na imprensa e historiografia recente à Guerra do Contestado para escrever o seu romance:

Na visão de época, teria havido um “verdadeiro monge”, sob o nome João Maria, que, apesar de seus defeitos, teria sido um indivíduo de “sãos costumes morais”, que não estimulava a desordem e proporcionava receitas de ervas. Já José Maria, para as elites, posicionava-se como um “falso monge”, um embusteiro, espertalhão que estimulava o banditismo (ESPIG, 2023, p.242).

Recorrendo às reflexões realizadas a respeito da forma pela qual Sassi atribui identidade ao monge, percebemos que este, segundo o romancista, foi um homem que acolheu um povo desorientado, fazendo com que estes depositassem nele toda a sua confiança e esperança, por meio de promessas de um novo mundo de paz e justiça. E aqui, por meio dessas características atribuídas ao carismático monge, confirmamos novamente os apontamentos feitos por Queiroz a respeito do messianismo.

Sassi mostra que José Maria não foi desde sempre este homem que curava os doentes e acolhia os necessitados. Nem mesmo seu nome era verdadeiro. Segundo a narrativa de Sassi, o “monge do sertão”, como ficou conhecido, aproveitou-se da fé e confiança que seu povo tinha nele para se auto beneficiar em vários momentos do romance. Tudo o que José Maria dizia,

para seu povo, era uma profecia; portanto, acreditavam mais uma vez. E foi essa fé que lhes deu força para lutar e resistir da forma com que fizeram.

Portanto, retomando a ideia inicial, podemos afirmar que Sassi não romantiza e nem demoniza o papel do monge, procura alertar o leitor a respeito da forma de governo que detinha esse sujeito que, ao mesmo tempo em que se aproveitou de seus adeptos, foi uma grande influência para a luta dos caboclos, tendo sido essencial para o desenrolar da história da Guerra do Contestado e do movimento sertanejo como um todo.

1.6 – Representações em torno dos líderes do movimento

O segundo personagem a ser considerado nesta discussão é Elias de Moraes, que foi outro importante líder dos sertanejos, principalmente após a morte de José Maria – que ocorreu no primeiro combate –, até sua morte, que se deu quando “os soldados entraram na Guarda do Santo” (SASSI, 1964, p. 165). Logo no início do romance o autor apresenta Elias de Moraes como um comerciante, que estava reunido com Juca Tavares – ex-promotor de Canoinhas e defensor dos direitos de Santa Catarina – e demais companheiros, pessoas influentes: “Guilherme Gaertner, comerciante; [...] Aleixo Gonçalves, fazendeiro e político de prestígio; Dom Rocha Alvez, fazendeiro muito estimado pelos caboclos; e ainda o caudilho Bonifácio Papudo” (SASSI, 1964, p. 12).

Na representação promovida por Sassi, os sujeitos em questão estavam reunidos conversando sobre as disputas territoriais entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Juca Tavares – que foi ex-promotor de Canoinha e defensor dos direitos de Santa Catarina e tinha planos de ingressar na política – indicou na conversa que Elias de Moraes seria “o homem indicado pra chefiar o movimento”, o qual se mostrou disposto a colaborar: “Me dê um pouco de tempo, seu Tavares. Deixe eu resolver os meus negócios e ficar com todo o tempo livre” (1964, p. 19). Nesse meio tempo, entram na venda dois caboclos, adeptos de José Maria, e Tavares comenta: “É dêsse povo que a gente vai precisar para impedir o avanço dos paranaenses” (1964, p. 19).

Na visão da história promovida por Sassi, podemos notar que determinados sujeitos, como os acima representados, se aproveitaram da indignação e da força dos *caboclos* visando vencer a disputa política pelo território contra o estado do Paraná. Ou seja, aqui o autor evidencia aos leitores que a Guerra do Contestado não se resumia ao conflito pela posse do território entre o governo e os desapropriados, mas também foi uma disputa pelo poder, na

medida em que pessoas influentes, como as acima mencionadas, interessaram-se no conflito e, inclusive, se envolveram, buscando angariar prestígio político e também benefícios próprios.

Dentre eles está Elias de Moraes que, “aceitando o convite de Tavares, êle viera para Taquaruçu, onde receitava remédios e dava conselhos. [...] Seu Elias encarregou-se também do registro do reduto e da realização dos casamentos” (SASSI, 1964, p. 56). No decorrer do romance Sassi demonstra que na medida em que cresce o movimento do Contestado, cresce também o prestígio de Elias entre os sertanejos:

A autoridade de Elias se firmara em poucas semanas. Sua palavra, agora, tinha valor de lei, e ninguém lhe punha em dúvida a autoridade. [...] Seu Elias passou a servir de intérprete, escutando Maria Rosa e transmitindo as ordens do monge. O povo, satisfeito, obedecia. Um mediador de novo ligava o céu e a terra. (SASSI, 1964, p. 57)

Nos fragmentos citados e em vários outros trechos do romance, fica claro que Elias de Moraes passou a ser um sujeito muito influente entre os sertanejos depois da morte de José Maria, pois, na falta do monge para dar conselhos, fazer orações, receitar chás e remédios, era Moraes quem o fazia. Portanto, segundo o que descreve Sassi, ele foi um dos principais líderes do movimento, substituindo o monge em várias funções, servindo de “intérprete” de Maria Rosa³⁰, cujos sonhos e visões denotavam orientações do monge para os sertanejos. Continua Sassi:

Os *fanáticos* de Caraguatá, embora obedecendo ordens de vários chefetes menores, reconheciam um chefe único: Elias de Moraes. Além de outros cargos que lhe estavam afetos, Elias tornou-se também o guardião dos livros. [...] Era agora êle que se encarregava das leituras e das explicações. Para as suas mãos passaram também os cadernos em que se faziam os registros dos batizados, dos casamentos e dos óbitos. [...] Mais uma razão para que seu Elias fosse admirado e respeitado: dava remédios, sim, e por sinal que muito bem (SASSI, 1964, p.79 – grifos no original)

Sassi não identifica Elias de Moraes como caboclo. A importância e influência deste sujeito para os sertanejos do Contestado, estando entre eles no decorrer de praticamente todo o conflito, se deve ao fato das funções que exercia dentro do reduto, conquistando admiração e prestígio que lhe tornaram chefe único. Analisando as citações, é possível perceber que o autor deixa claro que Moraes não fazia parte do grupo de pessoas que foram desapropriadas de suas terras ou das que não tinham para onde ir. Na representação promovida por Sassi, Elias é

³⁰ Maria Rosa foi uma virgem escolhida por Elias de Moraes para ser uma líder espiritual no reduto. Ela passou a ser uma intermediária entre o espírito do monge e a terra, uma tradutora das ordens do céu, depois da morte de José Maria (SASSI, 1964, p. 57).

classificado como um comerciante catarinense, disposto a defender o estado de Santa Catarina na disputa contra o Paraná, que aparentemente se infiltrou no movimento por interesses de um grupo isolado. Segundo o que nos apresenta Sassi, Elias de Moraes não tinha a necessidade de se juntar aos sertanejos, mas o fez na intenção de liderar o movimento, e de fato conseguiu.

Apesar de Sassi deixar claro quais eram as intenções iniciais de Elias de Moraes, ele dá a entender também que este foi um líder muito importante para os sertanejos, que de fato lhes deu confiança e foi essencial para a organização dos redutos. Inclusive, quando Moraes foi morto, “numa vez em que os soldados entraram na Guarda do Santo”, o movimento se enfraqueceu e se descaracterizou, passando a ter um caráter violento, pois passou a ser liderado por Adeodato, um jagunço tirano, que antes já era o chefe militar e com a morte de Elias passou a ser o líder principal (1964, p. 165). Essa descaracterização do movimento a partir da liderança de Adeodato fica clara no momento em que os caboclos, incentivados pelo novo líder, em vez de se defenderem, passaram a atacar, como será visto adiante neste trabalho.

Adeodato foi o último líder dos sertanejos e é lembrado pela forma violenta com que liderou o movimento. Considerando as peculiaridades deste sujeito transformado em personagem, torna-se importante compreender a forma pela qual Sassi o caracteriza, na medida em que, segundo o que podemos notar por meio da trama do romance, com o passar do tempo o movimento dos sertanejos ganhou novos objetivos e tomou novos rumos. De um movimento de resistência passou a ser concebido como um movimento de criminosos. Isso se deu, principalmente, por conta das novas lideranças como, por exemplo, a chegada de Adeodato ao poder. Sobre esse novo líder, que foi o último dos caboclos, é interessante trazer algumas informações:

Característico caboclo do interior catarinense, Adeodato Manoel Ramos, também narrado nos documentos como Leodato de Lemos, foi instruído desde jovem nos ofícios e artes do sertão, sendo tropeiro, domador, lavrador e cantador. O último líder da Guerra do Contestado era natural do Cerrito, município de Lages, tendo nascido no ano de 1891. Foi com o pai, Manoel Telêmaco, e outros peões que Adeodato aprendeu os ofícios necessários para a vida que se levava no início do século XX na região do Contestado (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 308).

Como já mencionado, Adeodato foi o último líder dos caboclos; portanto, ele aparece somente na quarta e última parte do romance, que inicia na página 101 e se refere ao reduto de Santa Maria, para onde “afluíram todos os fugitivos dos redutos abandonados das redondezas. Homens feridos, mulheres feridas, crianças feridas. E doentes e mais doentes” (1964, p. 101).

Por meio do cenário descrito nesse pequeno trecho, já podemos ter uma noção de que o reduto já se encontrava numa situação terrível, a guerra estava chegando ao fim.

Neste novo reduto, segundo Sassi, “A chefia civil estava com Chico Alonso, Adeodato fôra nomeado Ministro da Guerra e a autoridade religiosa permanecia com frei Manuel. No final das contas, porém, quem continuava mandando mesmo era Elias de Moraes” (1964, p. 101-102). Ou seja, foi por meio do cargo de Ministro da Guerra que Adeodato se aproximou da liderança. Porém, após o combate do Rio das Antas (1º de novembro de 1914), “com baixas de ambos os lados, na volta para os redutos, o vazio deixado pela morte de Francisco Alonso logo foi preenchido por Adeodato” (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 310):

Adeodato ficou sendo o chefe *militar* de Santa Maria. Há muito que os jagunços vinham prometendo um ataque à vila de Curitiba. Adeodato achou que era tempo de realizá-lo. Os *fanáticos* encontraram a vila desprotegida. Entraram, mataram gente, saquearam e incendiaram casas. [...] Adeodato não participou do assalto. Ficou no reduto, admirando a viúva de Chico Alonso, da qual se agradara. Conferenciou com frei Manuel, e ambos trataram de achar um jeito para a conquista da viúva, um modo pelo qual Adeodato fizesse o que fizesse, não perdesse a razão e o respeito (SASSI, 1964, p. 115).

A partir desse trecho já podemos ter uma noção de como o autor caracteriza o chefe sertanejo. A onda de ataques, por parte dos jagunços presentes no movimento, passou a ser influenciada pelo novo líder. Assim, os caboclos que antes apenas se defendiam, passaram também ao ataque, matando pessoas, muitas vezes inocentes, incendiando e saqueando suas casas. Sassi, nesse ponto, não contraria a historiografia oficial que condena Adeodato por sua extrema violência e desumanidade. O que faz é humanizar o personagem, apontando para os interesses que o moveram até conquistar o poder, agindo com violência dentro e fora dos redutos. Nesse sentido, Valentini e Moraes também descrevem tal violência:

Os infortúnios encontrados no que viria a ser o final do movimento, principalmente ocasionados pelo cerco imposto pelas forças adversárias, fizeram com que as atitudes tomadas pelo líder fossem totalitárias. Nos últimos redutos, Adeodato conseguiu se impor e mandava de forma incontestável – essa era sua maneira de manter o movimento ativo e os homens firmes a batalhar. Diversos foram os assassinados a seu mando; os primeiros por ligação com o inimigo, por tentar fugir ou manter um espírito derrotista; mas com o decorrer das tensões alguns de seus próprios companheiros foram assassinados (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 311-312).

A fim de caracterizar esta condição, Sassi investe na história, dimensionando para os leitores a crueldade e o mal caráter de Adeodato. São muitos os exemplos apresentados por

Sassi para caracterizar este personagem e suas maldades. Por exemplo, com o pretexto de estarem trazendo “azar” para o reduto, Adeodato mandou fuzilar algumas pessoas que, de alguma forma, limitavam o seu poder: “Adeodato mandou que fuzilassem Euzébio Ferreira dos Santos. [...] O velho estava prejudicando o pessoal do reduto, fazendo com que os companheiros fôssem mortos ou presos” (1964, p. 116). Além disso, como visto no trecho anterior, mesmo sendo casado, Adeodato desejava outras mulheres, como a viúva de Chico Alonso, por exemplo. Dessa forma, mandou também que fuzilassem sua esposa, para poder então se casar com a viúva:

É aquela desgraçada da minha mulher. Ela não presta e anda me enganando. É isso que tá dando azar pro reduto. [...] É essa mulher que tá dando azar. Quem trai o marido merece a morte. [...] Ele não chegou a contar com quem a mulher praticara adultério. Acusou-a, julgou-a e executou-a, tudo num repente. Agora estava livre para casar com a viúva de Chico Alonso. E foi o que fez. [...] (SASSI, 1964, p. 116).

Aproveitando-se de sua autoridade, apesar de ainda não ser o chefe único do reduto, Adeodato fazia tudo da forma que lhe fosse conveniente. Ordenava quem deveria morrer e quem deveria viver. Nada era problema para ele, tudo podia ser resolvido na bala. Um exemplo disso é a questão do seu próprio casamento, como citado acima. Nem mesmo sua esposa escapou de sua tirania. Porém, apesar da preocupação de primeiro eliminar sua mulher para se casar com outra, “Adeodato, contudo, não se contentava com uma só mulher. Abusava de todas, não respeitando casadas nem solteiras. Ele era o chefe, e ninguém tinha coragem de discutir suas pretensões” (1964, p. 116). Ou seja, um exemplo claro de abuso de autoridade, onde o líder se aproveitou da fragilidade dos sertanejos para governá-los da forma que lhe era conveniente.

Sassi deixa claro em seu romance que o poder de Adeodato foi ficando cada vez mais fortalecido, pois ele estava eliminando aqueles que cruzassem o seu caminho. Novamente o autor apresenta uma história de que alguém do reduto estaria trazendo azar. Dessa vez o culpado era Aleixo Gonçalves, que brutalmente foi assassinado pelo próprio Adeodato:

O chefe mandou que chamassem Aleixo. Ele atendeu imediatamente. Adeodato não lhe deu tempo de apear. Correu ao seu encontro, segurou as rédeas do cavalo e atirou a queima roupa. Acabara-se o azar de Santa Maria. Ao menos por uns tempos. De qualquer maneira, eliminado mais aquele chefe, o prestígio de Adeodato mais se consolidou (SASSI, 1964, p. 124).

Apesar do grande prestígio de Adeodato, o maior chefe do reduto continuava sendo Elias de Moraes, mas Adeodato não precisou matá-lo, pois como mencionado anteriormente, ele foi morto pelos soldados. Com a morte de Elias, “Adeodato ficou sendo o chefe único, e, como um

tirano, governou o reduto” (1964, p. 165). Como percebido, Sassi cita vários trechos mostrando essa tirania de Adeodato, e quando este passou a ser o único chefe, tudo piorou.

Segundo o que Sassi menciona, outra medida foi tomara por Adeodato, que deixou o reduto todo perplexo: “A comida estava cada vez mais rara, Adeodato ordenou a matança das crianças, livrando-se das bocas inúteis” (1964, p. 165). Ou seja, nem mesmo os inocentes saíram ilesos e, dessa forma, o reduto foi se definhando, facilitando a vitória das forças oficiais. Nesse sentido, de acordo com os estudos de Valentini e Moraes,

Paulo Pinheiro Machado observou a constante “demonização” atribuída ao último líder caboclo nos momentos finais do movimento, quando as forças públicas representadas pelo exército brasileiro sob o comando de Setembrino de Carvalho, somadas às forças estaduais e um grande contingente de vaqueanos, que também eram moradores da região, cercaram os redutos e passaram a sufocar os caboclos que, famintos e maltrapilhos, passaram a se render em massa (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 313).

É por meio da liderança de Adeodato que Sassi mostra como a Guerra do Contestado foi aterrorizante, pois “Não só dos soldados tinham agora que defender-se. A maior ameaça vinha dos homens do Adeodato”. Além disso, a rotina e os costumes do reduto se modificaram, “Não mais para as orações e os exercícios se reuniam os jagunços, e sim para a escolha dos que deviam morrer”. Dentre todos no reduto, Adeodato pregava que as “Crianças, mulheres e velhos teriam que morrer, para que Santa Maria perdurasse”. Ou seja, deviam sobreviver apenas os homens capazes de lutar (1964, p. 166):

Adeodato, os polegares enfiados na cinta, um riso mau nos lábios, examinava a forma das mulheres, e fazia a escolha. [...] Adeodato apontou para Jovina.
 – Não mande me matar, seu Adeodato. Eu tou grávida. [...]
 Adeodato sacou o revólver e agarrou a mulher pelos cabelos.
 – É por isso mesmo! Morre você, que não presta pra nada – o revólver encostado no rosto da mulher, Adeodato atirou. – E morre você também, que tava pra nascer e ia comer a comida de quem briga – o segundo tiro foi no ventre de Jovina. (SASSI, 1964, p. 166-167).

Enfim, apesar de citar mais ao final do romance, é visível pelos trechos aqui apresentados que Sassi procura dar ênfase na figura de Adeodato e na forma aterrorizante pela qual ele governou o reduto. O autor apresenta-nos um sujeito extremamente violento, impetuoso, cruel e desumano. Uma das possibilidades de interpretação é que Sassi tem como intuito desconstruir algumas romantizações que foram feitas em torno dos sertanejos em geral, que muitas vezes os colocam no lugar de vítimas indefesas. Porém, ao considerar o contexto e ano de publicação do romance de Sassi (1964), em relação à historiografia disponível ao autor

até esse período, é mais provável que neste trecho o autor esteja apenas reafirmando a “demonização” dos sertanejos, e em especial de Adeodato, disseminada pela imprensa da época.

Dessa forma, assim como João e José Maria, Adeodato foi uma das personalidades mais marcantes da Guerra do Contestado. Nesse sentido, ao comparar a figura dos dois líderes do movimento – o primeiro e o último – é possível refletir sobre a forma brusca pela qual o movimento se desvirtuou:

Duas memórias excludentes são constantemente evidenciadas na Região do Contestado. Por um lado, dividindo espaços em altares religiosos, reverenciado como santo e bondade em pessoa, ainda permanece a imagem de João Maria e, por outro, herdeiro de atribuições de selvageria e dos traumas da etapa final, Adeodato permaneceu como o resumo da maldade dos caboclos do Contestado (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 312-313).

Nesse sentido, pensando na forma com que Sassi fala sobre a liderança de Adeodato, é evidente sua intenção de mostrar ao leitor que a Guerra do Contestado foi extremamente violenta, na medida em que os sertanejos sofreram perseguições até mesmo dentro dos próprios redutos, onde deveria ser um local de abrigo, acolhimento e proteção.

Por fim, considerando a representação da identidade de Adeodato no romance histórico de Sassi, e a forma pela qual a historiografia recente à guerra descreveu o conflito e os sertanejos, é importante mencionar mais um trecho do trabalho de Valentini e Morais, que fala sobre esse marcante líder e a forma pela qual ele ficou conhecido e ainda hoje é associado à Guerra do Contestado:

O líder Adeodato, conhecido por alguns documentos oficiais e, principalmente pela imprensa do seu tempo, foi e continuará sendo o demônio em carne e osso. Observando com detalhes, Adeodato nada mais era que o oposto de todas as normas e projetos propostos pela sociedade daquele período, um homem negro, analfabeto, pobre e morador do sertão, que durante uma guerra em busca do direito a terra e a livre fraternidade, se levantou como liderança. Fez parte dos elementos perniciosos que perturbaram a ordem e assim justificável a sua condenação e eliminação. Com a morte de Adeodato, símbolo da maldade dos caboclos, também desejaram matar os sonhos de fraternidade e convivência numa Cidade Santa (VALENTINI & MORAIS, 2023, p. 317-318).

Este trecho nos faz refletir a respeito da “demonização” de Adeodato por parte da imprensa e historiografia da época. É evidente que o momento de sua liderança foi um dos mais difíceis enfrentados pelos sertanejos, não apenas por se tratar de um ambiente de fim de guerra, mas por ter sido marcada pela crueldade do jovem líder. Porém, ao analisar as características

mencionadas por Valentini e Moraes no trecho acima, podemos considerar que Adeodato, de certa forma, se encaixava no grupo de sujeitos marginalizados pelas versões oficiais da história. Portanto, a sua “demonização” pode não estar apenas relacionada à sua tirania no contexto de sua liderança, mas também à necessidade de exclusão de sujeitos como ele da sociedade.

1.7 – Os personagens ficcionais na representação do protagonismo dos sertanejos

Sassi não concentra sua trama em personagens oficiais do movimento. A fim de caracterizar a pluralidade de sujeitos históricos presentes nos redutos, o autor representa outros personagens, marginais, mas que sintetizam sentidos e posições importantes para compreendermos a complexidade das relações dos sujeitos que povoaram os redutos do contestado.

Como já dito anteriormente, o autor não dedica espaço para personagens principais fixos, mas apresenta vários personagens no decorrer dos capítulos, dependendo da situação que pretende expor. A respeito dessa questão, é interessante a reflexão de Fernando Goss, pois ele afirma que o fato de Sassi não delimitar um personagem principal no seu romance “caracteriza a preponderância do coletivo sobre o individual” e, nesse sentido, para o autor “o problema social da região e a conseqüente deflagração do conflito, não a história de um ou mais personagens, formam o núcleo central da narrativa” (1999, p. 62-63).

Iniciaremos citando dois personagens que se destacam na narrativa: Zeferina Papuda e Nenê. Mãe e filho, aparecem logo na primeira parte do romance – na página trinta e dois, mais especificadamente –, que se refere ao reduto de Irani. No decorrer do romance, alternando os capítulos com histórias de outros personagens, Sassi volta a falar sobre a dupla, mostrando suas invenções e façanhas.

Os personagens Nenê e Zeferina fazem parte do grupo de sujeitos que estavam em busca de encontrar José Maria. No caminho do reduto, “Nenê, parado à beira da estrada, agachara-se para examinar uns cristais de rocha. [...] A velha tomou uma das pedras entre os dedos e remirou-a contra o sol. Opinou: Diamante não é. Eu acho que é rubi ou esmeralda. [...] Então vamos juntar, mãe” (1964, p. 32). E assim seguiram ao encontro do monge. Quando chegaram, portanto,

Zeferina e o filho, em poucos dias, se tornaram as pessoas mais populares do reduto. A todos mostravam os tesouros que possuíam, procurando negócios ou propondo barganhas. Nenê, de dentro dos bolsos, ia tirando as jóias mais

fascinantes: colares de pérolas, broches de ouro, montões de pedras preciosas. Por sua vez, Zeferina Papuda não se fazia de rogada para abrir a trouxa que trazia consigo, e ia colocando, mesmo no chão, os cordões de ouro, anéis e colheres de prata, moedas antigas e camafeus – quanta riqueza havia no mundo (SASSI, 1964, p. 33).

Na medida em que iam oferecendo o que, para eles, eram preciosidades, todos riam muito, pois, na verdade, os objetos que carregavam não passavam de quinquilharias, coisas que não possuíam valor algum, como “pedaços de cobre, pedras esquisitas e brilhantes, seixos rolados, cacos de vidro, anéis baratos, miçangas e jóias de fantasia, completas ou aos pedaços” (1964, p. 33). Nesse sentido, compreende-se que Sassi os descreve como pessoas totalmente inocentes. Esta é uma das características que o autor atribui a estes personagens, que passaram também a fazer parte dos redutos.

Além disso, logo no início, por meio das falas e atitudes de Nenê e Zeferina, Sassi demonstra que, além de inocentes, estes não dispunham de total lucidez, e isso fica ainda mais claro no decorrer da narrativa. Com o intuito de fazer com que o leitor imagine e visualize as características físicas do personagem, Sassi o descreve: “Nenê, o buço começando a apontar, a baba e o ranho sempre escorrendo, os olhos sujos de remela” (1964, p.33). Numa tentativa fracassada de vender mais uma de suas bugigangas, o rapaz é acalentado pela mãe:

– Coitadinho do meu Nenê – dizia a velha, acariciando a cabeça do filho. – Mexem com êle porque o pobrezinho é meio fraco da idéia. Foi o único filho que ficou comigo, depois que meu falecido morreu. Os outros me deixaram, não me ligam... Êste, coitadinho, sempre agarrado comigo... (SASSI, 1964, p.34).

Nenê, portanto, era “meio fraco da idéia”, como sua própria mãe o caracteriza. Porém, Sassi deixa claro que Zeferina e o filho tinham uma ligação muito forte, na medida em que possuíam somente um ao outro. Talvez o abandono do restante da família tenha contribuído para o distúrbio de ambos. A respeito desse amor fraternal, Sassi enfatiza:

Todos diziam que eles dormiam juntos. Era verdade. Dormiam juntos, sim, no mesmo catre. Sem malícia, porém. Entre eles se interpunha a inocência, o respeito, a maternidade, os laços de sangue. De mal, nada acontecia. Nem podia acontecer. Durante as noites de frio os dois se juntavam, no mesmo leito, costas contra costas, e o calor de um aquecia o outro (SASSI, 1964, p.34).

No decorrer de todo o romance, sempre que Sassi destina espaço para a trama de Nenê e Zeferina, é perceptível que o autor procura dar destaque para a ingenuidade desses

personagens. No trecho a seguir, Sassi descreve de forma cômica e minuciosa a reação do rapaz ao ver, pela primeira vez, uma mulher nua, com a qual, depois desse episódio, queria se casar:

Nenê parou. Seu coração depois de um coice brusco, passou a bater descompassado. O rapaz levou a mão à boca, sufocando um grito. [...] As mãos tremiam-lhe, a baba escorria-lhe pela boca, e em vão ele tentava evitar os roncões surdos que lhe nascia no peito e se escapavam pelos lábios, numa espécie de gemidos, espalhando saliva. Que maravilha! Debaixo da cascata, nuinha de todo, a moça estava no banho. [...] Os olhos de Nenê se demoraram nos seios firmes, nas ancas bem feitas, nas coxas roliças. Jamais êle havia visto uma mulher nua. [...] A rapariga saiu da água e estendeu-se em cima da grama. Foi demais. O doido atirou-se ao solo e fechou os olhos, escondendo a cara no chão, arquejando, babando e arranhando a terra (SASSI, 1964, p. 58-59).

Já com a barba nascendo no rosto, Nenê nunca tinha visto uma mulher nua. “Jamais imaginara que as roupas tantos encantos escondessem” (1964, p. 59). De acordo com a descrição de Sassi, o jovem ficou perplexo, extremamente encantado e fora de si. As atitudes do filho de Zeferina Papuda ao ver a moça no banho revelam, não somente sua inocência – já citada –, mas também seu desvario, na medida em que o próprio autor se refere a ele como “doido”.

Apaixonado e convicto de que queria se casar, Nenê convenceu sua mãe de falar com Rocha Alves, o pai da moça. “Rocha Alves, a princípio, ficou zangado. Depois riu-se com vontade e resolveu levar tudo na brincadeira” (1964, p. 60). Num tom sarcástico, o pai da moça estabeleceu qual seria o dote:

– Pois tá certo. Não digo que sim... e também não digo que não. Primeiro você vai provar que tem coragem e valentia. Nós estamos em guerra, pois não é? Você se aliste no Exército de São José Maria, e daí vamos ver se eu lhe dou ou não a minha filha em casamento. Volte depois, quando tiver juntado vinte orelhas de *peludo* (SASSI, 1964, p. 60).

Nenê nunca havia lutado, sua mãe dizia que ele era doente, porém, “Zeferina estava certa da vitória do filho, e aconselhou-o a armar-se o quanto antes” (1964, p. 60). A simplicidade dos dois impedia que eles enxergassem o deboche na fala de Rocha Alves. Passados dois meses da proposta do dote, “Diariamente Nenê se exercitava no manejo da Elética³¹. [...] A mourama, prêsã à terra pelas raízes, não podia fugir, e ficava dizimada, secando ao sol os cadáveres verdes. Afinado que estava, o homem. De *peludo*, porém, nem sinal” (1964, p. 64).

³¹ Elética foi o nome dado por Nenê à espada: “Ela vai se chamar Elética. [...] Porque é que nem um arame elético, desses que dão choque na gente” (1964, p. 61).

Na análise feita por Weinhardt a respeito do romance histórico de Sassi, a autora também aponta para a trama que envolve Nenê e Zeferia, e procura dar ênfase ao dote exigido por Rocha Alvez como condição para o rapaz se casar com sua filha. Para Weinhardt, ao descrever a postura sarcástica de Rocha Alvez, “Sassi figura com argúcia a impiedade do sertanejo para com o próximo, essa capacidade de se comprazer nas limitações dos seus semelhantes” (2002, p. 137).

No decorrer do romance, porém, sempre procurando destacar a inocência que caracteriza estes personagens, Sassi indica que num dado momento, a história de Nenê e Zeferina deixa de ser cômica, se transformando numa história trágica. Ao ouvir os vizinhos comentarem sobre algumas das profecias de José Maria, como a do “dragão de ferro”, Zeferina ficou interessada:

– E êsse bicho come gente?
 – Bom... – disse Florêncio – Comer gente êle não come, mas come terra. Eu tive que sair das minhas terras, por causa dessa praga. E não fui eu só. Muita gente foi tocada das suas casas, das suas fazendas, por causa dessa Estrada. Tudo o desgraçado do bicho comeu. [...]
 Zeferina escutou, até que trocaram de assunto. Chamou o filho e saíram os dois caminhando (SASSI, 1964, p. 65).

Sem entender a metáfora do dragão de ferro, que na verdade se refere ao trem, Zeferina convenceu-se de que esta era a oportunidade de Nenê, pois “*peludo* por ali não havia mesmo, o filho não tinha maneira de conseguir as orelhas. [...] Mas havia aquele monstro que engolia as terras dos pobres, contra o qual ninguém se atrevera a lutar ainda” (1964, p. 66). Dessa forma, sem encontrar outra solução, foi assim que a mulher aconselhou o filho: “tu vai lá onde êle mora, corta a cabeça dêle e traz pro nosso Imperador. Vale mais do que vinte orelhas de *peludo*” (1964, p. 67). Por conseguinte, puseram-se a caminho:

Há dias e dias que viajavam, a pé, em busca do trem de ferro. [...] Agora haviam chegado ao destino, e Nenê ali estavam para lutar. [...] Esperaram, horas e horas. Finalmente, ao longe, um ruído. [...] Lá vinha, em disparada, o dragão. Negro e feio, todo de ferro. Pela boca vomitava fogo e fumaça, e seus olhos, também de fogo, rasgavam a escuridão da noite. E rugia, o animal, que nem um demônio sóto. [...] O rapaz, correndo, vociferou:
 – Avança, dragão do diabo! Eu te corto com a minha espada.
 E a fera avançou, resfolegando e cuspidando chamas. [...] O grito da máquina impediu que Zeferina ouvisse o grito do filho. Um vendaval passou junto à velha, e o barulhão, fazendo tremer a terra, ensurdeceu-a. A Elética ficou atirada no leito da ferrovia; Nenê, mais adiante, era uma posta de sangue (SASSI, 1964, p. 67-68).

Sassi, por fim, descreve o fim trágico da dupla: “Nenê lá ficou, na estrada. Urubu comeu-lhe uns pedaços, gente piedosa enterrou o resto” (1964, p. 69). Zeferina, porém, que inicialmente ficou sem reação, “voltou para Taquaruçu. Ensandecera de todo. Agora, quando alguém lhe perguntava pelo filho, respondia: Meu Nenê entrou na caverna do dragão, pra acabar com êle” (1964, p. 69). O autor dedicou várias passagens do romance na trama que envolve Nenê e Zeferina. Por meio do protagonismo desses personagens, Sassi pontua suas características. A inocência, a ingenuidade e a loucura são as principais particularidades desses sujeitos, e isso fica evidente no decorrer do romance.

A respeito das individualidades desses dois personagens, podemos ter duas interpretações, pois ao mesmo tempo em que Sassi está descrevendo ao leitor as diferentes personalidades que buscaram o monge por uma cura, ou conforto, o autor acaba, de certa forma, confirmando alguns dos estereótipos negativos que foram atribuídos aos sertanejos, como, por exemplo, o da loucura, que foi muito disseminado, principalmente pela historiografia e imprensa da época. A respeito disso, podemos verificar o exemplo trazido por Liz Andréa Dalfré, que em seus estudos citou a notícia publicada pelo Diário da Tarde em 06 de março de 1914:

Uma centena de indivíduos, míseros sertanejos, reúnem-se num certo ponto do território de Santa Catarina, a fim de seguir o ‘seu vidente’, um perfeito tipo de desequilibrado, atacado de exaltação religiosa. (...) Pelas palavras dos fanáticos, pelas respostas aos conselhos dos missionários, pelas ameaças às censuras que este articulava contra os erros de sua crença absurda, torna-se evidente o estado de perturbação daqueles rudes espíritos, de sertanejos, abandonados a sua própria sorte e entregues a mais completa ignorância. (DALFRÉ, 2023, p. 216).

Além de Nenê e Zeferina, outros personagens também ganham destaque na trama de Sassi. Dentre eles, está o cego Tavinho e Tibúrcio, o leproso. Logo no início do romance o autor já cita esses indivíduos, no momento em que apresenta quais eram as pessoas que estavam à procura de José Maria.

O cego Tavinho também acreditava nos poderes do monge. Depois de Deus, somente êle para devolver-lhe a vista.
 – Um cego coitado que nem eu não pode andar caminhando sòzinho pelo sertão. Vou precisar de um guia.
 Tibúrcio Ribas ofereceu-se. Leproso e abandonado pela família, não lhe restava outro amparo senão a fê nos milagres do monge. Nosso Senhor Jesus Cristo curou lepra. São João Maria de Agostinho, quando andou pelo mundo, curou lepra. São José Maria, que era santo e irmão do outro, podia curar também. Com a graça de Deus (SASSI, 1964, p.17).

Como pode ser visto no trecho acima, os dois personagens em questão, assim como muitos outros sujeitos que passaram a seguir José Maria – quando souberam de sua “aparição” –, estavam buscando a cura para suas doenças, ou deficiências. A fé que possuíam no monge estava relacionada a outros modelos religiosos de salvação, como Jesus Cristo e São João Maria de Agostinho. Para eles, se estes haviam curado, José Maria também poderia curar.

A trama que envolve o cego e o leproso se desenrola na última parte do romance, que se refere ao reduto de Santa Maria, apesar de estarem seguindo o monge desde a formação do primeiro reduto. Sem levantar suspeita, a dupla era responsável pela espionagem do reduto, “pois eram bons os olhos do leproso, e, se Tavinho não via nada, conservava os ouvidos bem abertos” (1964, p. 64-65). Dessa forma,

Para cá e para lá andavam o cego e o leproso, entre os redutos, nas vilas, fazendas e povoados, e até mesmo no meio das tropas. Encarregados de vigiar os soldados e transmitir aos jagunços os seus movimentos, desempenhavam a missão, sem levantar suspeitas. Quem iria desconfiar do coitado de um cego e do seu pobre guia? Ninguém. Ninguém mesmo. Para divertir as pessoas e arranjar pouso e comida, Tavinho repinicava a viola e cantava antigas modinhas, ou então declamava décimas. Os soldados gostavam daquilo (SASSI, 1964, p.108).

A dupla tinha passe livre e podia transitar tranquilamente por todas as regiões. Esses sujeitos tinham em comum a solidão, pois não estavam com suas famílias, a pobreza e as limitações causadas pelas suas doenças. Tibúrcio era o guia de Tavinho, por isso estavam sempre juntos e viraram bons amigos. Porém, Sassi demonstra que esse companheirismo entre os dois chegou ao fim quando Tibúrcio Ribas encontrou dinheiro com um soldado morto:

[...] O leproso, então, revistou os bolsos do morto. Dinheiro! Cédulas e mais cédulas. Tibúrcio, com as mãos trêmulas, apossou-se da bolada. Dinheiro! Dinheiro da República, dinheiro do diabo, que dentro dos redutos não valia nada. Aquilo era dinheiro sujo, dinheiro dos republicanos, mil vezes maldito. Que fôsse para os outros; não para êle, Tibúrcio. Há muito que êle não possuía dinheiro de seu. E agora tinha de nôvo. Quanto, ainda não sabia. Muito, a julgar pelo volume. Dinheiro dêle, de seu. Isto é, tinha e não tinha. Nos redutos nada poderia fazer com a fortuna. Era só exhibir as notas e imediatamente viver sem elas; o destino, o fogo (SASSI, 1964, p.103).

Nesse trecho, Sassi deixa clara a empolgação do morféutico ao encontrar o dinheiro, mesmo sabendo que a princípio não poderia utilizá-lo nos redutos e nem mesmo exibi-lo a ninguém. Como descrito por Sassi, para os sertanejos, em geral, aquele era um dinheiro maldito, era da República e deveria ser queimado. Porém, para o leproso, aquele dinheiro representava

a solução para seus problemas, pois vivia numa condição miserável por conta de sua doença e dependia de doações para se alimentar. Agora, portanto, tudo se resolveria:

Dia haveria de chegar, também, em que o dinheiro da República tivesse valor de novo. Esperar não custava nada. Um homem, com dinheiro no bolso, comprava tudo o quanto desejasse. Até saúde! De coisa alguma lhe estavam adiantando os remédios e as benzeduras de *frei* Manuel. Inúteis as drogas e os chás receitados por Elias. Êle piorava cada vez mais, as carnes sempre e sempre apodrecendo, caindo aos pedaços. Nas cidades, nas farmácias, outros medicamentos existiam. Remédios caros, que vinham de fora, do estrangeiro. A esperança de curar-se, Tibúrcio não perdera nunca... e agora tinha dinheiro (SASSI, 1964, p.104).

É possível perceber que o principal objetivo de Tibúrcio era se curar da lepra, pois, como já mencionado, foi essa sua intenção ao se juntar aos seguidores de José Maria. Dessa forma, tendo consciência da proibição do dinheiro no reduto, “Êle não iria contar a ninguém daquele achado, nem reparti-lo com o cego Tavinho. O tesouro era dêle, exclusivamente dêle” (1964, p. 104). Para Tavinho, porém, “faltava-lhe a visão, era verdade, mas outros sentidos, e bem apurados, êle possuía” (1964, p.105).

O cego, desconfiado dos ruídos de embalagens e mastigações do leproso – que com o dinheiro passara a comprar guloseimas nos vilarejos – acabou encontrando no leito de Tibúrcio “invólucros de caramelos, restos de palhas de milho onde haviam sido embrulhadas as rapaduras, latas vazias, migalhas” (1964, p. 111). Agora Tavinho tinha certeza: “seu Tibúrcio tinha dinheiro! Onde o arranjava era ainda um enigma. Mas tinha, sim” (1964, p. 117). Depois que Tavinho descobriu que o companheiro possuía dinheiro, começou a pensar a forma pela qual iria roubá-lo, já fazendo planos de como gastar:

Ao revistá-lo, o cego achara esquisitas as ombreiras do paletó: volumosas por demais. Estava descoberto o mistério: era ali que Tibúrcio escondia o tesouro. Tavinho também sentia saudades de um passado melhor, de algo mais que os restos de comida que ganhavam nas casas. Com dinheiro êle poderia comprar comidas diferentes: rapaduras, latas de doces, garrafas de gasosa, e também cigarros e cachaça. Tibúrcio não repartia nada com êle. E não se apartava do paletó. Nunca, nem mesmo para dormir. Contudo, enquanto o outro dormia, êle poderia acertar-lhe uma pancada na cabeça, ou enfiar-lhe uma faca nas costelas. E se errasse, se o morfético não morresse logo? E as complicações, depois, para explicar a morte? Não, não dava. Precisava pensar em outra solução (SASSI, 1964, p. 117).

Sassi demonstra, por meio da trama entre Tavinho e Tibúrcio, que independente do companheirismo dos dois, tudo desmorona quando um deles encontra dinheiro. Tanto o cego, quando o leproso, ao imaginar tudo o que o dinheiro poderia comprar, esquecem da amizade e

tudo o que um havia feito pelo outro. Agora o que importava era o poder de compra, e para isso, estavam dispostos a tudo.

Por conta das condições insalubres em que viviam os sertanejos, devido à falta de higiene e de uma alimentação adequada, os redutos estavam repletos de doenças, como o “tifo, disenteria e varíola” (1964, p.134). Tavinho e Tibúrcio, além de suas avarias, também estavam expostos à estas enfermidades. Assim, passado um tempo da descoberta do dinheiro,

Atacado da varíola, Tavinho ficara duas semanas no desfiladeiro do Quadro, longe de Tibúrcio. Ao sentir-se melhor, pedira aos guardas que o levassem ao reduto, onde procurara o guia. Tibúrcio, vítima do tifo, morrera. A sepultura ninguém sabia onde ficava. Tavinho, de indagação em indagação, obteve alguns dados positivos. (SASSI, 1964, p. 134).

Ainda movido pela ganância, Tavinho estava disposto a encontrar a sepultura de Tibúrcio para pegar o dinheiro, pois “o leproso nunca deixava o paletó, e na certa fôra sepultado com êle. O dinheiro também estava ali, sob a terra, nas ombreiras do paletó” (1964, p. 134). Assim, “à noite, rastejando, orientando-se pelos obstáculos do terreno, o cego dirigiu-se ao cemitério” (1964, p.134). Depois de várias noites escavando sem êxito, foi numa noite chuvosa que Tavinho encontrou o corpo do leproso:

Ali! Sim, estava ali. Agora não havia engano. Conhecia aquelas mãos com os dedos transformados em tocos, agarrara-se a elas muitas vêzes. A verruga... Mais adiante, no antebraço, a saliência de um corte. Aquelas carnes... as feições... sim, as mesmas que seus dedos recordavam, de tanto havê-las tateado quando o leproso vivia. [...] Sim, não havia mais engano. Acertara, daquela vez. Tavinho despiu o cadáver, e agarrou o paletó. Com os dentes mesmo rasgou o pano e extraiu as cédulas. [...] Os dedos folhearam as notas. [...] Dinheiro de verdade (SASSI, 1964, p. 141).

Porém, segundo o que Sassi descreve, a alegria do cego, bem como a posse do dinheiro, durara pouco. Por fim, de nada havia adiantado tantas noites de trabalho, visto que na volta para o reduto, com o dinheiro no bolso, Tavinho acabou se perdendo, pois “a chuva havia alterado os traços do caminho, e êle enveredou por um rumo errado” (1964, p. 141):

O cego andou e andou, até cansar-se. Ouviu barulho de água corrente: o Xaxinal, não era aquêle o caminho de casa. Tavinho retrocedeu. Começou a rezar, andando mais depressa. Perdeu a calma e sentiu medo. Gritou, chamando por socorro, depois largou a correr, desesperado. Por fim, despenhou-se num itaimbé. No dia seguinte os jagunços encontraram o cadáver. Revistaram-no. De onde provinham as notas? Só uma explicação encontraram: Tavinho era um traidor e recebia dinheiro dos peludos. Mutilaram-lhe o corpo e deixaram-no insepulto. E também queimaram o maldito dinheiro da República (SASSI, 1964, p. 141).

Considerando o desenrolar da história, que foi trágica para ambos os personagens, é possível perceber que a intenção de Sassi foi representar a questão econômica no reduto, na medida em que mesmo passando por dificuldades, não era permitida a circulação de dinheiro. A fome, as doenças e as condições insalubres, em geral, em que as pessoas estavam expostas, eram questões que poderiam ser amenizadas se dispusessem desse recurso. Nesse sentido, mesmo sabendo das proibições, era difícil abdicar do dinheiro, pois era o mesmo que privar-se de uma condição digna de subsistência.

Depois de exposta a trama de Tibúrcio e Tavinho, onde os personagens já foram brevemente apresentados, cabe abordar mais especificadamente as representações identitárias que Sassi atribui a esses sujeitos, os quais, por sinal – intencionalmente, ou não – possuem algumas características em comum. Ambos os personagens possuem uma patologia – Tibúrcio tinha lepra e Tavinho era cego –, e este foi o motivo que os levou a procurar José Maria: buscavam a cura.

Por meio das enfermidades que Sassi atribui aos personagens também cabe uma reflexão, na medida em que, ao determinar a lepra e a cegueira, Sassi faz referência direta com a bíblia, pois, dentre os que eram curados por Jesus, grande era o número de cegos e os leprosos. Inclusive, como já mencionado, o próprio Tibúrcio comenta que acreditava que seria curado por José Maria, da mesma forma com que Jesus também curou da lepra. Estes personagens, portanto, possuem uma forte ligação com a religiosidade. Porém, ao mesmo tempo, Sassi aponta para uma contradição na figura dos mesmos, pois apesar de os utilizar para fazer referência à bíblia, ao cristianismo, uma característica marcante de ambos é a ganância.

Além disso, tanto o cego, quando o leproso, eram sozinhos, não contavam com nenhum familiar, tinham apenas um ao outro, e juntos haviam recebido a tarefa de espiões. Tavinho sabia cantar e tocar viola, o que foi muito útil quando transitavam em meio aos soldados. O pouco dinheiro que as vezes conseguia com suas cantorias ele repartia com seu amigo Tibúrcio que, por sinal, provava de sua generosidade ao oferecer-se de guia para o cego logo no início.

Desse modo, fica claro que Sassi inicialmente os descreve como sujeitos de uma forte religiosidade, pobres, doentes e miseráveis, mas generosos – dentro das condições possíveis. Por fim, em decorrência da descoberta do dinheiro, os personagens sofrem mudanças comportamentais e de personalidade. Por fim, considerando a tragicidade da trama de Tibúrcio e Tavinho, é possível considerar que, de certa forma, o dinheiro da República era, de fato, maldito.

Por meio da trama que envolve esses personagens, o autor salienta que as experiências ou condições em que estes sujeitos viviam influenciaram para que houvesse transformações identitárias. Nesse sentido, podemos relacionar a essa questão o trabalho desenvolvido por Hall, no qual o autor afirma que a identidade:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Outros personagens que ganham destaque no romance histórico de Sassi são Gegé e Daniel. Ambos haviam sido escolhidos pelo monge para serem Pares de França³² e apesar de lutarem juntos contra os soldados do governo, a convivência entre eles é marcada por muitos conflitos. Para compreender essa relação conflituosa, é importante primeiramente fazer uma breve apresentação sobre quem eram esses sujeitos. Sassi não dá muita ênfase no personagem Daniel, citando apenas que “o nome de Gui Borgonha não pegara em Daniel, como acontecera com outros Pares, os quais continuaram sendo chamados pelos nomes de Batismo” (1964, P. 80-81). Já à Gegé, que aparece mais vezes no romance, o autor dedica especial atenção, contando com detalhes quem era o rapaz:

Aquêle outro ali, baixinho, retaco, o olhar cínico, José Maria conhecia-o bem: havia fugido da cadeia de Campos Novos, e embora bem nôvo ainda, nem vinte anos completos, já tinha três ou quatro crimes de morte nas costas. Talvez não tivesse valentia alguma, assim como não tinha estampa. A astúcia, contudo, compensava as falhas. José Maria escolheu-o também.
– Você, José de Souza, de hoje em diante vai ser Urgel de Danoa (SASSI 1964, p. 23).

Neste trecho já podemos visualizar a forma pela qual o autor representa o jovem sertanejo. Ao ler o trecho acima, não passam despercebidos nessa descrição os crimes cometidos pelo personagem, e esse detalhe é importante para o desenrolar da história entre Gegé e Daniel. Ligeiramente percebemos, por meio dessa citação, que Sassi tem a intenção de mostrar ao leitor que não foram apenas pobres e doentes os que se juntaram ao monge, havia

³² José Maria decide formar uma “guarda de honra” e, tomando com exemplo o Imperador Carlos Magno, convoca os caboclos que fariam parte da guarda, que ficaram conhecidos como “Pares de França”. A partir da página 21 do romance fala a respeito disso. (SASSI, 1964, p. 21-24). Para compreender melhor essa questão, consultar os seguintes artigos: CALONGA, Tania A. da Silva. O Movimento Messiânico do Contestado. Universidade Metodista de São Paulo: Oracula 4.8, 2008.; AGOSTINHO, Pedro. Império e Cavalaria na Guerra do Contestado. Ilha - Florianópolis, v.4, n.2, dezembro de 2002, p. 25-49.

também os criminosos. É importante mencionar que o autor não apenas cita essa questão, mas apresenta um personagem de forma a expor isso com materialidade.

As provocações entre esses personagens eram diversas: “José de Souza era agora Urgel de Danoa, mas Urgel virara Gegé, o diminutivo predominando. Gegé não gostava disso, mas Daniel nunca o chamou de outra forma” (1964, p. 80-81). Mesmo sabendo de seu histórico, de todo jeito Daniel não se cansava de perturbar Gegé, até mesmo duvidando do seu desempenho nas lutas contra os soldados:

Naquele dia Gegé estava sentado, a Winchester na mão, gravando-lhe uma cruz na coronha, a canivete. Daniel, tomando-lhe a arma, falou:

– Eu só queria saber como é que essas cruzes vieram parar aqui. Eu só queria saber o que elas querem dizer... [...].

Gegé tomou a Winchester, dizendo:

– Me dê a minha arma! Todo o mundo sabe o que essas cruzes querem dizer. Cada cruz é um *peludo* que eu matei.

– Eu nunca vi você matar ninguém. Agora, por exemplo, você não matou ninguém. Tou é dizendo que nunca vi o pessoal que você matou. Tenho procurado, tenho procurado...

– Espere, que um dia você vai ver. Espere, espere... (SASSI, 1964, p. 81).

Porém, apesar das irritações diárias, a rivalidade entre os dois não tinha origem na questão do nome, nem nas dúvidas de Daniel a respeito das cruzes marcadas na arma de Gegé, mas tinha um motivo determinado:

A razão verdadeira, a única, era o amor de Carolina. Ambos se haviam interessado pela mulata, assim que a viram, e ambos, ao mesmo tempo, lhe fizeram a cômica. [...] Carolina foi obrigada a escolher e ficou na dúvida: Daniel ou Gegé? Daniel era branco, forte e alto. Gegé, baixinho, retaco, nervoso, quase da sua cor, mais puxando a cuia. Se o primeiro era mais bem apessoado, o segundo revelou-se mais afoito, mais decidido. E conquistou-a. [...] Conquista efetuada, Gegé não ficou tranquilo, nem seguro da posse. Carolina continuava a dar atenção ao outro, a rir para êle. [...] Qualquer dia êle teria uma conversa de verdade com o rival, e resolveriam a parada. E depois daria uma surra bem dada na china, para que largasse mão de olhar para os outros machos. [...] Gegé aguentava as provocações do outro, sem coragem de enfrentá-lo. Mas o acerto de contas um dia teria seu lugar e vez. Se teria! (SASSI, 1964, p. 81-82).

Nesse trecho é possível que visualizemos os personagens, pois Sassi nos traz uma descrição física detalhada dos mesmos, facilitando a interpretação e análise do conteúdo do fragmento. Nota-se que Gegé estava extremamente incomodado com a situação, e não demorou muito para tomar as providências. Observando a esposa, que fora buscar água, “Gegé viu quando ela voltava, e também quando parou pra conversar com Daniel. Gegé trincou os dentes de raiva. Daniel falava, Carolina fazia que não com a cabeça, os dois riam muito” (1964, p.87).

Enraivecido com a situação, Gegé estava decidido a vingar-se, e a oportunidade de vingança não demorara a aparecer, pois naquele mesmo dia os sertanejos foram ao combate contra os soldados do governo:

As tropas do Govêrno haviam atacado o reduto de Josefino. [...] Elias e Chico Alonso resolveram mandar os Pares de França e um piquête xucro para atacá-los. Os homens aprestavam-se para partir. [...] Ao reunir-se aos companheiros, Gegé disse a Daniel, bem alto, para que todos ouvissem:

- Você hoje vai ficar junto de mim, pra ver quantos *peludos* eu vou mandar pro inferno (SASSI, 1964, p. 87).

Segundo o que Sassi descreve, este foi um pequeno combate, na medida em que poucos sertanejos foram convocados à luta, mas saíram vitoriosos. Gegé fez questão de mostrar à Daniel todos os três soldados que tinha matado. Quando retornaram ao reduto, portanto, Gegé, ainda enraivecido, chamou por Daniel e lhe ordenou:

– Quem vai fazer as marcas é você. Sente aí.

[...] Daniel entalhou três cruzeiras na coronha da Winchester, e quis devolvê-la. Gegé reclamou:

– Falta uma.

– Não falta. Eu fiz três.

– Mas são quatro.

– Três, homem! Eu vi. Eu vi você matar três [...].

– Não quer marcar, é? Tou dizendo que são quatro. Três dos peludos que você viu, e mais uma, que fazem quatro. Se não quiser marcar, não marque. Não tem importância. Eu marco depois. Eram três dos peludos... e a outra é pra você.

E disparou-lhe a arma na cara. (SASSI, 1964, p. 89).

A trama que envolve Gegé e Daniel é mais um exemplo das desavenças entre os sertanejos que Sassi descreve no romance. Ao escrever sobre esses conflitos internos, Sassi demonstra que os redutos não eram locais de paz e tranquilidade. Pelo contrário, o autor demonstra que essas divergências entre os sertanejos – que ocorriam por diversos motivos, como aponta Sassi – acabaram enfraquecendo o movimento, pois muitas vezes, como no caso de Gegé e Daniel, esses conflitos terminavam em mortes.

Porém, mesmo sabendo que, como em toda sociedade, houve conflitos internos nos redutos, há de se considerar, tanto pela tragicidade do conflito acima descrito, quanto pelas produções da imprensa e historiografia da época – fontes que foram acessadas por Sassi para a construção do romance – que Sassi pode estar novamente reafirmando alguns estereótipos negativos aos sertanejos, o famigerado grupo de fanáticos, rebeldes, bandidos e desqualificados.

Mais adiante, Sassi menciona que Gegé “era temido e respeitado, Par de França e Ministro da Fazenda” (1964, p. 94). Portanto, além de seu histórico de crimes, que fazia com que fosse temido, Gegé possuía cargos importantes no reduto, e assim, todos o respeitavam. Além disso, é importante considerar também que, por ser um homem de prestígio, não foi punido, nem questionado pelo assassinato de Daniel – que também era Par de França –, mas pelo contrário, estava satisfeito com sua atitude, pois para ele, “valera a pena ter dado um jeito na questão que havia entre êle e Daniel. O outro agora estava morto, não incomodara mais. Êle dera uma surra na rapariga, para mostrar-lhe quem era o homem” (1964, p. 94). E assim percebemos que Sassi procura apontar para a hierarquização dentro dos redutos, na medida em que outros sertanejos, por atitudes de menor relevância, teriam sido severamente punidos.

Por fim, a última reflexão a se realizar a respeito da trama em questão é a respeito da identidade que o autor atribui aos personagens. Sassi apresenta dois sujeitos extremamente distintos, tanto fisicamente, quanto no sentido de suas personalidades. Como já mencionado, ao realizar uma descrição detalhada, Sassi nos permite visualizar os personagens e assim compreender melhor a história. Ao apresentar o jovem Gegé, mencionando os crimes por ele realizados e sua fuga da prisão, o autor está sustentando a ideia de que os seguidores de José Maria eram sujeitos diversos, vindos de todos os lados e possuidores de diferentes costumes e crenças, enfim, de diferentes identidades.

Além das situações e personagens já mencionados, podemos trazer mais exemplos de identidades citadas por Sassi. Novamente o autor nos traz uma trama conflituosa dentro dos redutos, dessa vez envolvendo os personagens Bôca Rica e Doquinha.

Sassi escreve que “Havia um lugar vago entre os Doze Pares de França, e Elias achou que aquêlo caboclo desempenado, de estampa viril, cavalgando um alazão vistoso, servia para preenchê-lo” (1964, p. 56). O autor está falando de Bôca Rica que era admirado por todos, pois, segundo o autor:

Além de simpático, o nôvo Par tinha outras qualidades. Vestia roupas boas, bombachas largas, um lenço branco no pescoço, o cavalo bem aperado: um gaúcho mesmo no estilo. Antigo tropeiro de mulas, conhecia tôdas as lidas do campo, só falava usando ditos e provérbios, atirava muito bem e era *enxuto* num facão. O mulherio ficou assanhado (SASSI, 1964, p. 56).

Na descrição feita por Sassi no trecho acima, é possível perceber que Bôca Rica possui uma personalidade forte e uma identidade bastante específica. Ele faz questão de se vestir como gaúcho e por conta disso e de suas qualidades – que eram muitas –, era conhecido por todos no reduto. Assim, de acordo com as características citadas por Sassi, percebemos que este

personagem, ao contrário dos demais, tem a intenção de se encaixar numa determinada identidade.

Em contrapartida, ao mesmo tempo em que todos aclamavam as qualidades de Bôca Rica, seu rival Doquinha era repudiado no reduto, pois havia sido acusado de roubo. “Doquinha teve de haver-se com seu Elias. A lei era severa, e a todos atingia, principalmente no caso, em crime de roubo” (1964, p. 62):

Podiam arrebanhar as vacas, os cavalos e os pertences do adversário – isso era a lei da guerra. Contudo, roubar aos próprios companheiros era crime feio, inadmissível. Ainda mais considerando o pouco valor do objeto roubado: uma simples faca. Inacreditável! [...] Mas a acusação tinha fundamento. A faca de Ricarte Prêto foi encontrada nos peçuelos de Doquinha. Elias condenou o culpado. Bôca Rica foi escolhido para infligir o castigo.

– Pra tu aprender a não ser ladrão, seu sacana! – e o braço forte do tropeiro, manejando com força as varas, marcou vergões rubros nas nádegas do caboclo. [...] Os dentes cravados nos lábios, urinando-se de dor, Doquinha se esforçava para não gritar. Aquêlo gôsto êle não daria ao executor da sentença, o maldito.

– Tu vai apanhar é na bunda, seu cachorro, pra aprender a não ser ladrão. Na bunda é que tu vai apanhar. E agora mesmo! (SASSI, 1964, p. 62-63).

Foi por conta disso que teve início o ódio de Doquinha por Bôca Rica, pois “Doquinha, duas vezes pegado como gatuno, duas vezes fôra condenado, e duas vezes, também, fôra Bôca Rica o executor da sentença” (1964, p.108). Além da humilhação das varadas desferidas por Bôca Rica, Sassi faz questão de mencionar todas as qualidades do gaúcho, em contraposição à Doquinha, o que o deixava com ainda mais raiva:

Em tudo o tropeiro era o melhor, em tudo vencia. [...] Bôca Rica era mais forte, mais ágil, desferia os golpes com maior destreza, com mais força e precisão. Também a êle pertencia o cavalo mais bonito do reduto, o mais bem aperado. [...] Dêle, também, a mulher mais bela, a mais bem feita de corpo. Em tudo a sorte do outro se mostrava, predominante, enquanto que êle, Doquinha, só podia conseguir as sobras. [...] Gostosos os causos contados por Bôca Rica, fazendo todo o mundo rir. Ditados e provérbios êle sempre os tinha prontos, para todos os momentos e ocasiões. Outro motivo de inveja. Mas o pior, o pior de tudo, era o riso do outro: largo, aberto, rebrilhando ouro. Doquinha tinha inveja e raiva (SASSI, 1964, p. 107).

Inveja e raiva, portanto, era o que definia o sentimento de Doquinha. Nota-se que o autor mais uma vez faz questão de falar detalhadamente das várias qualidades do tropeiro Bôca Rica, que em tudo era melhor que Doquinha. Além dos motivos já apresentados, ainda havia outro fato que intensificava o ódio de ambos: “Tanta mulher por ali, a bem dizer sobrando, e êle fôra apaixonar-se justamente pela mulher de Bôca Rica. [...] Se outra pessoa fôsse o marido, talvez

nem para ela olhasse” (1964, p. 109-110). E assim, o autor novamente descreve o fim (trágico) dessa rivalidade:

Entrincheirado dentro do tronco de imbuia, Bôca Rica observava os soldados. Dez, ao todo. Mais para a direita, encarapitado nos galhos do pinheiro, Doquinha vigiava Bôca Rica. A oportunidade enfim se apresentara. O outro não o vira chegar e subir pela árvore. Um tiro bem dado, e pronto! Era uma vez um gaúcho que se chamava Bôca Rica. [...] Que pusesse a cabeça para fora, para ver só. Doquinha, pontaria feita, esperava. [...] E Bôca Rica, para melhor ver os soldados, pôs a cabeça fora do abrigo. Um tiro. Bôca Rica, sem um grito, caiu. Doquinha, rápido, desceu da árvore. Ninguém por ali. Ninguém vira nada. No chão, rindo o seu último sorriso, Bôca Rica arreganhava os dentes (SASSI, 1964, p. 128-129).

O autor representa dois sujeitos com personalidades distintas, duas identidades totalmente antagônicas. Sassi praticamente não descreve as características de Doquinha, além de sua fama de larápio, mas cita detalhadamente, em várias passagens os atributos de Bôca Rica, deixando claro que o primeiro nada tinha de semelhante ao segundo. Portanto, a caracterização de Doquinha ocorre quando Sassi, ao enaltecer a figura de Bôca Rica, assegura que Doquinha era completamente adverso, em relação ao seu rival.

Mais uma vez Sassi cita um exemplo dos conflitos internos ocorridos nos redutos. Fica claro que os sertanejos se preocupam em seguir todos os ensinamentos que José Maria os deixara – fazendo as orações diárias, descartando o dinheiro “maldito” da República, utilizando chás e medicamentos caseiros para curar as doenças, cumprindo com os cerimoniais de casamentos e batizados, dentre outros – mas o amor ao próximo, a solidariedade, a harmonia e a irmandade, segundo o que o autor nos apresenta, na grande maioria das vezes, não foram práticas comuns de todos os seus seguidores.

Pensando na análise já realizada, é possível compreender, até o presente momento, apesar de Sassi, aparentemente, procurar desconstruir alguns estereótipos a respeito das identidades dos sertanejos do Contestado, na medida em que o autor representa vários tipos de sujeitos, com personalidades e identidades totalmente distintas umas das outras, também podemos interpretar sua trama de outra forma, pois em algumas situações, que já foram mencionadas anteriormente, o autor parece reafirmar alguns estereótipos relacionados a esses sujeitos, com o provável intuito de atribuir dramaticidade a sua trama.

Porém, outras problematizações ainda são possíveis, pois o autor esclarece que dentre a população sertaneja existiam aqueles que realmente acreditavam fervorosamente no monge José Maria e em seus ensinamentos e profecias; contudo, havia também, segundo Sassi, os

indivíduos que não tinham tanta convicção nele, mas continuavam nos redutos por falta de opção, pelo fato de não terem para onde ir, nem como sobreviver.

Posto isto, cabe ainda citar mais dois personagens mencionados pelo autor. Nesse sentido, para representar os sujeitos que seguiam o monge porque acreditavam em suas profecias, traremos o exemplo de Delminda. Sassi não escreve muitas caracterizações de Delminda, mas cita que ela era uma mulher solitária, e por isso resolveu seguir José Maria:

Velha e viúva, não tinha ninguém por si. Nada a prendia ao ranchinho onde morava, a não ser a sepultura da filha. Natalina se matara, anos antes, mas a velha jamais contara a causa do suicídio. [...] Ganho, Delminda encontraria em qualquer lugar. Era parteira e as crianças nasciam em tôda a parte, até mesmo no Espinilho, onde se encontrava o monge. Era para lá que todos iam. Delminda foi também. São José Maria era santo, e junto dos santos saudade e tristeza deviam ser mais fáceis de suportar. (SASSI, 1964, p. 19)

A velha Delminda, na representação de Sassi, benzia-se quando falava do monge e sempre repetia suas predições: “Pois muitas já aconteceram, como essa do trem de ferro. Êle disse que ia aparecer um burro de ferro pelos campos, soltando fumaça pelas ventas” (1964, p.65). Além do trem de ferro, Delminda também lembrara do “gavião de aço”: “Bem como São João Maria disse. O fim do mundo tá perto! Êle disse que ia acontecer bem assim, disse que iam aparecer sinais no céu, quando o mundo estivesse perto de se acabar. Os sinais tão aparecendo agora. Êsse, do gavião de aço, é um...” (1964, p.124). A fé de Delminda era tão grande que todos os acontecimentos do reduto remetiam a alguma fala de José Maria ou de seu suposto irmão, João Maria:

– São João Maria disse que ia haver uma escuridão de três dias e três noites, antes de se acabar o mundo. Tá acontecendo como êle disse. O povo não acreditou. Pois tá aí, tá acontecendo. E êle disse que só as velas feitas por êle iam parar acesas. E disse que ninguém ia acreditar, e que ninguém ia querer acender essas velas. Êle disse... Eu tenho a minha vela em casa. Eu acredito. Eu vou acender a minha vela. (SASSI, 1964, p. 161)

Vendo a escuridão em decorrência de um eclipse, Delminda acreditava ser o fim dos tempos: “Êste foi o primeiro dia. Vai ter mais dois dias de escuridão, e depois é o fim do mundo” (1964, p. 161). No dia seguinte, escureceu por conta de uma tempestade, e a velha, que já estava assombrada, observou: “Bem como São João Maria disse. Êle contava que ia cair uma chuva de pedra que ia acabar com tudo, não ia ficar planta de pé nem bicho vivo. Êste é o segundo dia de escuridão. Mais um dia e o mundo se acaba” (1964, p. 162). No terceiro dia, porém, que segundo Delminda ocorreria o fim do mundo,

Delminda levantou-se bem cedo e ficou a consultar o céu. Nublado. Dentro de pouco iria escurecer de todo, como ontem e anteontem. Pronta estava, em cima da mesinha, a vela de São João Maria. Era só acendê-la. De repente, um estrondo. A velha Delminda, os tímpanos rebentados, tapou os ouvidos. O projétil perdeu-se na mataria, longe do reduto. O artilheiro procurou corrigir a mira. Outro disparo. Também perdido. Delminda foi sua única vítima. Morreu de susto. De qualquer maneira, o mundo se acabara, para ela, justamente no terceiro dia. Bem como São João Maria disse... (SASSI, 1964, p. 162).

A partir dos fragmentos aqui citados que se referem à personagem Delminda, podemos perceber que o autor a descreve como uma pessoa desafortunada. Já idosa e viúva, sua única alegria era a filha, que acabou se suicidando. Solitária, resolveu seguir José Maria, com a esperança de que assim a sua tristeza e a saudade de seus entes queridos diminuíssem. Sassi deixa claro em vários trechos do romance que, de forma a substituir a dor da solidão, Delminda se apegou à religião, passando a crer fervorosamente em José Maria e as profecias de João Maria. A partir da caracterização de Delminda, o autor está representando muitos dos sertanejos que começaram a seguir o monge. Sujeitos esses que realmente passaram a buscar e a crer em José Maria como sendo a única esperança de uma vida melhor.

Porém, Sassi procura destacar, por meio do contraste entre os personagens, que nem todos os sertanejos eram como Delminda. Segundo o autor, havia também aqueles que se punham a questionar as atitudes dos monges e dos demais líderes do reduto. Essas pessoas, como é o caso de Mané Rengo e sua esposa, só permaneciam entre os sertanejos pelo fato de não terem outro lugar onde morar, nem como sobreviver. Para trazer exemplos desses sujeitos, logo no início do romance, Sassi apresenta Mané Rengo:

Mané Rengo resistiu, quando a Companhia Colonizadora quis tomar-lhe as terras. Apanhou feio. Mêdo êle não sabia o que era. Apesar de manquitola e corcunda, não enjeitava briga. Mas êle era um só, e desarmado. Não ganharia nada em continuar lutando. Chamou Luzia, a mulher, e disse:
 – Minha velha, nós não temos ninguém no mundo: só eu e você. Vamos sair dêste lugar, senão eu me desgraço. Vamos ver êsse monge, êsse tal de José Maria. Eu ainda sou bom numa enxada. Se lá houver serviço, a gente não passa fome (SASSI, 1964, p. 18).

Sassi apresenta Mané Rengo como um homem idoso, porém muito disposto a lutar e trabalhar. Segundo o autor, ele desistiu de suas terras quando percebeu que não poderia competir com a Companhia Colonizadora. Assim, na falta de ter para onde ir, encontraram em José Maria uma solução, e partiram então para junto dos sertanejos.

O autor apresenta Mané Rengo como um homem de personalidade forte, na medida em que não se deixava enganar facilmente e sempre expunha para as pessoas mais próximas a sua

opinião a respeito dos acontecimentos do reduto. Nesse sentido, nem mesmo o José Maria saíra ileso do “juízo” de Mané, pois quando a grande maioria das pessoas acreditavam no monge fielmente, ele tinha seus questionamentos:

– [...] Êsse homem tem uma conversa meio embrulhada, que a gente não entende direito. Não tou gostando nada. Ainda ontem tive falando pra minha velha... se a gente tivesse pra onde ir, debandava duma vez, deixava de andar atrás de Seu José Maria. [...] O diabo é que a gente não tem. [...] O recurso é a gente ir tocando pra frente, se aguentando por aqui, pra ver no que vai dar. Tenho fé em Deus, que tudo vai se arranjar direito (SASSI, 1964, p. 39).

Sassi, por este fragmento, deixa clara a insatisfação de Mané Rengo com o monge que, muitas vezes, passava seus ensinamentos por meio de metáforas e o povo, humilde, nem sempre compreendia o que José Maria pretendia transmitir. Assim, fica evidente que a sua permanência no reduto se dava por conta da falta de ter para onde se refugiar. Por isso, permaneceram.

Da mesma forma que Mané questionara as falas de José Maria, os líderes espirituais que vieram o substituir depois de sua morte também não escaparam de suas indagações. Um dos primeiros líderes espirituais que substituiu José Maria foi Manuel que, por conta de seu estado de graça, ficou conhecido por *menino-virgem*, mesmo sendo casado e tendo filhos. Diante do título dado ao jovem, Manuel comentou: “*Virgem*, hein, meu compadre? Se êle é virgem, então eu ainda sou piá de quem não caiu o umbigo. Êsse meu tocaio não é flor que se cheire. Vocês vão ver...” (1964, p. 55). As dúvidas de Mané interpuseram-se também na escolha da virgem Ana como nova mediadora das mensagens de José Maria:

– Pra mim, essa môça tá é de história. De inspiração divina ela não tem é nada. Me parece é empulhação, e da grande! [...] Essa môça tá precisando é de... é dum... – e segurando Liveira pelo braço, esperou que as mulheres se adiantassem, mostrando depois, com as mãos, o tamanho do membro que a *virgem* necessitava (SASSI, 1964, p. 80).

Depois de algumas semanas, quando Ana apareceu grávida, Mané Rengo voltou a comentar: “Eu não dizia? Tá aí no que virou a *virgindade* da Ana. De barriga grossa... Faz mais milagre? Conta as visões que teve? Não, não faz mais nada disso. Agora ela tem o que precisava. Era isto... isto... – e fêz, com a mão, um gesto obsceno” (1964, p. 96). Por fim, cabe citar ainda mais um trecho a respeito do personagem Mané Rengo, que demonstra que nem mesmo Adeodato, o chefe tirano, saíra imune de suas críticas:

Os defensores de Adeodato diziam que êle era de carne e osso, como todos, e sujeito, pois, às tentações do mundo. [...] O fato de êle se interessar pelas

mulheres, de desonrar as virgens, não passava daquilo: uma provação. [...] Mané Rengo, ao ouvir isso, explodiu indignado:
 – Provação, é? Boa provação é essa! A minha é dar duro, é sofrer no mato, é brigar com *peludo*. A dêle é comer cabacinho nôvo. Boa provação (SASSI, 1964, p. 116-117).

Dessa forma, por meio dos fragmentos acima apresentados e ainda outros presentes no romance, é perceptível que Sassi utiliza do personagem Mané Rengo e suas falas com o intuito de criticar alguns acontecimentos dos redutos que, frequentemente, passavam despercebidos por muitos sertanejos, os quais, muitas vezes não percebiam a maldade nas atitudes de determinados sujeitos.

Além dos personagens já mencionados e das reflexões já realizadas a respeito da forma pela qual Sassi representa os sujeitos do contestado, cabe ainda trazer alguns trechos em que o autor se refere ao grupo de sertanejos como um todo. Dessa forma, logo no início do romance, Sassi já traz uma caracterização ao povo que passou a seguir o monge:

E lá se foi em procissão, aquele bando de cegos e aleijados, doentes e morféuticos; gente sem terra, em busca de outras terras; gente sem esperanças, a fê renascendo; deserdados, em busca de herança. Taquaruçu era a verdadeira Terra Prometida, e à frente seguia o santo que protegia e guiava o povo. [...] E gente continuava chegando, de todos os lados, escoteira ou acompanhada. Os homens valentes com as suas armas, os lavradores com os instrumentos da lida, os vaqueiros com seus cavalos. E mais as famílias, com os teres e haveres, bandos de crianças, os animais de criação, os gatos e os cachorros, as galinhas e os papagaios. (SASSI, 1964, p. 20).

Nesse fragmento Sassi deixa claro que dentre o grupo que passou a seguir José Maria, a maioria deles era de doentes e de desalojados, que buscavam pelo monge na esperança de uma cura, uma solução. Deixa claro, também, que vieram pessoas totalmente distintas, provindas de diferentes lugares, com diferentes profissões e condições de vida.

Passado um tempo do ajuntamento dos sertanejos em torno de José Maria, quando o monge começou a se sentir ameaçado pelas forças oficiais do governo, ele tinha consciência de que ainda não poderia enfrentá-los, pois,

Se homens leais possuía, se os seus valentes guerreiros se dispunham a tudo, êle considerava também o pêso morto que andava com êles: os velhos, os doentes, as mulheres e as crianças. Estorvos também chegavam, todos os dias, na proporção de cinco por um. Às vezes até mais. Em cada magote, se havia um homem de briga, dez eram enfermos ou estropiados (SASSI, 1964, p.38).

Nesse trecho Sassi menciona que dentre o grupo dos sertanejos, apesar de numeroso, havia muitos que não poderiam ir ao combate. A esses sujeitos – mencionados

especificadamente acima – Sassi denomina como “pêso morto”, que seriam os “estorvos” do reduto. Aqui podemos ter noção sobre quem eram os sujeitos que habitavam os redutos, segundo Sassi.

Ao final do romance o autor deixa claro aos leitores que, com o passar do tempo, o movimento messiânico acabou perdendo suas características iniciais. A chegada de bandidos e ladrões e a morte ou fuga das principais lideranças desmoralizou o movimento que repercutiu na mudança de seus objetivos:

O movimento, contudo, desvirtuara. Não só de verdadeiros crentes ou de gente espoliada nos seus direitos se compunham agora os redutos. Bandidos e ladrões haviam chegado, misturando-se aos homens de bem. Solapados estavam os esteios da família, e a moral andava por baixo. Os grandes chefes, as pessoas de influência e prestígio, haviam morrido, encontravam-se prisioneiros ou haviam fugido (SASSI, 1964, p. 147).

Cabe ainda mencionar que ao caracterizar o grupo de pessoas que fizeram parte da Guerra do Contestado, mais especificadamente os sujeitos que passaram a seguir José Maria, Sassi os descreve como pessoas totalmente distintas, com personalidades, costumes, crenças e identidades individuais. Considerando os trechos do romance que foram mencionados nesse capítulo, é preciso compreender que para realizar uma análise a respeito dos sujeitos inseridos na trama de Sassi, algumas situações que envolvem os personagens precisaram ser esmiuçadas, para assim entender a forma pela qual o autor representa os sertanejos.

Apesar dos sertanejos do Contestado terem se juntado a um mesmo grupo ou reduto, por possuírem objetivos em comum, Sassi não os trata como uma população homogênea, ao contrário, deixa claro a diversidade de pessoas, de crenças, de costumes, de características e de identidades entre esses sujeitos representados por ele, genericamente, como caboclos. Tropeiros, vaqueiros, agricultores, jagunços, gaúchos, dentre tantas outras identidades, são destacadas por Sassi a fim de evidenciar a pluralidade de sujeitos que estiveram presentes no Contestado.

Dessa forma, ao descrever a diversidade de identidades presentes nos redutos, Sassi está contribuindo não somente para quebrar as generalizações em torno do grupo de sertanejos, mas também para a desconstrução de versões oficiais da história que moldaram identidades nacionais que, segundo Hall, “são fortemente generificadas” (HALL, 2006, p. 61) e caracterizadas pela exclusão de grande parte dos sujeitos, inclusive dos que fizeram parte do movimento do Contestado. Essas identidades nacionais, mencionadas por Hall, estão relacionadas à criação de uma cultura nacional, que busca unificar os sujeitos. Porém, Hall explica que “em vez de pensar

as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 61-62). Nesse sentido, podemos afirmar que Sassi está se baseando nessa ideia de representação da identidade e cultura nacional por meio da diferença.

Por outro lado, como já destacado no decorrer deste capítulo, apesar de apresentar uma pluralidade de sujeitos, evidenciando suas distinções, Sassi – intencionalmente, ou não – acaba aderindo, ou reafirmando, alguns estereótipos a respeito dos sertanejos. Nesse sentido, ao interpretar alguns trechos do romance de Sassi, é possível perceber que muitas vezes o autor acaba incorporando o discurso da imprensa da época a respeito da Guerra do Contestado, e até mesmo da historiografia recente a este conflito, materiais que foram utilizados por Sassi para a construção de seu romance histórico.

Posto isto, é preciso ainda afirmar que, apesar de ser suscetível à crítica, o romance histórico *Geração do Deserto* é uma excelente fonte histórica para compreendermos a forma pela qual ocorreu o sangrento conflito da Guerra do Contestado, e principalmente quem eram os sujeitos envolvidos e suas múltiplas identificações.

CAPÍTULO II

WILSON GASINO: *O REINO MÍSTICO DOS PINHEIRAIS* E A CRÍTICA A HISTÓRIA OFICIAL

2.1 – O reino místico dos pinheirais – Notas da História e da crítica literária

Neste capítulo buscamos compreender e analisar o romance histórico *O reino místico dos pinheirais* (2011), de Wilson Joel Leal Gasino. O nosso objetivo é problematizar as representações em torno da Guerra do Contestado, considerando se tratar de um dos romances mais contemporâneos sobre esse conflito. Procuramos analisar, em especial, como Gasino representa e atribui identidade aos sertanejos do Contestado, que são os objetos principais dessa dissertação. Entender como este romance auxilia ou não para a desconstrução da história oficial a respeito do conflito, que estigmatizou os sujeitos sertanejos que dele fizeram parte, também é uma das nossas intenções para este capítulo.

De acordo com informações presentes no prólogo – que foi escrito pelo autor –, bem como na aba do romance, Wilson Gasino nasceu em 1967 na cidade de União da Vitória, Paraná. A cidade faz divisa com o estado de Santa Catarina e “serviu de base para o Exército Brasileiro nos conflitos que envolveram 10 mil homens pelo lado do governo e mais de 50 mil sertanejos, resultando em cerca de 10 mil mortos” (GASINO, 2011, p. 10-11 – prólogo).

Formado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Paraná (1990), o autor também possui mestrado-profissionalizante em Master para Editores pela Universidad de Navarra (1999)³³. Gasino é jornalista e já trabalhou em diversos jornais do estado, como Gazeta do Povo (1991-1999), Jornal de Londrina (1999-2004), trabalhou também como jornalista no Idhea – Instituto de defesa dos direitos humanos (2005-2006), no Jornal A Tarde (BA) (2007-2011), Bom dia Rio Preto (2011-2014), trabalhou como assessor de comunicação na CDN Comunicação (2014-2018), e desde 2019 trabalha na empresa Sabesp – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo, atualmente como Assessor da Superintendência de Comunicação³⁴.

³³ Algumas informações complementares sobre a formação de Gasino foram encontradas em seu currículo da Plataforma Lattes, disponível em: <https://encurtador.com.br/owFVW> Acesso em: 24-11-23.

³⁴ Algumas informações a respeito da vida profissional de Gasino foram encontradas em sua conta do LinkedIn, disponível em: <https://br.linkedin.com/in/wilson-gasino-99ab0016> Acesso em: 10-03-24.

Até o presente momento o autor possui cinco livros publicados. Dentre eles estão: os romances *O Reino Místico dos Pinheirais* (2011) e *Distrópicos* (2017), um livro de contos intitulado *Impermanências* (2013), um livro reportagem a respeito da CPI do Banestado nomeado *Histórias sobre Corrupção e Ganância* (2006) e um livro empresarial, nomeado *O Saneamento na Despoluição do Rio Pinheiros* (2022)³⁵. Além disso, de acordo com o site da Biblioteca Sabesp, Gasino está trabalhando, atualmente, na composição de um livro comemorativo dos 50 anos da Sabesp (empresa onde trabalha). Sobre projetos futuros, o escritor afirma que pensa em escrever algo com o tema “conversas”, pois, segundo ele: “estamos num mundo em que as pessoas não querem conversar, querem cravar suas posições, serem ouvidas, porém, não querem escutar. Não é um livro de ficção, mas pretende ajudar as pessoas a se conectarem. Precisamos reaprender a nos ouvir e a ouvir o outro”³⁶.

Como é sabido, a trajetória de vida do autor, não somente acadêmica e profissional, mas também pessoal, interfere nas suas produções. Por isso, ao analisar uma fonte, principalmente no caso de um romance histórico, é importante compreender qual é a relação do autor com o tema da obra. Nesse caso, Gasino faz questão de informar seus leitores – no prólogo – a respeito de sua ligação com a Guerra do Contestado, já que nasceu em uma das cidades da região onde, anos antes, havia ocorrido o conflito.

Nesse sentido, Gasino menciona um certo “apagamento” da história sobre a Guerra do Contestado, pois, segundo ele, “mesmo os indivíduos que dela participaram, ou tiveram os ancestrais nela envolvidos, fizeram de tudo para livrar-se da sua memória temendo as represálias que seguiram ao encerramento do conflito” (2011, p. 10 – prólogo). Além disso, o romancista ainda afirma que “apesar de todas as raízes históricas, a única menção que tive dos fatos durante minha vida escolar foi a citação ao litígio envolvendo os dois estados vizinhos, que disputavam uma região conhecida como Contestado”. Nesse sentido, a respeito desse esquecimento do conflito, concordamos com o autor quando ele afirma que, “de maneira alguma é possível reduzir tudo o que se passou à questão dos limites estaduais” (2011, p. 11 – prólogo). Assim, por conta desse esquecimento, ou apagamento da história da Guerra do Contestado, Gasino afirma o seguinte:

³⁵ As informações a respeito dos livros publicados por Gasino foram encontradas na sua conta do LinkedIn. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/wilson-gasino-99ab0016>. Acesso em: 10-03-24.

³⁶ As últimas informações a respeito dos projetos presentes de Gasino foram encontradas no site da Biblioteca Sabesp. Disponível em: <https://www.bibliotecasabesp.com.br/noticia/wilson-gasino-e-as-historias-que-precisam-ser-contadas>. Acesso em: 11-03-24.

Meu primeiro contato real com a história da “guerra dos fanáticos do Contestado” e seu universo mítico aconteceu quando eu tinha 16 anos e morava em Curitiba, onde estudava. Eu passava as férias escolares de inverno na casa dos meus pais, quando entre os dias 8 e 10 de julho de 1983, uma chuva intensa fez o rio Iguaçu, que contorna as cidades gêmeas de Porto União e União da Vitória, subir quatro metros de altura em poucas horas, deixando cerca de 40 mil pessoas desabrigadas. No total, o rio chegou a subir 11 metros acima do seu leito normal. [...] Foi exatamente nesse período que ouvi pela primeira vez falar nas profecias do monge João Maria – São João Maria para alguns – que havia previsto que o vale um dia se afogaria numa grande enchente (GASINO, 2011, p. 12 – prólogo).

Notamos, como afirma Gasino, que apesar da história da guerra do Contestado ter sido silenciada, ainda estava acesa a fé dos que acreditavam em João Maria – o grande precursor –, pois de acordo com a versão descrita na época, “o monge teria plantado um cruzeiro no alto do morro – que ficou conhecido desde então como Morro da Cruz – e previsto que uma forte chuva viria e derrubaria a cruz, afogando em seguida a cidade nas águas” (GASINO, 2011, p. 12). Fato que fez com que as pessoas revivessem as profecias.

Sobre a trajetória de vida de Gasino e da composição do romance alvo de análise, o autor conta que em 2004 pediu demissão do jornal que dirigia em Londrina e em 2005 iniciou os estudos sobre a Guerra do Contestado para, então, iniciar a escrita do romance. Segundo ele: “Foram várias semanas de pesquisa para que eu pudesse começar a desenhar os personagens, cujas vidas comuns e dramas pessoais se entrelaçariam com a saga da guerra sertaneja” (GASINO, 2011, p. 14 – prólogo).

O Reino Místico dos Pinheirais foi publicado em 2011 pela editora Scortecci, de São Paulo e possui apenas uma edição. O romance é dividido em dez partes, as quais estão divididas em capítulos, totalizando o número de 212 páginas. Como já mencionado, na aba do romance se encontram informações a respeito da trajetória do autor. O último item do livro é o epílogo, que inicia na página 207. Neste espaço, Gasino descreve de forma clara e objetiva o desfecho da guerra, mencionando alguns personagens e seus respectivos caminhos. Além disso, na capa traseira do livro possui um breve resumo do romance.

Uma questão interessante de *O reino místico dos pinheirais*, que está relacionada com a estética do romance, é que ao iniciar cada uma das dez partes, Gasino descreve de forma sucinta – em algumas linhas – e poética o que há de ocorrer nos próximos capítulos, que se referem àquela parte em específico. Este é um elemento de leitura que indica ao leitor os “próximos passos” dos personagens, e instiga o interesse em continuar a leitura. Como exemplo, trouxemos o texto que o autor expõe ao iniciar a primeira parte do romance:

Onde as dores começam, um sonho místico acontece, a vida e a morte visitam a mesma casa, corações precisam ser cortados ao meio, um anjo estranho recebe seu singular funeral, os urubus fazem a festa, algo ocorre fora do planejado e um segredo permanece guardado (GASINO, 2011, p. 21).

O romance possui dedicatória e prólogo, que inicia com um parágrafo do livro *De Pernas Pro Ar – A Escola do Mundo ao Avesso* (2010), de Eduardo Galeano. No decorrer do prólogo, que é escrito por Gasino, o autor fala a respeito da Guerra do Contestado e sobre sua relação com o conflito, explicando como foi seu primeiro contato e denunciando a tentativa de esquecimento da guerra na região, como já destacado. Neste espaço, o autor também escreve a respeito de sua experiência ao escrever o romance, expondo seus objetivos e as leituras historiográficas de que se apropriou no momento de estudo e pesquisa sobre o conflito. Esta questão, a respeito das referências de leitura das quais Gasino fez uso, será retomada mais adiante.

Já no título da obra o romancista indica ao leitor a intensão em explorar o lado “místico” da história. Isso acaba conferindo dramaticidade ao romance, sem deixar de lado a parte historiográfica. Ou seja, apesar de Gasino escolher focar numa história enigmática, o autor atende às requisições do gênero literário romance histórico e escreve sua obra equilibrando Ficção e História³⁷.

O enredo do romance histórico de Gasino mostra o contexto do sul do Brasil no advento da Guerra do Contestado, bem como no desenrolar e fim desse conflito. A trama se inicia com a história de Francisca que, quando se casou com Manuel,

³⁷ Para compreender a relação e equilíbrio entre a História e a Literatura na composição do romance histórico, é fundamental consultar os seguintes trabalhos: BASTOS, Alcmemo. As fontes documentais e os autores de romances históricos (por eles mesmos). **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19, n.31, jul./ dez. 2012. BASTOS, Alcmemo. **Introdução ao romance histórico**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007. CELLA, Thiana Nunes; SANTOS, Fabio Luis dos; BERND, Jorge Antonio. O romance histórico paranaense: perspectivas e pluralidades, primeiras impressões. **Revista Entreletras** (Araguaína), v.11, n. 1, jan./abr. 2020. ESTEVES, Antonio Roberto. Considerações sobre o Romance Histórico (No Brasil no limiar do século XXI) – **Revista de Literatura, História e Memória: Narrativas de extração histórica**. Unioeste – Campus de Cascavel. Vol. 4, n. 4, 2008, p. 53-66. ESTEVES, Antonio Roberto. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. Assis: UNESP, 2010. FLECK, Gilmei Francisco. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrutivismo – releituras críticas da história pela ficção**. CRV, Curitiba, 2017. HONOR, André Cabral. Podemos aprender História com romances históricos? Uma reflexão de um historiador romancista (Artigo). In: **Café História**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/podemos-aprender-historia-comromances-historicos>. Publicado em: 15 fev. 2021. LAVORATI, Carla. TEIXEIRA, Níncia. Diálogos entre ficção e história: do Romance Histórico Clássico ao Novo Romance Histórico. **Odisséia – PPGEL/UFRN**, n. 6, jul-dez 2010. LOPES, Rodrigo Smaha. FLECK, Gilmei Francisco. **Romance histórico: outra via de inteligibilidade do passado**. Volume 11, n.1. 2017. MIRANDA, José Américo. Romance e História. In: BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi, et al. **Romance Histórico: Recorrências e transformações**. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2000. PESAVENTO, Sandra J. O mundo como texto: Leituras da História e da Literatura. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p.31-45, set. 2003. WEINHARDT, Marilene. Considerações sobre o romance histórico. **Letras**, Curitiba, n.43, p.11-23, 1994. ZUFFO, Nilva. FLECK, G. Francisco. **O Romance Histórico: A leitura da história pela ótica da ficção**. Cascavel, Unioeste, 2007.

Os dois fora para os lados de Canoinhas e se instalaram numa terra que era de ninguém, onde construíram a casa. O lugar era bonito, ficava no alto do morro, com uma bela vista da região. Tinha um riozinho, afluente do rio dos Pardos, que passava ao lado da casa. A terra era boa e tinha madeira à vontade (GASINO, 2011, p. 31).

Nesse sentido, Gasino inicia mencionando que Francisca e Manuel eram posseiros. Manuel, que era tropeiro, “resolveu largar a tropa para colher a erva, que dava mais dinheiro e com a qual tinha muita gente fazendo fortuna” (2011, p.31). Porém, o romancista expõe que “Manuel gostava muito de cachaça. Em algumas noites bebia muito, gritava com as crianças, batia na mulher, maldizia a tudo e a todos e saía pela porta se embrenhando pelo mato” (2011, p. 30). Assim, “nas semanas que Manuel passava fora colhendo, secando e negociando a erva, Francisca e as crianças pareciam viver em paz” (2011, p. 31).

Assim, podemos notar que Gasino expõe o contexto econômico em que esses sujeitos estavam inseridos, na medida em que predominava o tropeirismo, a extração de madeira e de erva mate. Além disso, o autor faz questão de mencionar a posse de terras, por parte dos chamados posseiros – que se apropriavam de terras que ainda não possuíam titularidade – que também era uma prática comum naquele período.

Gasino descreve inicialmente o desespero de Francisca, que estava grávida de trigêmeos e prestes a dar à luz, sem ninguém que pudesse lhe ajudar. Sentindo dores delirantes, a mulher, desassistida, sonha com o monge João Maria, que passa a conversar com ela a respeito dos seus filhos que estão para nascer. Esta representação ficcional é fundamental para entendermos a posição dos sujeitos ao longo da trama que faz entender o Contestado.

O velho monge afirma, por meio do sonho de Francisca, que o primeiro bebê nascerá morto, que o segundo virá muito frágil de saúde, e que apenas o terceiro nasceria forte e saudável. Para salvar o filho do meio, João Maria orientou Francisca a cortar o coração do terceiro filho ao meio e dividir com o segundo filho. Também afirmou que após a morte do primeiro filho também era necessário tomar um certo cuidado com o seu corpo e coraçãozinho, pois o monge disse que, caso contrário, isso traria problemas aos outros filhos no futuro. Francisca, submetida a este universo místico, mesmo receosa de ser apenas uma alucinação, resolve fazer tudo como o monge havia mandado quando os meninos nasceram da forma com que ele havia lhe dito.

Nessa representação – que será detalhada mais adiante, quando explorarmos a identidade dos personagens selecionados –, podemos notar que Gasino também parte do misticismo para explicar e atribuir sentidos ao movimento do Contestado, propondo que os

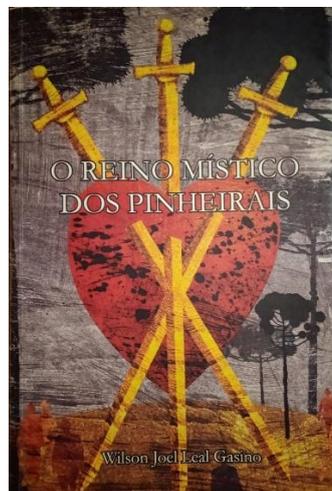
sertanejos eram movidos, muitas vezes, pela fé nos monges, nos quais depositavam sua confiança e acreditavam que a partir deles teriam um mundo de paz e justiça.

Quase duas décadas mais tarde eclodiu na região a Guerra do Contestado. Nesse momento, a família havia se separado e os gêmeos – Miguel e Gabriel –, que não viviam mais juntos, acabaram se envolvendo na guerra, porém em lados contrários. Miguel, que vivia na cidade, representa o mundo progressista e racional. Gabriel, por sua vez, é um sertanejo emotivo e apegado à terra e a natureza. No decorrer do romance também aparece Asrael, o irmão que nasceu morto, que é um sujeito sanguinário e vai persegui-los nessa trama.

Ao contrário do que foi possível perceber em *Geração do Deserto* – romance analisado no primeiro capítulo –, Gasino se preocupa em delimitar quais são os personagens principais, que são os irmãos gêmeos Miguel e Gabriel. Além disso, além de personagens fictícios, o romancista também inclui personagens históricos que, de certa forma, estiveram envolvidos no conflito.

Uma questão interessante a respeito dos personagens é que, conforme veremos adiante, apesar de o autor usar cada um dos gêmeos para representar um “lado” do conflito, ele não apresenta nenhum dos dois como sendo vilão, ou uma pessoa ruim – exceto o terceiro irmão, Asrael –, mas como pessoas com personalidades totalmente opostas.

O reino místico dos pinheirais é um romance histórico muito rico para se utilizar enquanto fonte para a história, pois possibilita que, por meio dele, exploremos variados temas e especificidades a respeito da Guerra do Contestado. Porém, um dos temas mais recorrentes no romance, que facilmente poderia ser explorado, é o messianismo, pois já no início, com o procedimento macabro orientado à Francisca por João Maria, Gasino pretende demonstrar a influência dos monges sobre o imaginário das pessoas.



Capa da primeira edição, 2011

A capa do romance, como podemos verificar na imagem acima, não representa somente a Guerra do Contestado, mas também o enredo do romance de Gasino. Se observarmos a arte e ilustração da capa – criada por Danilo Deodoro e Gentil –, vemos em primeiro plano um coração manchado, aparentemente de sangue, e perfurado por três espadas, o que nos faz lembrar dos trigêmeos e o sonho místico de Francisca com o monge. Ao fundo podemos ver algumas (poucas) araucárias, que estão representando os “pinheirais” e suas copas lembram gotas de sangue, representando a brutalidade da guerra. Em meio às árvores é possível enxergar algumas pessoas caminhando, com uma cor que lembra o fogo e, além disso, o fundo da imagem, cinza escuro, dá uma impressão de um ambiente enfumaçado e obscuro, que pode estar representando os redutos que foram queimados e viraram cinza.

Como já sabemos, antes de escrever um romance histórico o romancista precisa realizar uma intensa pesquisa historiográfica a respeito do contexto histórico que quer registrar. Conhecer a historiografia utilizada pelo autor ao construir a obra contribui para a análise da fonte, pois assim é possível observar qual foi o embasamento do autor e de que forma seus estudos refletem na composição da trama do romance escrito por ele. Gasino faz questão de informar ao leitor, no prólogo, que caminho percorreu na historiografia, apontando os autores Paulo Pinheiro Machado, Alves de Cerqueira, Duglas Teixeira Monteiro, Euclides Felipe, Hermínio Milis, Marli Auras, Maurício Vinhas de Queiroz e Paulo Ramos Derengoski (2011, p. 14 – prólogo)³⁸.

Os textos de Paulo Pinheiro Machado, aos quais Gasino dá maior ênfase – sobretudo a obra *Lideranças do Contestado* (2004) – são frutos de entrevistas que o historiador realizou com os sobreviventes do conflito, de ambos os lados, de modo a explorar os diferentes pontos de vista e versões da história.

Gasino faz questão de apresentar ao leitor as leituras de que se apropriou, para que pudéssemos visualizar o caminho percorrido por ele na construção de seu romance histórico.

³⁸AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. 2. Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995. CERQUEIRA, Alves. *A Jornada de Taquaruçu (feito guerreiro)*. Contribuição ao estudo da história militar no Brasil. Rio de Janeiro: s/ed, 1936. DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O desmoronamento do mundo jagunço*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986. FELIPPE, Euclides J. *O Último Jagunço: Folclore na História da Guerra do Contestado*. Curitiba – SC, Universidade do Contestado, 1995. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado*. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178-186. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças do Contestado, 1912-1916*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Tese de Doutorado em História), 2001. MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004. MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do Contestado – 1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Dessa forma, ele demonstra não somente ser romancista, mas também pesquisador. Além disso, ainda na tentativa de informar o leitor sobre sua obra, Gasino menciona brevemente quais são os seus objetivos principais. De acordo com o autor,

O objetivo é apenas contar uma das possíveis histórias dos possíveis personagens que viveram essa história. É acrescentar novas lendas ao cancionero tradicional desse conflito, preenchendo algumas lacunas da memória com novas fantasias, fazendo personagens reais conviverem com alguns criados pela imaginação e também pedindo licença para dar um novo brilho e um novo colorido ao que se passou, modificando alguns incidentes para efeito da dramaturgia sem por isso deformar a corrente dos fatos ou distorcer o seu sentido e as suas lições (GASINO, 2011, p. 14 – prólogo).

Portanto, como visto no trecho acima, por meio desse romance histórico Gasino tem a intenção de contribuir com a produção já existente sobre o conflito, acrescentando novas lendas e preenchendo lacunas. Dessa forma, o romancista acaba atribuindo sentido ao imaginário dos sujeitos presentes na região que, marginalizados, ganham espaço de protagonismo em sua trama. Ou seja, Gasino busca problematizar as versões oficiais da história ao se posicionar favorável às minorias, que foram escuraçadas pela historiografia e imprensa da época.

Ao pesquisar a respeito das produções acadêmicas em torno de *O reino místico dos pinheirais*, pudemos observar que são escassas, pois foram encontrados apenas três trabalhos (recentes): dois deles na área de História, publicados por Claércio Ivan Schneider, e um deles da área de Letras, publicado por Sérgio Roberto Massagli. Isso, provavelmente, se deve ao fato de ser um romance publicado recentemente. Além disso, esse romance, a princípio, ainda não goza de muita notoriedade, portanto, trata-se de um romance histórico da literatura brasileira ainda pouco conhecido.

O primeiro trabalho a ser citado é o artigo científico nomeado *Releituras do Contestado: O Reino Místico dos Pinheirais, de Wilson Gasino, e a crítica à História oficial*, publicado em 2019, pelo historiador Claércio Ivan Schneider na revista *Projeto História* (volume 66), que tem o seguinte título: *Política, cultura e sociedade: Temas e abordagens do Brasil contemporâneo*.

Schneider inicia o artigo expondo ao leitor o que pretende explorar da obra de Gasino por meio de alguns questionamentos³⁹. Em seguida, o autor faz uma breve descrição do enredo

³⁹ Qual a visão de história de Gasino? Quais memórias são contestadas em torno da história do Contestado? Com quem está dialogando? Qual o significado de sua obra em meio a tantas outras de teor oficial? O que pretende trazer à tona com as histórias retratadas no romance? Quais memórias e debates são colocadas em relevo? Quais estereótipos desconstrói, questiona ou mantém? Qual o significado deste romance na contemporaneidade? (SCHNEIDER, 2019, p. 326).

do romance, mencionando as principais características e curiosidades, que posteriormente serão importantes para a análise da fonte. Analisando o romance histórico de forma geral, iniciando pelo título, o historiador comenta:

Gasino, desde o título da obra, evidencia que pretende investir interpretação levando em conta o lado místico do conflito. Ou seja, questiona a república científica dos pinheirais (Estado; empresa; coronéis), voltando-se ao reino místico dos pinheirais (sertanejos). Parece preocupado com o destino das pessoas simples, mas também fantásticas, em especial pela relação mística e sobrenatural que conferem à existência e às relações com a terra e a natureza. Esta perspectiva valoriza os sertanejos, suas ações, subjetividades e sentido histórico (SCHNEIDER, 2019, p. 327).

Ou seja, apesar de apresentar ambos os lados do conflito, de acordo com Schneider, Gasino procura problematizar o papel do Estado e dos coronéis, e valorizar os sertanejos, seus sentimentos e identidade. Além disso, já nas primeiras reflexões, Schneider aponta para o debate ideológico que Gasino procura evidenciar por meio do uso dos personagens principais: Miguel e Gabriel, que representam o embate entre o racionalismo e a religiosidade. Em meio a essa disputa, de acordo com Schneider, está a terra, que “representa a luta pela vida, pelo alimento, pelo abrigo, pelo poder, pela ambição e pelo heroísmo” (SCHNEIDER, 2019, p. 327).

Ainda a respeito dos sujeitos que Gasino procura representar, Schneider aponta que são estes “personagens comuns” que habitavam a região contestada que “Gasino toma como alvo de dramatização, constituindo e reconstituindo memórias que os tornam protagonistas e não apenas vítimas, registrando diferentes percepções e revelando diferentes sensibilidades” (2019, p. 328).

Outra reflexão importante feita por Schneider é a respeito da forma pela qual Gasino representa a imprensa da época da Guerra do Contestado. Segundo a análise do autor, o romancista faz uma crítica aos jornais da época, procurando deixar seus leitores informados de que a imprensa não era imparcial sobre a guerra, mas apoiava o Estado. Dessa forma, ela (a imprensa): “disseminava preconceitos e estereótipos em torno dos sertanejos – demonizando-os e as suas crenças como ignorantes e incivilizados – auxiliando na construção e divulgação de uma visão negativa em torno desses sujeitos e suas práticas” (2019, p. 333). Ou seja, Gasino sugere que “a imprensa também é responsável pela promoção da intolerância em torno dos sertanejos” (2019, p. 333).

Além disso, Schneider chama a atenção para a busca pelos padrões de civilidade que havia na região Sul do Brasil no início do século XX. Nesse contexto, tinha-se a ideia de que o

trem de ferro “traria o progresso, a prosperidade, o conforto, a ordem. O sertanejo representava o oposto” e, por isso, era preciso substituí-lo (2019, p. 349).

De acordo com a análise de Schneider, Gasino, em seu romance, procura valorizar a condição humana, os sujeitos marginalizados, e condena as explorações do Estado (2019, p. 349-350). Porém, o romancista “em muitos momentos promove a ideia de sertão, ignorando ou se mostrando indiferente às populações indígenas que sempre estiveram presentes no território” (2019, p. 350). Portanto, ao mesmo tempo em que o historiador aponta as qualidades e a relevância do romance histórico de Gasino, ao realizar uma análise minuciosa e problematizadora, ele afirma que a obra também é passível de críticas.

Por fim, Schneider reafirma a pertinência de *O reino místico dos pinheirais* no que diz respeito à crítica que Gasino procura fazer às versões oficiais da história, pois o romancista põe em xeque os ideais civilizatórios, que exalta o progresso, a ciência e tem o imigrante europeu como habitante ideal, e dá visibilidade aos sujeitos marginalizados, que foram excluídos e estigmatizados, mas sempre fizeram parte desse espaço regionalizado.

Outro trabalho que busca problematizar a produção romanesca de Gasino, também é de autoria de Claércio Ivan Schneider, publicado em 2020, e tem o seguinte título: *O Reino Místico dos Pinheirais: O protagonismo dos sertanejos no Contestado na perspectiva de Wilson Gasino*. Essa pesquisa foi publicada como texto completo nos anais do *VII Simpósio Nacional de Pesquisa Estado e Poder Direitos, Democracia e Lutas Sociais em tempos de crise*, realizado na Uniãoeste – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR, entre os dias 30 de setembro e 03 de outubro de 2019.

Como visto no título do texto, Schneider busca dar ênfase ao protagonismo dos sujeitos presentes na Guerra do Contestado, o que muito se assemelha a esta pesquisa. O historiador inicia a análise dividindo o romance histórico de Gasino em três partes. De acordo com Schneider, Gasino:

Num primeiro momento, narra, numa perspectiva cronológica, a ligação mítica que os sertanejos mantêm com a terra. [...] Na sequência, foca na formação dos redutos enquanto espaços de sobrevivência e também de resistência sertaneja. [...] Mais para o final, seguindo a trama histórica, dá destaque a momentos em que estes sertanejos saem da inércia e assumem o protagonismo na defesa de seus interesses. De pacatos, tornam-se rebeldes. (SCHNEIDER, 2020, pp. 42-43).

Dessa forma, de acordo com essa primeira análise, Gasino apresenta os sertanejos como protagonistas do seu romance. Assim, o romancista busca, no decorrer da obra, demonstrar a trajetória desses sujeitos. Schneider também destaca a pluralidade de sujeitos citados por

Gasino em seu romance, fazendo com que não haja generalizações a respeito das pessoas que viveram na região contestada. Porém, o historiador dá especial atenção à Gabriel, que além de ser um dos protagonistas do romance, é um sertanejo que acabou se envolvendo na guerra.

Schneider também aponta para uma personagem secundária do romance que tem um papel problematizador: Aspásia, uma mulher negra que, tendo perdido suas terras, passou a viver com sua família nos redutos sertanejos. De acordo com Schneider, por meio dessa personagem, Gasino busca “mostrar a consciência crítica do caboclo – e desmistificar a ideia de que eram um bando de ignorantes” (2020, p. 41). Além disso, segundo Schneider, ainda através de Aspásia, Gasino menciona em seu romance a presença do negro no contestado e realiza um debate contemporâneo a respeito da cultura afro-brasileira.

Por fim, as considerações de Schneider sobre a obra não se diferem muito com as do texto anterior. Segundo o historiador, Gasino escreveu uma história com o intuito de dar visibilidade aos sertanejos, colocando-os como protagonistas do conflito e também de seu romance. Além disso, na visão de Schneider, Gasino promove debates atuais. Nesse sentido, o autor destaca que, de acordo com o romancista, “os problemas fundiários que assolam o Brasil ainda hoje são reflexos de políticas centradas na defesa dos interesses da minoria, como no caso do Contestado, deixando grande parte da população entregue à própria sorte” (2020, p. 44).

Apesar de destacar a importância do romance de Gasino no processo de desconstrução da história oficial sobre a Guerra do Contestado, Schneider não deixa as críticas passarem despercebidas. O historiador afirma, como já o fez no primeiro estudo, que Gasino acaba incorporando alguns estereótipos como, por exemplo, quando nomeia a região contestada enquanto sertão, pois isso dá a entender que este espaço não é habitado por ninguém, e isso é uma falácia. Sabe-se que muitos sujeitos ocupavam essa região, inclusive os indígenas, que não aparecem no romance.

Além disso, outra crítica ao romance feita por Schneider é que Gasino incorpora alguns símbolos “oficiais” que representam o estado Paraná, como o pinheiro e a gralha. Essa problematização também ganha espaço nessa análise, mais adiante, ao final da pesquisa. Porém, de acordo com este historiador, o autor “parece inverter a lógica que compara o pinheiro ao imigrante, enaltecendo-os. O pinheiro está presente e é fundamental na caracterização da condição humana do sertanejo. Ele é paisagem, é alimento, é energia” (2020, p. 45).

Nesse sentido, é interessante compreender a forma pela qual Gasino relaciona a identidade do sertanejo com a natureza, demonstrando a importância dela para a sobrevivência desses sujeitos. Essa questão fica mais clara no decorrer dessa análise, quando será

problematizada a representação feita por Gasino do personagem Gabriel – que é um sertanejo –, protagonista desse romance, e possui uma relação íntima com a natureza.

O último trabalho a ser citado, que também utiliza o romance histórico de Gasino como fonte é da área de Letras e já foi mencionado anteriormente nessa dissertação. Trata-se do artigo nomeado *A Literatura como arquivo da Guerra do Contestado* (2023), de Sérgio Roberto Massagli. Neste trabalho Massagli busca analisar três romances históricos que têm como tema central o Contestado: *Eles não acreditavam na morte*, de Fredericindo Marés de Souza; *O bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto; e *O reino místico dos pinheirais*, de Wilson Gasino.

Massagli aponta que no pós-guerra houve um “silenciamento das vozes daqueles que, desde 1916, derrotados e espoliados pelas forças do Estado e dos coronéis, vaguearam pelos sertões do Paraná e de Santa Catarina, no início sendo literalmente caçados, depois, esquecidos e abandonados” (2023, p. 12-13). Posto isto, o autor afirma que as produções literárias publicadas a partir da década de 50 “têm feito o trabalho de revolver as camadas desse palimpsesto, auxiliando no papel de reconstrução das memórias do Contestado e de reescrita de sua história” (2023, p. 13).

O autor expõe e analisa os romances pela ordem cronológica de suas publicações, portanto, *O reino místico dos pinheirais*, sendo a mais contemporânea, é a última a ser analisada. No espaço reservado a este romance, Massagli inicia descrevendo o enredo, para então iniciar as reflexões. Como bem pontuado pelo autor, ao falar a respeito dos trigêmeos – que são os protagonistas –, Massagli afirma que “eles desempenharão um papel alegórico, cada um funcionando como metáfora das forças antagônicas de cujo embate resulta o conflito histórico do Contestado” (2023, p. 23).

Essa questão é bastante importante para compreender o romance histórico de Gasino, considerando serem estes os personagens principais, que estão representando os extremos opostos do conflito. Nesse sentido, Massagli conclui que Gasino “busca problematizar os usos e manipulações da história oficial e evidenciar novas abordagens historiográficas a partir do uso de memórias coletivas ou individuais reveladas por meio das personagens do romance” (2023, p. 23).

Além disso, o autor destaca a preocupação de Gasino em mostrar ao leitor a ação do coronelismo na região e a indiferença do Estado, que favoreceu os imigrantes europeus, colocando-os para competir “ao lado das minorias em sua resistência na luta reivindicatória por sua terra, sua identidade e sua memória” (2023, p. 23). Portanto, de acordo com a análise realizada por Massagli, Gasino procura desconstruir um discurso positivista, que por anos tratou de apagar a história da guerra e excluir os sujeitos marginalizados, substituindo-os pelos imigrantes europeus, que eram então os habitantes ideais para aquela região (2023, p. 23).

Outra observação de Massagli a respeito do romance é que o autor procura dar ênfase às personagens femininas, bem como às conquistas recentes do movimento negro, pois “algumas dessas personagens femininas são negras e construídas para além dos estereótipos reproduzidos ao longo do tempo, como dona Aspásia, mãe de Maria Clara” (2023, p.24) que, de acordo com a citação do romance, “Era uma baiana bonita, filha de escravos, que recebera uma educação de sinhazinha na casa grande da fazenda onde nascera. Tivera padrões esclarecidos quando criança e aproveitara cada oportunidade para aprender” (MASSAGLI, 2023, p. 24 apud GASINO, 2011, p. 55).

Por fim, o autor reafirma que *O reino místico dos pinheirais* é um romance muito eficiente na desconstrução das versões oficializadas da história – que procuram apagar os conflitos e excluir os sujeitos que dele fizeram parte –, pois Gasino procura dar visibilidade aos sujeitos marginalizados e estigmatizados, como os “indígenas, caboclos, negros, migrantes pobres”, dentre outros, colocando-os também em seu lugar de sujeitos históricos (2023, p. 24).

Como foi possível notar nos parágrafos acima, são poucos os trabalhos que utilizam como fonte o romance histórico de Gasino. Foram encontradas apenas três publicações. Dessa forma, podemos reafirmar a relevância da presente pesquisa, na medida em que busca analisar uma fonte contemporânea e pouco explorada, que contribui, como detalhado acima por outros pesquisadores, para a problematização das versões oficializadas da história, a qual buscamos também desconstruir, ampliando ainda mais as algumas das questões colocadas acima.

2.2 – Representação dos sertanejos em *O reino místico dos pinheirais*

Como já mencionado anteriormente, nossa fonte de análise neste capítulo é o romance histórico de Wilson Gasino, nomeado *O reino místico dos pinheirais*, publicado originalmente em 2011. Objetivamos observar e analisar, especificamente, a forma pela qual Gasino representa os sertanejos do Contestado, levando em consideração as características físicas,

identitárias, as atitudes, os pensamentos em que o autor atribui sentido histórico aos seus protagonismos.

Assim como no romance histórico de Sassi – problematizado no primeiro capítulo dessa pesquisa de dissertação –, Gasino também procura dar ênfase, tanto nos personagens históricos – por exemplo: João Maria, José Maria, o capitão Matos Costa, Elias de Moraes, Adeodato, Maria Rosa, Francisco Alonso, Chica Pelega, dentre outros que foram mencionados rapidamente –, que são lembrados por suas ações durante a Guerra do Contestado, quanto nos personagens fictícios que, nesse caso, são os protagonistas e dão sentido à trama desenvolvida pelo romancista. Nessa pesquisa buscaremos analisar os personagens que Gasino dedica maior atenção, independente de se tratar de personagens oficiais da História ou fictícios.

Os personagens do romance de Gasino os quais pretendemos problematizar neste trabalho de forma mais específica são: Gabriel, Miguel, Asrael, Aspásia, Maria Clara, Matos Costa, Adeodato, Chica Pelega, os monges João e José Maria, bem como as demais lideranças religiosas que passaram pelo reduto, como Teodora, Manoel, Joaquim e Maria Rosa. Por meio dessa análise, portanto, será possível compreender a forma pela qual Gasino atribui sentido a estes personagens, ou seja, de que forma ele os represente e que identidade lhes confere.

Ao iniciar a análise, antes de dedicar especial atenção em cada personagem de forma individual, é importante pensar a forma pela qual Gasino se refere aos sertanejos, em geral. Ou seja, é preciso compreender como o autor os nomeia e representa coletivamente. Nesse sentido, cabe salientar que o romancista não define uma forma específica para nomeá-los, como podemos verificar nos próximos parágrafos.

Em alguns momentos Gasino chama os sertanejos de rebeldes, como podemos notar no trecho em que ele salienta que “Quando os rebeldes tomaram as estações entre União da Vitória e Canoinhas e paralisaram os trens, os governos do Paraná e Santa Catarina constataram que a situação era muito mais grave do que imaginavam” (2011, p. 158). Em outros, porém, os nomeia de devotos, ao afirmar que José Maria “Contava com a ajuda de lideranças locais como Chico Ventura e Praxedes Damasceno, além dos visitantes, para recolher e organizar as doações e demais recursos, para que nada faltasse aos devotos” (2011, p. 89). Além disso, Gasino também se refere a estes sujeitos como sendo “fanáticos”⁴⁰, quando reitera que “Para o povo em geral, os sertanejos recebiam apoio de forças do além, de algo que não poderia ser explicado [...]. O general Setembrino sabia que essa crença atingia boa parte dos soldados e que isso atraía a

⁴⁰ A última palavra – “fanáticos” – é acompanhada de aspas, provavelmente com o intuito de indicar não se tratar de uma atribuição sua, mas que representa a forma pela qual os sertanejos eram chamados e representados por seus antagonistas, pela imprensa, ou pelas pessoas que viam a guerra “de fora”, influenciados pelos discursos oficiais.

população para o lado dos “fanáticos” (GASINO, 2011, p. 162). Porém, apesar de as vezes referir-se a eles com nomes distintos, como os acima mencionados, frequentemente Gasino os apresenta como sendo sertanejos ou caboclos.

Estas são as designações – sertanejos e caboclos – mais comuns utilizadas pelo autor para mencionar os sujeitos que lutaram na Guerra do Contestado contra as forças do governo. Em alguns momentos, inclusive, o autor utiliza as duas denominações acima citadas no mesmo parágrafo e até na mesma frase, como podemos observar no seguinte trecho que fala a respeito do fim da guerra:

Era comum encontrarem pelo caminho grandes grupos de sertanejos mortos – homens, mulheres e crianças – que pareciam ter se entregado ou estavam fugindo quando foram executados. Também encontraram muitos caboclos e soldados mortos em combate, mas a proporção de sertanejos era muito maior (GASINO, 2011, p. 200).

Apesar de Gasino utilizar a palavra “fanáticos” com aspas, com o intuito de indicar sua discordância com o termo para se referir aos sertanejos, no decorrer do romance o romancista acaba incorporando este mesmo estereótipo quando cita que foi em torno de José Maria “e da memória lendária do monge João Maria que se iniciou um movimento fanático que em poucos anos chegaria a contar com dezenas de milhares de fiéis e que deflagraria um dos maiores conflitos ocorridos na História do Brasil” (2011, p. 51).

Ao denominar a resistência sertaneja como sendo um “movimento fanático” o autor assume uma posição preconceituosa, afirmando que estes sujeitos eram fanáticos e, de certa forma, justificando o movimento e suas ações por conta do “fanatismo”, como se estes sujeitos não tivessem motivos para se rebelar, mas o fizeram por seguir cegamente os monges.

Essa designação preconceituosa para se referir aos sertanejos do Contestado é bastante comum, principalmente na primeira leva da historiografia escrita sobre a guerra, à qual Gasino possivelmente teve acesso. Nesse sentido, Márcia Janete Espig afirma que “o persistente uso do termo “fanáticos” para descrever os rebeldes, e a simplificação da categoria “fanatismo” para expressar suas crenças, prolongou-se em inúmeras obras, e eventualmente prosseguiu até nossos dias” (ESPIG, 2023, p. 239-240).

Ainda no início do romance, além de explicar o processo de expulsão dos sertanejos das terras que ocupavam – que foi uma das várias motivações para a eclosão da guerra –, Gasino procura descrever primeiramente como ocorreu a ocupação daquela região. A forma com que o autor realiza essa explicação é problemática, portanto, também é passível de críticas:

Durante séculos o sertão daquela região havia sido terra de ninguém, recebendo aventureiros, imigrantes menos esclarecidos, escravos fugidos ou recém-libertos, bandidos e revoltosos políticos, como os maragatos da Revolução Farroupilha. Longe das cidades e da rota dos tropeiros, nas terras devolutas, não havia nenhum tipo de governo, nenhum tipo de assistência e nenhum tipo de lei. A Monarquia nada fazia pelos sertanejos, mas também pouco lhes cobrava (GASINO, 2011, p. 38).

As caracterizações que Gasino atribui àquela região na primeira frase do trecho são: “sertão” – que nos remete a um espaço vazio – e “terra de ninguém”. Ou seja, o autor afirma que aquelas áreas eram inabitadas, que ninguém as ocupava, e a partir daí passou a receber diversos habitantes. Portanto, ao utilizar essas expressões, o autor acaba excluindo as populações indígenas e outros sujeitos, que sempre estiveram presentes no território. Porém, ainda sobre dessa questão, cabe afirmar que, na página seguinte, talvez com o intuito de “concertar” o equívoco cometido, Gasino acaba se contradizendo ao afirmar que “caboclos, negros e índios que eram os verdadeiros donos daquelas áreas” (2011, p. 39).

Com base nessa questão, é preciso mencionar que, de acordo com Flavio Wiik e Eloi Muchalovski, “uma constatação e uma inquietação que acompanha pesquisadores, nas fronteiras da História e Antropologia, é a invisibilidade dos indígenas na região e no Conflito do Contestado” (2023, p. 69). Além disso, esses autores afirmam que:

Apesar da vasta produção acadêmica acerca da Guerra do Contestado (1912-1916), ainda há uma enorme lacuna sobre a participação indígena no movimento, ou do seu impacto sobre esses grupos. Uma série de menções e argumentações, utilizadas por memorialistas e entusiastas do tema, apontam para uma certa “visibilidade camuflada”, ou seja, passam por problemas de categorização e tipificação da população habitante do território em conflito, pois, nunca houve uma designação que abrangesse de forma específica os múltiplos grupos humanos nele envolvidos, denominando-os apenas, e genericamente, de/por “caboclos” ou “sertanejos”, quando é sabido que houvera a participação de quilombolas, imigrantes e indígenas das etnias Kaingang e Xokleng. (WIIK & MUCHALOVSKI, 2023, p. 69).

Nesse sentido, ao passo que os autores apontam para o problema da não inclusão dos indígenas no movimento do Contestado, podemos considerar que Gasino também empreende em seu romance o que Wiik e Muchalovski chamaram de “visibilidade camuflada”, pois apesar de ele mencionar – poucas vezes – os indígenas no seu romance, ele não os representa a partir de personagens, nem demonstra a forma pela qual a presença desses sujeitos interferiu no conflito.

Ou seja, Gasino menciona brevemente que havia a presença dos indígenas, mas não cita os conflitos que envolveram estes povos no contexto da Guerra do Contestado. A respeito disso,

é importante estar ciente de que houve “conflitos internos entre facções Kaingang, e entre os Kaingang e os Xokleng” (2023, p. 70) e, além disso, passou a haver também os “conflitos entre indígenas e não indígenas [...], o que foi gradativamente alterando o perfil das disputas, de intertribais para interétnicas” (2023, p. 71). Para complementar, Wiik e Muchalovski ainda salientam que:

A constante e crescente chegada e inserção de contingentes humanos não indígenas em espaços reconhecidos pelos indígenas como de seu domínio, não foi aceita de forma pacífica, haja vista que há tempos aqueles espaços foram disputados e defendidos frente a ocupação de outros grupos indígenas (WIİK & MUCHALOVSKI, 2023, p.71).

Dessa forma, podemos estabelecer, logo no início da análise, uma crítica à representação de Gasino que, ao deixar de mencionar os conflitos envolvendo estes sujeitos, trata o relacionamento entre indígenas e não indígenas de forma pacífica, como se estes – os indígenas –, bem como aqueles que buscaram seu extermínio, tivessem agido de forma harmoniosa, respeitando o espaço territorial uns dos outros. Em vista disso, é preciso expor também que, além da existência dos conflitos, houve alianças:

A convivência amistosa entre indígenas e não-indígenas não fora algo raro na região do Contestado, pois o *Contato* tanto provoca conflitos, como abre espaço para alianças. Portanto, ao se considerar os relatos sobre a existência desses grupos por toda essa área, em momentos anteriores e concomitantes (e até mesmo posteriores, haja vista que há indígenas na região até a atualidade) a Guerra do Contestado, não se pode negar ou descartar uma efetiva participação destes no movimento sertanejo (WIİK & MUCHALOVSKI, 2023, p. 74).

Portanto, conforme pudemos compreender, seja por meio de relações conflituosas, ou por meio de alianças, é fato que os povos indígenas estiveram presentes no movimento do contestado. Nesse sentido, ao passo que Gasino menciona uma diversidade de sujeitos em seu romance, buscando desconstruir as versões oficiais da história e dar visibilidade aos marginalizados, é necessário destacar o “deslize” cometido pelo romancista ao deixar de expor o protagonismo desses povos⁴¹.

⁴¹ Para compreender melhor sobre a presença dos povos indígenas no território e, conseqüentemente, no movimento do Contestado, é essencial consultar as seguintes pesquisas historiográficas: AURAS, Marli. Guerra do Contestado: a organização da irmandade Cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995. GROSS, Cristina Buratto. A invisibilização do povo Caboclo de Santa Catarina: algumas permanências da Guerra do Contestado. In. II Congresso Brasileiro da Guerra do Contestado IV Colóquio de Geografias Territoriais Paranaenses XXXVI Semana de Geografia da UEL. **Anais:** Universidade Estadual de Londrina, p. 272-296, 2020. JACOBSEN, Andreza da Silva. Do estereótipo racial no movimento do Contestado: uma discussão sobre o povo caboclo. Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS, Rio Grande, v. 3/ n. 1/ p. 91-104, jan.-jun. 2019. MACHADO, Paulo

Além disso, outra questão interessante a se pensar sobre o último trecho do romance de Gasino mencionado é que, ao descrever quais eram os sujeitos que passaram a ocupar essas terras, o autor cita também os “imigrantes menos esclarecidos”. Ao mencioná-los, Gasino inclui os imigrantes, que de fato estavam presentes nesse meio, mas, ao mesmo tempo, faz questão de afirmar que eram os “menos esclarecidos”, parecendo uma tentativa de justificar o porquê de estarem em meio aos demais sujeitos citados (aventureiros, escravos fugidos ou recém-libertos, bandidos e revoltosos políticos), por se tratar também de sujeitos marginalizados. Nesse sentido, ao classificar quais eram esses imigrantes, o autor afirma, de certa forma, que os demais imigrantes, os responsáveis por trazer progresso ao Brasil – de acordo com a elite intelectual –, não faziam parte deste grupo.

Dando continuidade nessa análise, cabe mencionar que esses povos que passaram a habitar àquela região até então “desocupada” – de acordo com o autor – são denominadas pelo romancista como sendo “populações flutuantes”, como podemos verificar no trecho a seguir:

Essas novas populações flutuantes, que raro conseguiam uma colocação aqui ou ali como peão de fazenda, trabalhador da roça ou tropeiro, cultivavam um sentimento nostálgico em relação à monarquia. Eram muito ligados à terra e tinham uma religiosidade bastante forte, marcada pela mistura de um catolicismo fervoroso com animismo e curandeirismo. Raramente tinham contato com padres, que era um privilégio para os ricos. Médico então era algo impensável para essas populações (GASINO, 2011, p. 39).

Nesse trecho, o autor descreve de forma geral algumas das representações identitárias dos sertanejos, destacando o apego à terra e à religiosidade, que eram características que muitos tinham em comum. A crença no curandeirismo, como citado acima, ocorria, de certa forma, por falta de opção, por não terem acesso aos médicos. Essa questão podemos verificar no texto nomeado *Lacunas, aparições e sumiços: o monge José Maria na antessala da Guerra do Contestado*, de autoria de Gabriel Carvalho Kunrath:

Pinheiro. Apresentação: A aventura e a tragédia do Contestado. In: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 13-28. São Paulo: Letra e Voz, 2023. MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. WITTMANN, Luisa Tombini. O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí /SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007. WIJK, Flavio Braune. Simonetti, Rafael Pereira. Discursos na imprensa sobre índios e caboclos durante o Contestado: o caso do Diário da Tarde. Diálogos, v.21, n.3, (2017), 79 – 95. WIJK, Flavio Braune. MOCHALOVSKI, Eloi Giovane. No mesmo tempo e no mesmo espaço: a propósito da (in)visibilidade indígena no Contestado. In: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 69-76. São Paulo: Letra e Voz, 2023. WIJK, Flávio Braune. O Contestado e seu impacto sobre os modos e regimes de relação Homem-Natureza entre os Kaingang da Terra Indígena Xapecó – SC. In VALENTI, Delmir Jose; ESPIG, Marcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro. Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-1916). Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2012. p. 173-190.

Na região do Contestado, os atos de curar eram realizados, sobretudo, por benzedores e curandeiros, e não por médicos. Entre as razões que motivaram os moradores a buscarem auxílios de cura com pessoas que detinham saberes tradicionais, está o fato de que a figura dos médicos era de relativa escassez na região. Ainda, para aquelas pessoas, as concepções de doença e cura apresentavam alguns aspectos mágico-religiosos, sendo assim, era preciso também cuidados espirituais para se solucionarem (KUNRATH, 2023, p. 109)

A presença no monge, portanto, foi importante aos sertanejos não somente para lhes dar esperanças de uma vida nova – como fazia José Maria no Contestado – e por lhes aproximar de Deus, trazendo a cura da alma, mas também por conta da cura das doenças do corpo. Nesse sentido, “ricos e pobres, coronéis e agregados, pessoas de todas as classes sociais buscavam seu auxílio quando estavam adoentados” (KUNRATH, 2023, p. 116).

Voltando a falar das populações que fizeram parte dos redutos sertanejos, Gasino faz questão de mencionar que era um grupo muito heterogêneo. Portanto, em Taquaruçu “agricultores, tropeiros, posseiros expulsos da terra, ex empregados da Lumber e da Railway, devotos e todo o tipo de gente desamparada e doente ia chegando [...] e era abrigada em barracas e ranchos feitos a facão” (GASINO, 2011, p. 86).

Esse grande grupo, possuidor de variadas e distintas identidades – e que a cada dia ficava maior – passou a conviver no mesmo local, por possuírem alguns interesses ou necessidades em comum. Gasino aponta que, inicialmente, “havia um clima religioso muito forte no reduto e também um sentimento de irmandade, e todos dividiam os bens e as tarefas diárias. Havia um clima de festa constante, de euforia, de espera de algo maravilhoso e, em alguns momentos, de quase histeria” (GASINO, 2011, p. 102). Portanto, o autor aponta que José Maria reuniu um grupo extremamente heterogêneo, mas que buscavam nele a solução para os seus problemas, independentemente de quais fossem.

2.3 – Os monges do Contestado na perspectiva de Gasino

Considerando a grande influência atribuída aos monges no movimento do Contestado, cabe iniciar a análise dos personagens a partir deles. De acordo com Gasino, “entre 1840 e 1915, três lideranças religiosas passaram pela região do Contestado marcando profundamente o imaginário da população local, mesclando suas figuras e mensagens às expectativas, crendices e anseios dos caboclos” (2011, p. 49). Apesar de utilizar somente dois deles como personagens em sua trama, o romancista demonstra ter realizado uma intensa pesquisa historiográfica, pois descreve os três monges de forma minuciosa, deixando claras as diferenças entre eles:

A primeira figura marcante foi o monge João Maria D' Agostini, um suposto imigrante italiano que, vindo de Sorocaba, percorreu a região do Contestado várias vezes em meados do século XIX. Fazia curas milagrosas com sua água santa e pregava sobre a paz entre os homens e o respeito à terra. Seguiu pelos caminhos das tropas e erigia cruzeiros nos lugares que considerava santos. [...] Mas não gostava de grandes ajuntamentos e preferia caminhar sozinho, por isso seu desaparecimento se deu de forma misteriosa [...]. O segundo monge, conhecido como João Maria de Jesus, foi identificado por alguns historiadores como um imigrante sírio de nome Anastás Margraf. Sua passagem na região do Contestado se deu entre o final do século XIX e o início do século XX. Fazia curas com água santa, chá de vassourinha, cascas de árvores, cinza de fogueiras e erva de são João Maria. Também pregava e fazia previsões apocalípticas [...]. Como o anterior, não gostava de aglomerações e defendia de forma romântica a monarquia e o convívio harmonioso do homem com a terra. O terceiro monge, chamado José Maria, surgiu em 1912 e tinha aspecto físico e comportamento semelhante aos dos dois anteriores. Muitos historiadores afirmam que tratava-se de um ex-policia militar desertor do Paraná, chamado Miguel Lucena de Boaventura. Também fazia curas usando ervas e sementes mas, ao contrário dos dois anteriores, gostava de ajuntamentos e organizava seu trabalho cercado de muitos ajudantes e fiéis (GASINO, 2011, p. 49-51).

Com o intuito de confirmar a veracidade da pesquisa historiográfica realizada por Gasino a respeito desses líderes, cabe citar um trecho do texto de Espig, que também menciona as informações acima a respeito dos monges, mas, ao contrário de Gasino – que escreve de maneira detalhada –, o faz de maneira breve e objetiva:

Estudos históricos identificaram, para a região do Contestado, três sujeitos que detiveram o título de monge: o próprio João Maria de Agostini; um sucessor, que assumiu o nome João Maria de Jesus; e José Maria, o monge que esteve na batalha do Irani, que deu início à Guerra do Contestado (ESPIG, 2023, p.241).

Ao contrário do que ocorre no primeiro romance analisado nessa pesquisa, Gasino não se dedica a criticar ou problematizar de forma significativa a figura dos monges, mas procura deixar claro sua importância e impacto (principalmente os dois que ele utiliza como personagens) no contexto da Guerra do Contestado.

A respeito disso, é importante considerar que foi o monge José Maria quem liderou inicialmente o movimento do Contestado. Porém, mesmo não estando mais presente, o monge João Maria continuou influenciando os sertanejos através do imaginário dos seus fiéis, como cita Gasino nos acontecimentos iniciais de seu romance histórico.

A representação trazida por Gasino a respeito de João Maria se encontra logo no início do romance quando a personagem Francisca – conhecida por Zica – está prestes a dar à luz aos

trigêmeos. A mulher “rezou para Nossa Senhora e para o monge João Maria pedindo proteção e um bom parto” (2011, p. 23), e em seguida lembrou da visita que recebera do monge na casa de sua mãe quando era moça:

Ele amanhecera dormindo debaixo de uma mangueira e toda a família sentou ao seu redor enquanto a mãe dela dava café e ele falava de Deus, da bondade que devia haver entre os homens e de como a gente devia agradecer pela natureza. Então ele recebeu as pessoas que estavam doentes, fez reza e benzedura, receitou ervas do mato, deu água santa, plantou um cruzeiro onde viu a luz divina, e depois foi-se embora, sozinho, pelo caminho. (GASINO, 2011, p. 24)

Zica lembra com carinho de João Maria, dos seus ensinamentos e do bem que fizera às pessoas. Naquele momento ela desejava e pedia por meio da oração que o monge à ajudasse a ter um bom parto, já que estava sozinha. Por meio da recordação de Francisca, Gasino também descreve as características físicas do monge:

Era um homem de idade, tinha barba branca e longa, e trazia o cabelo comprido preso no chapéu de pele de jaguatirica. Usava sandálias de couro e um longo colar de contas cheio de sementes em volta do pescoço, caindo por sobre o surrado paletó de lã xadrez. Mas o que Francisca nunca esquecerera era o olhar de extrema bondade e compreensão do velhinho – um santinho – dizia sempre a mãe quando contava a visita para os outros (GASINO, 2011, p. 24).

A nítida memória de Zica a respeito da aparência física e das ações de João Maria, nos faz compreender a forma pela qual este e os demais monges foram importantes e influentes para os sertanejos e, em algumas regiões, continuam sendo ainda na contemporaneidade. Baseando-se nessa descrição do monge João Maria realizada por Gasino e da lembrança de Zica a respeito de sua visita, Paulo Pinheiro Machado afirma:

Era comum o monge peregrino parar ao largo das casas, normalmente ficava abaixo de uma árvore, dormindo ao relento. Não comia carne, só frutas, verduras e leite. Em suas andanças, levava um cajado, vestia roupas de riscado simples e usava um boné de pele de jaguatirica (MACHADO, 2001, p. 150).

Retomando a história brevemente mencionada anteriormente, cabe salientar que a fé no monge era tão grande que, ao adormecer, Francisca recebeu sua visita em sonho, e esta é uma das partes mais místicas do romance histórico de Gasino, pois, como já mencionado anteriormente, o monge a aconselha a fazer um procedimento macabro para salvar os seus meninos, que são os protagonistas do romance:

– Quando o terceiro fió nascer, vancê vai ter que abrir o peito dele e cortar o coraçãozinho dele em duas partes. Premera fica cum ele e a segunda vancê vai ter que por no lugar do coração do segundo fió, que sem isso há de morrer já no passar de argumas hora. O coração que vancê tirar do fió roxinho, vancê vai ter que cortar tamém no meio e metade enterrar debaixo do pinheiro mais arto que encontrar e a outra metade jogar numa cachuera (GASINO, 2011, p. 25).

Este é apenas um trecho de todo o procedimento – que é bastante minucioso – que o monge indica à Francisca, mas por meio dele já podemos sugerir que Gasino investiu no misticismo e na tentativa de demonstrar ao leitor a influência dos monges sobre as populações sertanejas. Essas hipóteses se confirmam na medida em que, no dia seguinte, Francisca seguiu as orientações do monge – mesmo sabendo que aquela aparição pudesse ser apenas alucinações causadas pela dor do parto, podendo assim matar seus filhos – mas ela tinha fé em João Maria e, até o momento, tudo tinha ocorrido como ele havia dito. Portanto, deixando a fé superar o medo de perder os filhos, Francisca o fez e, dessa forma, salvou os gêmeos Miguel e Gabriel.

Como visto, a participação de João Maria no romance histórico de Gasino se dá por meio do imaginário dos personagens, especificadamente da personagem Francisca. Já José Maria, que esteve presente na região contestada no período em que o autor escolhe descrever em sua obra, está presente no enredo e convive fisicamente com os sertanejos. De acordo com Gasino, o prestígio do novo monge foi aumentando mais a cada dia e os sertanejos “acreditavam que o único real sucessor do monge João Maria era José Maria e que ele marcaria o fim desse período ruim para os birivas⁴²” (2011, p. 89):

José Maria tinha percorrido várias cidades no interior do Paraná, na região de Palmas e de Santa Catarina, principalmente nas proximidades de Lages. Tinha se estabelecido em Campos Novos, onde atendia doentes e receitava remédios naturais, sem aceitar pagamento. As autoridades locais o respeitavam e ele não era considerado um indivíduo perigoso. Nos campos de Taquaruçu, bem como em várias outras localidades do interior, o nome de José Maria se confundia com a mística do monge João Maria, gerando rumores que falavam de um novo líder religioso que viria para curar os doentes e defender os sertanejos da opressão, restabelecendo a monarquia (GASINO, 2011, p. 86-87).

Como visto na citação acima, Gasino não faz críticas à José Maria, apenas menciona os lugares por onde passou e as ações realizadas por ele, demonstrando ser um homem bom que, dedicado a curar as doenças do corpo e da alma, cada dia atraía mais pessoas a sua volta.

Apesar de não problematizar a figura do monge, notamos que o romancista traz algumas reflexões – mesmo que de forma indireta – a respeito de possíveis estratégias utilizadas por José

⁴² Aquele que vive no campo ou na roça.

Maria para obter tamanha notoriedade. Para compreender melhor essa questão, torna-se oportuno mencionar um trecho do texto de Kunrath, que se dedicou a escrever sobre disso.

Seu conhecimento de ervas medicinais lhe garantia a capacidade de cura dos males corporais, e na medida em que ia sendo identificado como monge, também passava ter a capacidade dos cuidados espirituais. Soma-se a essa circunstância a confiança que passou a ter da população vizinha, principalmente após ter conseguido curar a esposa de Francisco de Almeida. Esse, visando retribuir os serviços prestados pelo monge, teria lhe oferecido dinheiro, o que foi recusado. É plausível supor que ambas as ações lhe asseguraram credibilidade entre uma parcela da população local. Não aceitar dinheiro o aproximava da mística dos monges e curar a esposa de uma pessoa com relativo destaque social pode ter garantido a confiabilidade de seus conhecimentos medicinais naquela sociedade, preenchendo parcialmente a lacuna deixada por São João Maria (KUNRATH, 2023, p.110).

Portanto, levando em conta as ações mencionadas em ambos os trechos acima citados, ainda podemos considerar que “foi graças a uma longa tradição de práticas de cura, conselhos e normas instituídas pelos monges que ele foi associado a João Maria. [...] José Maria passou a desfrutar a fama de ótimo curandeiro, sendo procurado por pessoas de todas as classes sociais” (KUNRATH, 2023, p.110).

De acordo com as informações trazidas por Gasino, na organização dos redutos, José Maria sempre aconselhava os sertanejos a conviverem em irmandade, afirmando que “todos deviam dividir o que podiam pra que ninguém passasse necessidade” (2011, p. 89). Na representação que Gasino promove do monge, a linguagem é importante para distinguir o líder sertanejo:

– Quem tem mói. Quem num tem também mói e no fim todos ficam inguar – dizia o monge – lembrando que cada um era responsável pelos seus “teres, haveres e dinheiros”, mas que cada um devia ajudar o próximo da forma como pudesse.
Ele também pregava respeito à terra e a boa-vontade entre todos, seguindo os preceitos da Bíblia, que ele dizia ser conhecimento divino.
– Onde tem amor e sabedoria, num tem medo nem ignorância. Onde tem paciência e humildade num tem ira nem perturbação (GASINO, 2011, p. 90).

O romancista aponta que o amor, a paciência e a humildade eram as práticas recomendadas pelo monge no âmbito dos redutos, para que todos convivessem bem. Novamente, é possível perceber a ausência de críticas ao líder religioso, na medida em que o autor prefere investir sua escrita na demonstração da relevância que ele (o monge) exercia entre os sertanejos pregando a paz. Além disso, Gasino explica que além das curas, tinha outra questão que aproximava os sertanejos dos monges:

Os sertanejos devotos dos monges se consideravam católicos apostólicos romanos e viam nas palavras dos seus líderes a mesma mensagem da Igreja, mas transmitida numa linguagem que eles podiam compreender. O Deus dos monges estava muito mais próximo e falava diretamente com o povo, ao contrário do que acontecia com Aquele que era monopolizado pelos padres. (GASINO, 2011, p. 101).

Ou seja, os monges lhes traziam a cura por meio das ervas, a esperança de dias melhores, a palavra de Deus de forma simples e clara, eles viviam em meio aos sertanejos, participavam da mesma comunidade, onde repartiam tudo o que tinham e reuniam-se para fazer festas e rezas, tudo isso fazendo uso de uma linguagem popular, sem a erudição oficial dos padres. Gasino demonstra, portanto, que a humildade dos monges, o fato de estarem no mesmo ambiente e falarem de forma simples conquistava os fiéis.

De acordo com o que Gasino demonstra por meio de seu romance e através do que podemos perceber também pela historiografia, depois da morte de José Maria – que foi o último monge –, os sertanejos tiveram a necessidade de substituí-lo por outros líderes religiosos, os quais, de acordo com o que acreditavam, passaram a ser os interlocutores do monge na terra.

2.4 – Sobre outras lideranças religiosas e seus protagonismos

Para escrever a respeito das lideranças religiosas do Contestado vindas após a morte de José Maria, Gasino se serviu dos textos de Paulo Pinheiro Machado – como o próprio romancista afirmou no prólogo –, especialmente da sua tese de doutorado (2001), na qual o historiador dedica um espaço a essa questão.

A primeira líder mencionada por Gasino foi Teodora, “uma menina de onze anos, que morava em São Sebastião das Perdizes [...], revelou ter visões em que o monge José Maria falava com ela”. A menina “era neta de Eusébio Ferreira dos Santos, uma importante liderança local [...]. As visões da virgem Teodora confirmavam as previsões da volta do monge e pediam aos sertanejos que se organizassem para esse grande retorno” (GASINO, 2011, p. 100). A respeito dessa liderança, de acordo com Machado:

Em depoimento a Maurício Vinhas de Queiroz, Teodora reconheceu que suas “visões” não passavam de invenções de seu avô e dos mais velhos para dirigir o grupo conforme suas idéias. Segundo Vinhas de Queiroz, o recurso a uma criança para ter acesso ao monge se devia ao fato de Eusébio afirmar que o monge não aparecia para os adultos que “não mereciam”, mas apareceria para

“meninas novas, virgens” que teriam a “graça” do contato com José Maria (MACHADO, 2001, p. 197).

Machado faz entender que desde o início do movimento já havia a presença de interesses e a busca pela liderança do grupo. Gasino, porém, não problematiza essa questão, apenas cita os líderes e suas principais ações. O autor afirma que em pouco tempo Teodora perdeu a liderança, abrindo espaço para um novo líder que, não coincidentemente – de acordo com as informações trazidas acima por Machado –, também fazia parte da família de Eusébio:

A liderança de Teodora não demorou muito e suas visões rareavam. Ela estava perdendo o “aço” como diziam os sertanejos. Teodora acabou sendo substituída por seu tio Manoel, de dezoito anos, que passou a liderar então o grupo, sempre sob a orientação de seus pais, Eusébio e Querubina. Uma das medidas tomadas pela nova organização, levando em conta os conflitos do passado, foi preparar a defesa do reduto. Surgiam aí os Pares de França, grupo inspirado nos cavaleiros de Carlos Magno, imperador Franco considerado um dos maiores defensores do cristianismo na Europa. [...] Nessa época, Manoel, que era chamado de menino-deus, instituiu as formas de toda a população do reduto, que eram formações em fila feitas duas vezes ao dia para que fossem realizadas orações em grupo e fossem passadas ordens e instruções. [...] Outra regra implantada por Manoel foi o corte de cabelo bem curto, o que passou a caracterizar os sertanejos como “pelados”, em contraponto aos “peludos”, que era os soldados do governo e os jagunços dos coronéis (GASINO, 2011, p. 100-101).

De acordo com este trecho, o novo líder do reduto de Taquaruçu, que “passou a declarar que conversava com José Maria na mata” (2001, p. 198), tomou algumas atitudes que ficaram marcadas como características dos sertanejos do Contestado. A respeito da formação dos Pares de França – que foi uma das ações mais marcantes do menino-Deus –, mencionados por Gasino, Machado afirma que:

As notícias de que o Cel. Albuquerque tinha novamente chamado a polícia, e de que havia uma aproximação de tropas do exército pela linha de trem, devem ter convencido Manoel e os velhos líderes da necessidade de armar os caboclos e prepará-los para a defesa de sua “Cidade Santa”. Muito possivelmente nesse momento é que foi formado o grupo de elite dos “Pares de França”. A guarda dos “Pares de França”, inspirada no livro da história de Carlos Magno, reunia os combatentes mais fervorosos e preparados para o confronto militar (MACHADO, 2001, p. 198-199).

Porém, apesar de suas ações terem sido notáveis, “pouco depois de 10 dias Manoel foi retirado do comando e surrado publicamente com vara de marmelo por ser sobrinho de 11 anos, Joaquim, o novo Menino-Deus” (2001, p. 203). A justificativa para isso, segundo Gasino, é que

“o rapaz disse ter recebido num sonho a mensagem de que deveria dormir com duas virgens e os caboclos, de visão muito conservadora, não receberam bem a mensagem” (2011, p. 102).

Joaquim era o novo líder e, “apesar da pequena idade, foi quem dirigiu a resistência do reduto quando do primeiro ataque a Taquaruçu, e 29 de dezembro de 1913” (2001, p. 218). No entanto, Gasino afirma que “o massacre de Taquaruçu abalou a liderança do menino-deus Joaquim, que já vinha perdendo a força desde que Eusébio fora baleado na perna e não conseguia mais estar tão presente no conselho sertanejo quanto antes” (2011, p. 141). Uma das últimas ordens dadas por Joaquim, em janeiro de 1914, foi a mudança do reduto para Caraguatá, “afirmando que na próxima investida do exército não haveria salvação. [...] O reduto de Caraguatá formou-se em torno da liderança da virgem Maria Rosa” (2001, p. 221). A respeito das lideranças supervisionadas por Eusébio, Machado salienta:

As lideranças de Teodora, Manoel e Joaquim não centravam-se apenas em suas anunciadas capacidades mediúnicas e sagradas. O poder destes jovens era respeitado, principalmente, porque sua autoridade era bancada pelo patriarca Eusébio Ferreira dos Santos e sua esposa Querubina. [...] Além do sério ferimento da perna, a liderança de Eusébio vai aos poucos desgastando-se tanto pela inconstância das lideranças que o mesmo engendra, como pela crescente população que aflui ao reduto. Há claros sinais de desgaste da liderança de Eusébio devido a rápida perda de “aço” dos jovens que nomeara como comandantes (MACHADO, 2001, p. 220-221).

Mais uma vez cabe mencionar a ausência de problematizações de Gasino a esse respeito. Apesar de o autor mencionar que todos os três líderes religiosos acima citados tinham parentesco com Eusébio Ferreira, o romancista poderia trazer aos seus leitores a crítica realizada por Machado, que deixa evidente o fato de que havia interesses por trás da suposta religiosidade desses jovens. Apesar de ter alcançado certa credibilidade, o fato de os jovens líderes terem perdido o “aço” muito rapidamente, como salienta Machado, fez com que Eusébio perdesse os créditos com os sertanejos, abrindo espaço para a liderança de Maria Rosa:

Filha de Eliasinho da Serra, Maria Rosa tinha apenas 16 anos mas desde que começou a ser aclamada mostrou ter grande carisma e um espírito de liderança incomum. Era muito bonita, vestia-se sempre de branco, montando sobre um cavado também de cor alva. Quando queria conversar com o monge ia para um quarto escuro, onde segundo os que a viram, sofria transfigurações. Sua liderança logo foi reconhecida por todos, o que provocou ciúmes entre os chefes mais antigos, como Eusébio, Querubina e Chico Ventura, que perderam parte de seu poder no conselho. [...] A nova virgem comandante também atendia doentes, dava conselhos, receitava ervas e, segundo muitos, fazia milagres, o que atraía gente de toda a região. Nas consultas que dava, Maria Rosa insistia que as pessoas precisavam mudar seus comportamentos para curar suas doenças, que o melhor remédio era ouvir o coração e ser mais

flexível na vida, como faz a água quando enfrenta os obstáculos à sua frente. Lembra que todos nós nascemos flexíveis como bebês e morremos rígidos como cadáveres, porque vamos nos tornando cada vez mais cheios de ideias que nos são impostas de fora e de “jeitos de viver” que adquirimos dos outros. (GASINO, 2011, p. 141).

Na representação de Gasino, aponta para o sucesso de Maria Rosa na liderança do reduto, tendo sido a maior líder religiosa depois da morte de José Maria. Porém, o romancista também destaca que a virgem despertou ciúmes nos demais chefes, que acabaram perdendo um pouco do prestígio depois de sua ascendência. Nesse sentido, mesmo de forma sucinta, o autor ressalta que nos redutos, desde o início do movimento, havia disputas pelo poder.

Além disso, é interessante compreender que Maria Rosa tinha maior prestígio entre “mulheres, crianças, idosos e doentes que já haviam testemunhado o horror de Taquaruçu e não desejavam a guerra. Para as lideranças guerreiras e para muitos homens, no entanto, o ataque havia sido uma ação covarde do governo, que precisava ser vingada” (2011, p. 146). Tendo isso em vista, é importante inteirar-se de que, de acordo com Delmir José Valentini:

Outras pessoas importantes em Caraguatá foram o fazendeiro Elias Antônio de Moraes, juiz de paz do distrito de São Sebastião das Perdizes Grandes e major da Guarda Nacional e sua esposa Adúlcia de Moraes, que tinha muita liderança entre os sertanejos. Amigo de Eusébio, Elias era muito estimado pelos moradores das Perdizes. Passou a ocupar papel de destaque no reduto de Caraguatá e foi convidado para ser comandante (VALENTINI, 2023, p. 232).

Dessa forma, com a presença de outras autoridades no reduto, a liderança de Maria Rosa foi se enfraquecendo, pois dentre os sertanejos havia “aqueles que preferiam a reza e aqueles que preferiam o facão” (2011, p. 147). Nesse sentido, a virgem “preferia confiar na fé, preocupando-se mais em organizar as defesas dos redutos” (2011, p. 146). Além disso, na representação de Gasino:

A vinda de Elias de Moraes reforçou esse grupo que defendia uma postura mais agressiva do movimento, recorrendo às armas para atacar e conquistar novos territórios, e fazer valer suas reivindicações. [...] Com o passar dos meses, o grupo mais belicoso, que agora era encabeçado por Elias de Moraes, ganhava força entre os homens e procurava explorar os momentos em que havia escassez de víveres para tentar convencer o concelho da necessidade de atacar propriedades para roubar animais e mantimentos (GASINO, 2011, p. 146).

Porém, tendo em vista a necessidade de manter um líder religioso para atender os sertanejos e, ao mesmo tempo “retirar parte do poder de Maria Rosa, o grupo de Elias passou a

ouvir o novo menino deus Linhares, de 10 anos. [...] Linhares era um menino preto muito simpático e inteligente, e atraiu muitos devotos para o lado de Elias de Moraes”. Além disso, “a notícia de que Maria Rosa desejava uma negociação de paz foi divulgada internamente por essas lideranças como uma intenção de traição e fraqueza. A última virgem guerreira do Contestado começava a perder o seu aço” (GASINO, 2011, p. 148).

Assim, por meio desses trechos do romance de Gasino, podemos perceber a disputa pela autoridade nos redutos, que está relacionada também com os interesses pessoais de determinados indivíduos, para os quais não era conveniente uma negociação de paz, como visto acima. Através dessas representações, podemos compreender também quais são as identidades que Gasino quer atribuir aos líderes religiosos do movimento, demonstrando que muitas dessas lideranças foram arrançadas. Ou seja, Gasino demonstra que os grupos que possuíam interesses individuais no reduto, utilizavam da fé dos sertanejos – elegendo líderes religiosos – para os manipular.

Conforme iam ocorrendo mudanças na liderança dos redutos, o movimento sertanejo também foi se modificando. A religiosidade foi ficando em segundo plano, pois “o grupo de Elias de Moraes conseguiu afastar a virgem da liderança do movimento, aclamando Chiquinho Alonso como novo comandante em chefe” (2011, p. 157). A partir daí:

O conselho resolveu adotar uma estratégia mais agressiva, enviando pequenos piquetes para saquear propriedades de quem apoiasse o governo ou ficasse neutro. As volantes sertanejas fechavam estradas, atacavam pequenas propriedades e comerciantes, roubando animais e mercadorias para levar para os redutos. [...] A profusão desses grupos mudou a estratégia dos sertanejos, que passaram da defesa para o ataque, tomando de assalto propriedades estações ferroviárias e unidades madeireiras da Lumber (GASINO, 2011, p. 157).

Podemos notar que até o momento da chefia de Alonso, mesmo antes do fim da guerra, há uma grande diferença de personalidades e de identidades à frente dos sertanejos do Contestado. De acordo com a escrita de Gasino, depois do falecimento de José Maria, uma das lideranças que mais atendeu aos objetivos iniciais do movimento foi a virgem Maria Rosa, porém, por não atender aos interesses de alguns sujeitos envolvidos, ela foi afastada. Novamente o autor demonstra a presença de interesses de um certo grupo em meio ao conflito. Interesses esses que vão além – ou contra – os propósitos iniciais, que motivaram a reunião dos sertanejos.

Para encerrar nossos apontamentos em torno das representações de Gasino a respeito dos líderes do movimento sertanejo, cabe citar ainda o último, que também é considerado um

dos mais expressivos: Adeodato. De acordo com Valentini (2023, p.234), “o comandante geral Francisco Alonso foi morto no combate de Rio das Antas, no dia 1º de novembro de 1914. Seu posto foi ocupado por Adeodato Manoel Ramos, comandante que conduziu o movimento até o final”. Gasino também explica como ocorreu a ascensão de Adeodato ao poder e ainda realiza uma descrição do novo líder:

Elias de Moraes propôs o nome do homem de maior confiança de Chiquinho Alonso para sucedê-lo. Era um jovem negro tropeiro de apenas 27 anos, analfabeto, com pouca experiência de batalha e poucos meses de vida em redutos. Mas tinha uma personalidade forte, era corajoso e determinado, e impunha-se aos demais com uma autoridade natural. Seu nome: Joaquim Leodato, também conhecido como Deodato, ou pelo nome que faria muitos, dos dois lados do conflito, tremerem dali em diante: Adeodato (GASINO, 2011, p. 169).

No trecho acima citado, Gasino já deixa dicas a respeito da personalidade de Adeodato que, segundo o romancista, “faria muitos tremerem dali em diante”. O jovem líder “havia sido tropeiro e domador de cavalos desde os 13 anos. Juntara-se há poucos meses ao piquete de Chiquinho Alonso e chamara a atenção do comandante pela coragem, pela precisão na pontaria e pela visão estratégica durante as batalhas” (GASINO, 2011 p. 170). Além disso, investindo ainda mais na descrição de Adeodato, Gasino afirma que:

Seus olhos claros gateados brilhavam em contraste com a tez escura. Era forte, elegante e tinha um aspecto selvagem, algo de indomado, como os cavalos que ele costumava amansar nas épocas de peão. Tinha também um impressionante ar de touro furioso, quase enlouquecido, que anunciava que nada em seu caminho impediria que ele alcançasse o seu objetivo. Nada, nem ninguém. (GASINO, 2011, p. 171).

As características trazidas por Gasino revelam um homem de personalidade forte e uma identidade única, negro e tropeiro, mostrando-se ainda mais distinto dos primeiros líderes do movimento. O novo líder era extremamente rígido e, segundo Valentini (2023, p. 236), ele “passou a controlar a situação praticamente sozinho e seu poder se tornou incontestável”. Ademais:

Suas ordens eram cegamente executadas e ele passou a perseguir quem tendesse a se entregar. Sem ordens de Adeodato ninguém se afastava do reduto. Os vacilantes que arriscassem a deserção corriam sérios riscos. Se alguém quisesse caçar, recolher pinhões ou procurar mel, era também necessária a ordem de Adeodato (VALENTINI, 2023, p. 236).

Por fim, com o intuito de confirmar a tirania de Adeodato descrita acima por Valentini, cabe mencionar que Gasino também se dedica a escrever a esse respeito. Além disso, ao compreender a forma pela qual Adeodato governou o reduto, também é possível visualizar, mesmo que brevemente, a brutalidade na qual os sertanejos foram expostos até o fim do movimento:

Começava então o período mais terrível da resistência sertaneja, um verdadeiro reinado de terror com a mão forte de Adeodato perseguindo todos aqueles que demonstravam alguma intenção de deixar os redutos. A delação de possíveis traidores, mesmo entre as próprias famílias, era constante e muitos deles eram punidos com duros castigos e até com a morte. O paraíso na terra prometido por José Maria havia se transformado no próprio inferno dos homens. E Adeodato, ele próprio, unia em si os dois papéis, o de messias a carregar a cruz desse mundo nas costas, e o de demônio cruel encarregado de punir os pecadores (GASINO, 2011, p. 196).

Na representação de Gasino é possível, ainda, compreender a forma pela qual o movimento do Contestado se desvirtuou. O que era para ser o refúgio, a esperança e a salvação para muitos sujeitos, por fim, virara um grande pesadelo nas mãos de Adeodato e de outros líderes que acabaram fazendo com que as ideias iniciais do movimento se persuadissem, ficando cada vez mais distantes. Porém, apesar desse fato não modificar a forma com que as coisas ocorreram, após o fim da Guerra do Contestado e da resistência sertaneja, Adeodato também teve o seu fim. Ele “se entregou em agosto de 1916, foi julgado e condenado a 30 anos de prisão. Em 1923, foi morto na penitenciária da capital” (VALENTINI, 2023, p. 236-237).

Enfim, cabe mencionar que Gasino dedica especial atenção aos líderes sertanejos em seu romance histórico. Como visto nos parágrafos acima, confirmando as informações trazidas pelo autor por meio da historiografia, o romancista citou todos os líderes – do lado sertanejo – que passaram pelo movimento do Contestado, descrevendo suas características físicas e identitárias, bem como suas principais atitudes tomadas, e ordens dadas, no âmbito do comando sertanejo. A partir disso, consideramos importante mencionar novamente que, apesar de não empreender uma crítica profunda, o autor não deixa de destacar os conflitos internos que existiram nos redutos, principalmente ocasionados pelas disputas por autoridade.

2.5 – A crítica a história oficial – O caso do Capitão Matos Costa

Outro personagem de destaque no romance histórico de Gasino é o capitão Matos Costa⁴³ que, de acordo com Felipe Veber (2023), “a partir de maio de 1914 [...] tornou-se o responsável por comandar a campanha contra os sertanejos, permanecendo no comando até o momento de sua morte, em setembro do mesmo ano” (VEBER, 2023, p.191). Portanto, trata-se de um personagem histórico que, de fato, participou da Guerra do Contestado.

Na representação de Gasino (2011, p.107), o personagem Matos Costa afirma que “a rebelião dos caboclos é um duplo produto da violência que revolta e da ignorância que não sabe outro meio de defender o seu direito”. Portanto, prevendo que poderia ocorrer um “desastroso genocídio”, o oficial buscava meios de negociar com os sertanejos e, “para isso, vinha planejando realizar expedições incógnitas pelo sertão para identificar melhor o problema e traçar uma estratégia de pacificação que evitasse a generalização do conflito” (GASINO, 2011, p. 105). Dessa forma, o autor, na sua representação, busca detalhar qual era a opinião de Matos Costa sobre o movimento do Contestado:

O grupo era completado pelo capitão Matos Costa, oficial experiente que dezesseis anos antes participara do cerco final a Canudos. Matos Costa tinha uma visão diferente das autoridades militares e políticas sobre o conflito sertanejo e buscava uma saída pacífica por meio da aproximação. No exército era visto com certa reserva pelos superiores por seus métodos não ortodoxos. Dizia frequentemente que a rebelião dos sertanejos era apenas um movimento de pequenos lavradores que haviam sido espoliados de suas terras, dos seus direitos, da sua segurança. Afirmava que o movimento seria desfeito com um pouco de instrução e o suficiente de justiça. Denunciava as autoridades locais, notadamente os coronéis, por seus desmandos e injustiças contra o povo simples da região (GASINO, 2011, p.107).

A falta de credibilidade dada pelos superiores de Matos Costa demonstra que Gasino não quer apenas atribuir uma representação a este capitão, mas também quer representar as forças oficiais do exército, que em sua grande maioria defendia o ataque e extermínio dos sertanejos como única solução para o fim da Guerra. Em contraposição, porém, está Matos Costa que, tomando como exemplo a Guerra de Canudos (1896-1897), buscava evitar o

⁴³ De acordo com Felipe Veber (2023), “O nome completo do capitão era João Teixeira Matos da Costa e tinha 39 anos no momento de sua morte. Matos Costa foi admitido no Exército em maio de 1889. Seu histórico é conturbado, contando com dificuldades nos exames, algumas prisões e repreensões por diversos motivos, mas contando também com elogios de seus superiores – e até mesmo do presidente da República. Suas atitudes variavam com o respeito que nutria por seus superiores (ou outros oficiais). Certamente sua personalidade era forte, talvez ácida e intrigante. [...] O capitão era experiente, veterano tanto de campanhas importantes, como a Federalista, quanto de expedições, como a do navio a vapor Satélite, que transportou os marinheiros sobreviventes da Revolta da Chibata para a região amazônica, tendo ordenado até mesmo execuções de marinheiros e trabalhadores. Em Canudos, o comandante recebeu louvores por sua bravura e sangue frio no assalto ao reduto central. [...] Ou seja, Matos Costa não possuía um perfil romântico ou sonhador, pois sua trajetória indica um oficial temido e até mesmo inflexível” (VEBER, 2023, p. 192-193).

massacre do Contestado. Nesse sentido, mesmo sem o apoio do exército, Matos Costa compreendia a causa sertaneja e buscava, de fato, um acordo pacífico. Portanto, uma de suas individualidades, de acordo com as representações de Gasino, é ser um sujeito benevolente e humanitário.

Enfatizando quais eram as ideias e interpretações de Matos Costa sobre o conflito do Contestado e destacando que estas não correspondiam às das autoridades militares, Gasino aponta de forma mais específica e detalhada, o que influenciou o capitão a refletir a respeito das motivações da resistência sertaneja e buscar a pacificação. De acordo com o autor:

As imagens da última batalha de Canudos, a tomada de Belo Monte em 1897, ainda incomodavam volta e meia o seu sono. Bem mais jovem na época, o então alferes Matos Costa tinha se destacado pela bravura e sangue-frio em combate, abrindo caminho para as tropas federais usando bombas de dinamite. Quando entrara na cidadela de Antonio Conselheiro tivera a certeza de que estava do lado certo na batalha do bem contra o mal, ajudando a derrotar um bando de fanáticos ignorantes fora da lei. Foi só depois de ver as pilhas de corpos mutilados deixados pela batalha que pode constatar que se tratava de gente humilde, oprimida e desassistida e que não tinha ou não conhecia outra opção senão aquela para lutar pelo que acreditava e pelo que necessitava. Não queria ver a tragédia do rio Vaza-Barris se repetir nos pinheirais do sul do Brasil e agora via nas negociações de paz uma chance de se redimir dos pecados do passado. Uma chance de provar a si mesmo o quanto amadurecera como homem desde o incidente no sertão baiano (GASINO, 2011, p.150)

Tendo em vista as informações trazidas no trecho acima, notamos que o autor caracteriza Matos Costa como um sujeito justo e compreensivo com a causa sertaneja, que estava buscando se redimir pelos erros cometidos no passado, em especial na Guerra de Canudos. Em vista disso, é importante compreender também as representações trazidas pela historiografia a respeito desse sujeito.

De acordo com a interpretação de Schneider (2019) – já mencionado neste capítulo –, ao demonstrar o protagonismo e o posicionamento de Matos Costa em relação ao conflito do Contestado, ele pretende fazer com que os leitores tenham:

consciência crítica para com as ações desproporcionais promovidas pelo Estado, em especial no caso de Canudos. Tenta, a partir da comparação com o que ocorreu no Nordeste, sensibilizar os leitores para a possibilidade de resolução do conflito por meio da paz, do diálogo, como prova de civilização do Estado (SCHNEIDER, 2019, p. 341).

Nesse sentido, conforme indica Veber, o oficial “acreditava que a distribuição de terras e o controle do Exército na política local poderia apaziguar o atrito existente na região, que a

violência contra o povo não era a melhor solução, pois eles seriam “ignorantes” e controlados pelos mandões locais” (2023, p. 192). Veber ainda salienta as estratégias que vinham sendo utilizadas pelo capitão na tentativa de negociação com os sertanejos, antes de sua morte.

O capitão tinha suas artimanhas. Perambulou pela região contestada disfarçado de vendedor ambulante, às vezes acompanhado de um mágico, para impressionar os caboclos, visitando os redutos. Teria, em dado momento, até mesmo dialogado com Elias e Maria Rosa, que até então estavam no poder, para negociar e procurar uma solução pacífica para os conflitos existentes na região contestada (VEBER, 2023, p. 193-194).

Porém, apesar da proposta de acordo agradar algumas autoridades do reduto – como Maria Rosa –, nem todos ficaram contentes com a ideia, pois “em 05 de setembro de 1914, durante o ataque dos sertanejos à estação ferroviária de Calmon da EFSPRG⁴⁴, Matos Costa morreu ao trocar tiros com os sertanejos” (VEBER, 2023, p. 192). De acordo com a descrição de Gasino:

Venuto Baiano, que via em Matos Costa uma ameaça por tentar negociar a rendição do movimento, deu ordens para que o capitão fosse morto. Perseguido pelos caboclos, ficou isolado com dois sargentos, tentando defender-se numa trincheira improvisada. [...] Os três ainda resistiram por um bom tempo, até que a munição acabou. Enquanto o fogo lambia milhares e milhares de metros cúbicos de pinheiros transformados em tábuas pela Lumber, o capitão Matos Costa e os dois sargentos foram fuzilados pelos homens de Venuto Baiano (GASINO, 2011, p. 159).

Tendo conhecimento do desfecho do movimento do Contestado, podemos afirmar que juntamente com a morte de Matos Costa foi dizimada a esperança dos sertanejos em realizar um acordo com as forças oficiais e terminar o conflito de forma pacífica. Este oficial é um dos indivíduos mais lembrados ao falar sobre a Guerra do Contestado e Gasino não deixa seu protagonismo no conflito passar despercebido. Como já mencionado, o romancista descreve Matos Costa como sendo um homem íntegro e preocupado com a causa sertaneja. Dessa forma, o autor demonstra que além de haver diferenças de perspectiva e de identidade entre os sertanejos, havia também distinções entre os oficiais do Estado.

2.6 – O misticismo sertanejo e sua representação em personagens ficcionais

Depois de mencionar vários personagens oficiais da História do Contestado, cabe analisar os protagonistas principais do romance histórico de Gasino, que são personagens

⁴⁴ Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

fictícios: Gabriel e Miguel. Eles são irmãos gêmeos e possuem personalidade totalmente opostas. “Enquanto Gabriel era mais carinhoso, mais afetivo e próximo da mãe e da irmã, Miguel era mais racional, não gostava de muita proximidade e passava horas sozinho, sentado no mato, pensando” (GASINO, 2011, p. 32).

O romance gira em torno desses dois personagens, que representam também os dois lados da Guerra do Contestado, como poderemos compreender nos parágrafos que seguem. Gasino dedica especial atenção à trama que envolve os irmãos gêmeos, suas trajetórias e personalidades que, como já mencionado, eram extremamente distintas:

Miguel não gostava da terra como o irmão e tinha até um certo desprezo por Gabriel, a quem considerava lento e estúpido em alguns momentos. Cuidava mais da criação, gostava de caçar com a velha espingarda que ganhara do padrinho e aprendera rápido as poucas lições sobre o alfabeto e os números que a mãe pudera lhe dar. Gabriel, alguns segundos mais novo, tratava o outro como se fosse muito mais velho do que ele. Tinha grande admiração por Miguel e reagia fazendo graça quando ele o insultava. Gostava das plantas e dos bichos da mata e gostava, sobretudo, de conversar muito, ouvindo as histórias da mãe ou de alguma tia que às vezes os vinha visitar (GASINO, 2011, p. 32).

Depois do falecimento do marido (Manoel), devido às dificuldades financeiras, Francisca – mãe de Miguel e Gabriel – voltou para a casa dos pais com Amata, sua filha mais velha, e deixou Miguel e Gabriel com seus respectivos padrinhos (GASINO, 2011, p. 40). Dessa forma, os irmãos cresceram longe um do outro e desenvolveram habilidades que condiziam com sua personalidade. A respeito de Gabriel, Gasino destaca:

Foi na fazenda do padrinho Pedro Zeferino que Gabriel aprendeu deveras sobre as coisas da terra. Aprendeu a plantar conforme as estações e a colher segundo o amadurecimento das plantas. [...] Gabriel tinha um talento nato para lidar com a terra e ajudava muito o padrinho, os funcionários da fazenda, os colonos que meavam as terras da região e os posseiros que viviam no entorno. [...] Também se interessava pelos bichos, seu crescimento e os mistérios da sua multiplicação. Não gostava de carne e por isso preferia trabalhar na criação das galinhas poedeiras e das vacas leiteiras. Gostava de cuidar dos cavalos e bois usando como ajudantes na lavoura e apreciava muito os animais de estimação das casas (GASINO, 2011, p. 41).

Assim como os sertanejos do Contestado, Gabriel, na representação construída por Gasino, aprendeu a valorizar – ainda mais – a terra. Ele era apegado à natureza, vivendo em meio às plantas e animais. Porém, “nada fascinava tanto Gabriel quanto Maria Clara. Ele nunca esqueceu o dia em que a conheceu, quando tinha pouco mais do que quinze anos, quase a mesma

idade que ela” (2011, p. 42). Ao mesmo tempo, Miguel também desenvolveu suas competências:

Na casa de comércio do compadre Pedro Ananias, Miguel também aprendeu inúmeras coisas. Sabia fazer contas como ninguém, controlava preços e estoques e, desde os quatorze anos, o padrinho já o deixava cuidando da loja. Aos dezesseis anos era ele quem negociava com os fornecedores de pano, pólvora, chumbo e sal, e praticamente comandava o negócio. Miguel também estudara e era reconhecido por todos na região como um rapaz muito inteligente. [...] Porém, apesar de todos os seus esforços e dos bons negócios que fazia no comércio, as finanças da família do padrinho iam muito mal. O padrinho, a mulher e os filhos eram muito gastadores [...]. De uma hora para a outra, a família se viu na rua e sem ter para onde ir (GASINO, 2011, p. 44).

A vida de Miguel passou por uma mudança mais acentuada, considerando que ele saiu da roça para viver na cidade. Gasino demonstra no trecho acima que Miguel era muito talentoso e, mesmo tendo perdido o trabalho, “era conhecido na cidade como moço trabalhador e logo encontrou emprego numa outra casa de comércio” (2011, p. 45). Ao contrário do irmão, que logo se encantara por Maria Clara, Miguel não se apaixonava facilmente, apesar de chamar muita atenção:

Era um rapaz bonito e conhecido pelas famílias do Porto como moço inteligente, trabalhador e de futuro. Dançou com muitas moças que demonstravam interesse por ele, cortejou algumas, chegou a trocar cartas, pegar na mão e até frequentar a casa de umas poucas. Mas nenhuma lhe despertava a atenção em especial. Sentia um certo prazer de brincar com elas, de ver como ela se deixavam arrastar pelas emoções, apaixonavam-se, fantasiavam, faziam planos de forma tola e inconsequente. Eram movidas pelo coração, pelos impulsos, pelo instinto animal, que ele sobretudo desprezava. Ele ria por dentro dessa entrega, dessa devoção delas ao amor romântico (GASINO, 2011, P. 63).

Para ele, portanto, essa questão era simples e prática, pois considerava ser possível controlar suas emoções. Gasino destaca que a lógica defendida por Miguel consiste em colocar a razão à frente das emoções, como podemos verificar no trecho a seguir:

A razão deveria sempre estar atenta, pronta a defender-se contra a invasão inoportuna e infantil das emoções. Devia rechaçar toda e qualquer tentação, por menor que fosse, de dar vazão a sentimentos sem que antes eles fossem totalmente avaliados, pesados, reconhecidos, contabilizados, aprovados e registrados como as mercadorias no armazém do porto (GASINO, 2011, p. 64).

Em contrapartida, enquanto o irmão era frio e calculista, sem deixar-se levar pelas emoções, Gabriel, apaixonado, “sentia-se como se fosse Adão e como se Maria Clara fosse a sua Eva. E assim como Adão e Eva, o único pecado que os dois realmente carregavam era o da inocência” (2011, p.78). Dessa forma, é possível observar que Gasino representa por meio de Gabriel a religiosidade sertaneja, na medida em que os próprios personagens se comparam com figuras religiosas. Além disso, o autor também aponta para a inocência do casal, apresentando os sertanejos como sujeitos ingênuos, inocentes.

Apesar da segurança com que Miguel via o mundo e controlava seus sentimentos, o romancista prepara para este personagem uma reviravolta. Em decorrência da crise gerada pelo período conturbado vivenciado na região com os conflitos do Contestado, marcado por “desmandos, abusos de autoridade, apreensões de mercadorias, sobretaxas e até o ataque armado a postos fiscais do Paraná”, Miguel acabou sendo demitido (GASINO, 2011, p. 103). Porém, não era somente a perda do emprego que o perturbava:

Seu mundo perfeito e pré-traçado parecia ameaçado diante daquele vulcão emocional que agitava toda a região. [...] Miguel se sentia perdido em meio a esse terremoto político e se tornava cada vez mais difícil para ele evitar os próprios questionamentos sobre o que movia cada um dos lados do conflito. Mais do que isso, os questionamentos iam e vinham revolvendo suas convicções de um mundo matemático e absolutamente desprovido de paixões (GASINO, 2011, p. 103).

Notamos que, sensibilizado pelos acontecimentos políticos da região – que são consequências da Guerra do Contestado –, Miguel enfrenta uma crise de identidade, pois passa a se importar e a questionar coisas que antes, para ele, não eram importantes. Gasino afirma que “os questionamentos percorriam sua consciência devassando tudo o que fizera até ali, sua conduta com as mulheres, com a família, com os amigos, sua postura diante da vida e do que estava além dela” (GASINO, 2011, p. 104).

Nesse período em que Miguel se sentia confuso em relação aos seus sentimentos, conheceu o capitão Matos Costa e aceitou o seu convite para participar de expedições no “sertão”, com o intuito de conhecer a causa sertaneja (2011, p. 105). Essa experiência fez com que Miguel passasse a observar a natureza com carinho, pois percebeu que ela lhe transmitia paz diante dos pensamentos que lhe atormentavam:

Durante os dias de viagem, Miguel prestava cada vez mais atenção à paisagem de campos e pinheiras que eles atravessavam. Era como se naqueles dias de cavalgada Miguel entrasse cada vez mais em si mesmo e a calma que a

natureza lhe proporcionava aplacasse a ansiedade dos questionamentos que nos últimos tempos o atormentavam (GASINO, 2011, p. 115-116).

Depois do término da viagem, todos retornaram às suas casas e, dias depois, “Miguel ficou muito abalado com a notícia da morte de Matos Costa” (2011, p. 161), homem que “em pouco tempo se tornou uma espécie de ídolo para ele. Um exemplo de coragem e caráter, como Miguel gostaria que seu pai tivesse sido” (2011, p. 116). Assim, “aquilo e a ameaça crescente de ataques por parte dos sertanejos, fizeram com que ele e Tarazs decidissem se alistar. [...] Os dois moços, sem treinamento militar, acabaram designados pelo comando do Exército para operações locais, ficando no Porto (2011, p.161).

Quanto à Gabriel, Gasino destaca que também teve sua vida marcada por uma grande reviravolta. Precisou deixar as terras de seu padrinho Zeferino, que havia sido morto em decorrência de conflitos – contra coronéis – por posse de terras. Sem ter para onde ir, “Gabriel, Maria Clara, os pais a moça e mais alguns agregados deixaram a fazenda, indo para o arraial de Taquaruçu” (2011, p. 86), e a partir daí, passaram a fazer parte do movimento do Contestado, onde Gabriel teve um fim trágico, pois sendo prisioneiro de guerra, acabou sendo fuzilado (GASINO, 2011, p. 187).

Miguel, porém, a partir das experiências de vida, amadureceu e vivenciou uma mudança de identidade, pois “nada parecia mais ser do jeito que era antes. Ele mudara a sua maneira de ver o mundo, de sentir as coisas, mas parecia permanecer o mesmo nas suas relações com as pessoas e com as coisas do cotidiano” (2011, p.202). Porém, Gasino afirma que ainda “havia um choque muito grande entre esses dois mundos. Mas ele não sabia o que fazer” (2011, p.202). Nesse sentido, o autor demonstra que essa parte “incompleta” de Miguel consiste na falta de uma paixão e, por fim, ele conhece Maria Clara (2011, p. 206).

Baseando-se nessa longa mas necessária exposição a respeito dos dois personagens principais do romance de Gasino, é possível afirmar que o autor se dedicou a escrever detalhadamente as características e os sentimentos dos personagens, permitindo que os leitores compreendam de forma especificada as personalidades e identidades dos sujeitos em questão.

Como já mencionado brevemente, Gasino demonstra que o personagem Miguel passa por um processo de modificação de sua identidade, que não é algo fixo, mas que se modifica em decorrência das experiências vivenciadas pelos indivíduos, como salienta Stuart Hall:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2006, p. 38).

Gasino permite que analisemos o papel dos protagonistas de seu romance de forma mais profunda. Na medida em que o romancista se dedica em descrever as características de Gabriel e Miguel – mencionadas nos parágrafos acima –, e a forma com que cada um dos dois vive e enxerga o mundo inicialmente – por conta da mudança de identidade de Miguel –, percebemos que a única coisa em que os gêmeos se assemelham é a aparência física, pois suas identidades, personalidades, costumes e posicionamentos são praticamente antagônicos.

Nesse sentido, compreendemos que Gasino busca utilizar esses personagens para representar os dois lados da Guerra do Contestado: de um lado os sertanejos, de outro as forças oficiais/Estado. Conseguimos visualizar melhor essa questão se pensarmos na fala de John Skull, jornalista e amigo de Miguel: “Veja por exemplo todo esse conflito do Contestado. Foi a luta entre um mundo positivista, racional, que não admite paixão, contra um mundo místico, emocional, que vive a paixão” (GASINO, 2011, p. 203). Nessa frase, portanto, podemos enxergar as caracterizações dos dois personagens: Miguel, que sempre pôs a razão à frente da emoção, anulando toda e qualquer forma de sentimento, e que acaba alistando-se no exército; e, Gabriel, um sertanejo que transbordava de emoções e sentimentos, apaixonado pela natureza e, sobretudo, pela terra. Apesar de não serem compatíveis em seus modos de viver e pensar, os gêmeos não eram inimigos. Além disso, é preciso considerar também que Gasino não apresenta nenhum deles como sendo vilão, apenas os descreve como sendo opostos.

Cabe ainda mencionar que, por meio dos protagonistas do romance, é possível refletir sobre a lógica, ou incoerência, da Guerra do Contestado. Rogério Rosa Rodrigues nos traz a seguinte observação:

A definição clássica de guerra significa “Luta à mão armada entre duas ou mais nações”, portanto, uma ação que envolveria nacionais e estrangeiros. No entanto, o Contestado foi uma guerra contra homens, mulheres, crianças e idosos que deveriam estar sob o abrigo e proteção do governo brasileiro. Tratou-se de uma guerra interna. Contra seu próprio povo. Como justificá-la como guerra? Como ganhar o apoio político e popular para mobilizar um terço do exército nacional e caçar, prender, julgar e até executar brasileiros, sejam os naturais ou naturalizados no país? (RODRIGUES, 2023, p. 188).

Essa reflexão de Rodrigues, sobre uma “guerra interna” entre brasileiros, nos faz pensar a Guerra do Contestado como sendo também uma guerra entre irmãos, sendo filhos – “naturais ou naturalizados” – da mesma nação. Novamente podemos relacionar o protagonismo de Miguel e Gabriel como uma tentativa de Gasino de representar ambos os lados do conflito.

Outro personagem que é importante mencionar é Asrael, trigêmeo mais velho de Francisca, irmão de Miguel e Gabriel. De acordo a enigmática trama construída por Gasino, Asrael nasceu morto e, de acordo com a sonho que tivera com João Maria, Francisca precisava realizar um procedimento antes de enterrá-lo:

Presse num tem sarvação. Mais vancê vai ter que ter um cuidado especiar cum ele, proquê ele pode querer vorta de reiva pra se vingar dos otros dois. Tem que tirar tamém o coraçãozinho dele, cortá em duas parte e uma delas queimá no fogo e a outra dá pros corvo comer. Aí vancê enterra o resto do corpinho dele como cristão normar. De jeito nenhum pode deixar que um pedaço do coração dele pegue no chão e seja comido por bicho da terra. Aí os otros dois vão correr pirigo (GASINO, 2011, p.25).

No entanto, a mulher não notou “que um pequeno pedaço do coração do primeiro bebê havia sobrado aos bicos dos urubus e caído no chão”. Tendo sido encontrado por “uma grande formiga negra que o carregou nas costas e o levou consigo para as profundezas da terra” (2011, p. 29). Dessa forma, como o monge havia dito, Asrael voltou para perseguir os irmãos e Gasino descreve esse sujeito por meio da conversa de um oficial e o capitão:

O sujeito parece gosta de entrevero e sinti prazer em matá gente. Quando algum caboclo ameaça brigá ele já puxa o revólver, ou intão crava a faca no pescoço do dito cujo antes memo que ele possa pensá alguma coisa. [...] Não tem casa, não tem família, não fala nada sobre a vida dele. Só sei que vive como jagunço e já foi contratado por muitos coronél da região pra expulsá posseiro e índio. Contam muitas estória estranha sobre ele, dizem que foi criado pelas formiga e que saiu debaixo da terra. Dizem que tem parte com o Demo (GASINO, 2011, p. 70-71).

Gasino o descreve fisicamente como sendo um homem “moreno, baixo e assustadoramente magro. [...] A constituição física parecia a de um jovem ainda não totalmente formado. [...] O vaqueano tinha a camisa aberta até a metade do peito e coçava uma cicatriz em forma de xis na altura do coração (2011, p. 72). Quando questionado, Asrael afirmou: “Gosto de matá gente, bicho, e tudo que veve nesse mundo” (2011, p. 73). Por fim, Gasino mais uma vez descreve a personalidade cruel e macabra do sujeito:

Seu nome, Asrael, era conhecido de poucos, mas todos aqueles que o viram durante os ataques nunca mais esqueceram seu olhar de prazer sádico. Relatos de estupros, torturas e assassinatos frios de pessoas que se entregavam e pediam clemência percorriam o sertão, tornando esse personagem ainda mais temido do que vaqueanos mais antigos como Pedro Ruivo, Chico Lino, Zeca Vacariano e o próprio Nhô Lau (GASINO, 2011, p. 124).

Por conta da descrição realizada por Gasino a respeito de Asrael, notamos que esse personagem pode representar a crueldade do conflito. Assim como existem os “dois lados” da guerra, o romancista também apresenta um “terceiro lado”: os jagunços e vaqueanos, que eram pagos – geralmente pelo Estado e coronéis –, para matar. Por fim, cabe mencionar que a profecia de João Maria de que Asrael viria se vingar dos irmãos se cumpriu, pois quando Gabriel foi morto, “os sertanejos foram perfilados numa clareira e aquele que era chamado por todos de Asrael deu ordem para que fossem fuzidados” (2011, p. 187). Mais tarde, vingando a morte do irmão, Asrael foi morto por Miguel, que indignado ao ver o corpo do irmão, morto por uma perfuração nas costas, não suportou as provocações do vaqueano que havia ordenado sua morte (2011, p. 199).

2.7 – Outras perspectivas – O protagonismo de sertanejas no *Reino Místico*

Por fim, cabe mencionar que, no decorrer do romance, Gasino se preocupa em demonstrar o protagonismo de várias personagens femininas – históricas e fictícias – que também fizeram parte do grupo dos sertanejos. Ou seja, ele também coloca em relevo e representa a importância das mulheres sertanejas, as quais também terão espaço nessa análise. Nas palavras de Massagli (2023), Gasino procura

dar voz às personagens femininas, enfatizando seu protagonismo e conferindo-lhes uma relevância somente possível após as sucessivas ondas dos movimentos feministas e suas conquistas no campo teórico, propiciando a condição de elaboração crítica da memória que, nesse momento histórico, reveste-se de capacidade de ação ética e política, em uma clara relação com a temporalidade que lhe é inerente (MASSAGLI, 2023, p. 23).

A primeira mulher a ser representada é Maria Clara, que passara a ser esposa de Gabriel, que ficara encantado com “seu corpo moreno esguio e delicado, seus cabelos cacheados, seu sorriso de menina e seus olhos profundamente brilhantes. [...] Tinha os cabelos e os olhos castanho-escuros e longas pestanas” (2011, p. 42). Gasino descreve que a moça tivera uma grande preocupação ao se encontrar com Gabriel antes de se casarem:

No final da noite, ao se despedir da moça, Gabriel tentou dar um beijo nela. Ela ficou vermelha e deu-lhe a face. O rapaz mostrou-se um pouco amuado e Maria Clara o tranquilizou:
 – Não é que eu não queira. Mas meu pai ensinou que só se dá beijo assim no moço que casá com a gente.
 – Pois então eu caso com vosmecê – respondeu o rapaz, pegando-a desprevenida desta vez e dando-lhe um beijo na boca. Maria Clara resistiu no

começo, mas depois passou os braços em torno do pescoço de Gabriel e se entregou. Mas logo um pensamento lhe veio à cabeça e ela teve um sobressalto:

– O qu'ê que você tá fazendo? E agora? Vô fica grávida – disse a moça quase chorando. Gabriel não sabia o que dizer. A moça o deixou e foi para casa quase que correndo e ele ficou ali parado, sem saber o que fazer (GASINO, 2011, p. 56).

Ao descrever a preocupação de Maria Clara ao ganhar – pela primeira vez – um beijo na boca, Gasino está representando esta e, conseqüentemente, outras moças como ela – provenientes do interior e cercadas pela religiosidade – como sendo ingênuas, imaturas e inocentes.

Ainda a respeito da personalidade de Maria Clara, Gasino fala sobre a sua criação, mencionando que “desde criança, Maria Clara fora criada pelo pai e pela mãe com os olhos voltados para o mundo, absorvendo a cada instante tudo o que podia” (2011, p. 88). Além disso, agora descrevendo uma menina criativa e inteligente, Gasino aponta que:

Seus grandes olhos castanhos como que devoravam tudo ao seu redor, brilhando, coletando, digerindo, assimilando, desvendando, reinventando em seu coração cada mínima partícula da vida. As engrenagens da vida soavam como música para Maria Clara e ela armazenava em seu espírito cada uma dessas notas, não como um conhecimento racional, mas como memória emocional (GASINO, 2011, p. 88).

Nesse trecho, o autor descreve a doçura de uma cabocla que absorve o mundo à sua volta com o coração, mostrando-se como uma pessoa que leva a vida pela emoção, transbordando sentimentos. Após demonstrar a inocência e a visão de mundo de Maria Clara, Gasino apresenta também a sua mãe, Aspásia:

Toda a sua luta de mulher negra, filha de escravos, enfrentando preconceitos e limitações impostas pelo mundo ao seu redor lhe haviam ensinado que fechar-se seria fazer exatamente aquilo que as regras cruéis tentavam obrigá-la a fazer. Então ensinara à filha que se abrir para o mundo, senti-lo, aprendê-lo e compreendê-lo era a melhor forma de lutar contra isso. O saber da cabeça, o saber do coração e o saber da alma, dizia ela à filha, são os caminhos para encontrar a verdadeira felicidade, a felicidade de ser realmente livre das imposições e expectativas dos outros, das regras injustas da sociedade (GASINO, 2011, p. 88).

Portanto, por meio da personagem Aspásia, além de representar o protagonismo feminino, Gasino busca falar a respeito dos preconceitos e lutas enfrentadas pelos povos afro-brasileiros. Assim, por meio de conversas entre mãe e filha, Gasino descreve sobre a trajetória dos negros, apontando para as suas recentes conquistas, a sua cultura e a opressão pela qual

passavam não somente os negros, mas os sujeitos marginalizados que eram excluídos da sociedade:

Quando a filha contava alguma história em que os sertanejos haviam sofrido a injustiça dos poderosos da região, dona Aspásia lembrava da trajetória dos negros, contando à filha como os escravos eram capturados como animais na África, trazidos em navios atulhados e insalubres, e depois eram maltratados e sofriam todo o tipo de abusos dos patrões. Contava também da sua cultura Iorubá, da religião, da música, dos heróis, das fugas, dos quilombos e de Zumbi dos Palmares. [...] Dona Aspásia falava para Maria Clara da opressão do mundo aos negros, aos pobres, aos que professavam religiões diferentes, aos que estão longe dos centros de decisão do poder e a todos, que de alguma forma, não se encaixam no perfil definido como cidadão normal de uma sociedade (GASINO, 2011, p. 118-119).

Assim como Aspásia é a representação da resistência dos povos afro-brasileiros, Gasino menciona também outro exemplo feminino da luta sertaneja, a personagem Chica Pelega. O romancista a descreve como sendo “uma cabocla despachada que estava com o grupo desde os tempos de José Maria. Havia sido enfermeira acompanhando os trabalhos do monge no atendimento aos doentes que o procuravam” (2011, p. 136).

Porém, Gasino afirma que essa personagem tinha uma motivação para tamanha coragem e disposição pelo movimento: “No peito trazia uma raiva muito grande dos poderosos que vinham oprimindo o povo sertanejo. Seu pai havia sido morto por seguranças da Railway numa ação de expulsão de roceiros” (GASINO, 2011, p. 136). Por fim, com o intuito de demonstrar sua bravura, o autor descreve como a cabocla reagiu à um ataque surpresa ocorrido no reduto no dia oito de fevereiro de 1914, enquanto os homens organizavam o novo reduto:

No dia 8 de fevereiro de 1914, uma força de 600 soldados e 40 vaqueanos comandados pelo coronel do exército Aleluia Pires atacou o reduto usando metralhadoras, granadas e canhões. [...] Foi um verdadeiro massacre. [...] Chica Pelega, montada em seu cavalo e carregando o estandarte branco com a cruz verde tentava organizar uma resistência. Sua coragem atraiu a atenção dos soldados e ocupou a artilharia inimiga por um bom tempo possibilitando que alguns grupos escapassem ilesos do acampamento. Muita gente conseguiu fugir, mas as tropas do Exército fizeram mais de 100 mortos, destruindo também 200 casas e uma igreja. [...] No centro do reduto, Chica Pelega jazia morta junto ao cavalo. Morrera com o estandarte nas mãos (GASINO, 2011, p. 136-137).

Outra mulher que aparece no romance de Gasino é a virgem Maria Rosa – já mencionada neste trabalho –, que foi umas das líderes do reduto. Na representação de Gasino, ao contrário da virgem Teodora que, ainda criança, foi usada para manipular os sertanejos, Maria Rosa parece, de fato, se importar com os problemas enfrentados por estes sujeitos, posicionando-se

a favor da defesa do reduto, mas não do ataque, aprovando, inclusive, a sugestão de acordo proposta por Matos Costa. De acordo com a representação de Gasino, “a virgem não via motivos para guerrear e esperava que José Maria descesse do céu com seus cavaleiros, convertendo todos e fazendo reinar a paz entre peludos e pelados” (2011, p. 146). Portanto, o romancista apresenta a virgem como um exemplo de verdadeira – em oposição aos demais líderes – liderança religiosa após a morte de José Maria, responsável também por alimentar a esperança dos sertanejos em relação a volta do monge e a salvação de todos.

O romancista ainda menciona, mesmo que brevemente, outra personagem feminina, Querubina, que era esposa de Eusébio Ferreira, um dos líderes do movimento. Gasino afirma que Querubina era uma mulher influente nos redutos, pois, além de fazer parte do conselho – como já mencionado –, possuía parentesco com os primeiros três líderes religiosos (Teodora, Manuel e Joaquim) e auxiliava Euzébio na orientação e direcionamento dos mesmos. Além disso, seu prestígio entre os sertanejos se dava por que era considerada “uma grande devota católica” (2011, p. 100).

Portanto, podemos notar a presença de várias personagens femininas no decorrer do romance histórico de Gasino. Ao apontar para as personalidades distintas dessas personagens, o romancista sintetiza diferentes histórias, apontando para a representatividade das mulheres – que sempre estiveram presentes, mas muitas vezes não são mencionadas – como exemplos de protagonismo e de resistência.

Nota-se, por tudo isso, que, no decorrer do romance, Gasino procura demonstrar a diversidade de sujeitos que se relacionavam na região do contestado no início do século XX, citando vários povos e nacionalidades, sem deixar de mencionar imigrantes, indígenas, negros e caboclos. Porém, como já indicado anteriormente, ele cita esses sujeitos de forma romantizada, sem enfatizar as disputas e os conflitos que envolveram o contato entre esses povos. Para compreender essa tentativa de Gasino de incluir diferentes etnias no seu romance, é oportuno verificar o trecho a seguir, que fala a respeito das habilidades desenvolvidas por Gabriel no campo em relação ao manejo com a terra e os animais:

Com os poloneses aprendeu a plantar beterraba, com os alemães descobriu a melhor maneira de cultivar a batata, os italianos lhe mostraram como colher a uva para fazer um vinho de qualidade, e os índios lhe ensinaram sobre a mandioca e os vários tipos de frutas, leguminosas e ervas que cresciam na região. Aprendeu com espanhóis, negros, caboclos, e portugueses vários segredos sobre a criação, o trato dos animais e a melhor convivência destes com os homens. Em pouco tempo, muitas pessoas vinham procurá-lo quando tinham problemas com os bichos, e Gabriel sabia sempre o que fazer (GASINO, 2011, p. 41).

Ao mencionar todos estes povos presentes na região, o romancista procura contribuir para a desconstrução das versões oficializadas da História, que engrandecem os imigrantes europeus e os trata como sendo os habitantes ideais para esse espaço regional, excluindo os demais sujeitos, que sempre fizeram parte desse meio. Em outras palavras:

Nos diálogos entabulados entre os personagens, pode-se ver que postulados da ciência e do progresso são colocados em xeque, levando o leitor a desmistificar o discurso positivista que ao longo da história serviu ao mesmo tempo para encobrir o conflito, apagar identidades indesejadas, silenciar as vozes dissonantes e privilegiar a presença de um sujeito ideal para o Contestado: o imigrante branco (MASSAGLI, 2023, p. 23).

Porém, como já comentado, para, de fato, problematizar essa questão, Gasino poderia destacar aos seus leitores como se deu o encontro e a convivência entre estes distintos povos, pois, como citamos anteriormente, ao apenas mencioná-los, o autor incorpora alguns estereótipos, descrevendo uma história harmoniosa, com a ausência de conflitos. Nesse sentido, ao apenas citar a diversidade de sujeitos, ignorando seus conflitos, podemos afirmar que Gasino está, de certa forma, unificando-os, como explica Hall:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59).

Portanto, de acordo com essa contribuição de Hall e pensando na forma com que Gasino cita os sujeitos em seu romance, sem evidenciar suas lutas, podemos afirmar que ele unifica esses povos como pertencentes à uma “grande família nacional”. Ao unificá-los, conforme cita Hall, o romancista está aderindo à cultura nacional. Dessa forma, em vez de problematizar, Gasino acaba incorporando o estereótipo criado pelas versões oficiais.

É necessário afirmar também que, no decorrer do romance, Gasino realiza uma crítica à imprensa oficial da época da guerra, que, geralmente, escrevia contra o movimento sertanejo. Essa problematização é feita por meio da conversa de Miguel com o amigo jornalista John Skull:

O jornalista falou sobre a decepção que tinha com a imprensa regional, que tratava de forma totalmente parcial o conflito, demonizando os sertanejos e suas crenças. As reportagens que havia enviado ao jornal O Dia, no Rio de Janeiro, tiveram pouca repercussão no meio político e a versão dos jornais locais tinham mais peso na interpretação da Guerra do Contestado como uma luta entre a civilização e a ignorância. John contou a Miguel que havia sido

procurado pelo dono de um jornal local, um tal de Carlito Fontes, que tinha tentado lhe convencer a escrever contra os caboclos, oferecendo dinheiro e terras, que intermediaria com os coronéis (GASINO, 2011, p.181).

A respeito dessa questão, que nem sempre é problematizada, é possível afirmar que essa parcialidade da imprensa acabou influenciando diretamente na visão da sociedade em relação aos sertanejos, bem como no desfecho da Guerra. Um exemplo disso temos na notícia publicada no dia 1º de janeiro de 1914 no periódico lageano *A Notícia*, citado por Liz Andréa Dalfré:

Esse movimento não é mais do que o resultado da ignorância e superstição dos nossos sertanejos, sempre propensos às mistificações de toda espécie, deixando-se levar às vezes por espíritos demasiadamente inferiores, como soe agora suceder, unicamente por uma deplorável influência mesológica, em que a credence no maravilhoso e sobrenatural atua como principal fator (DALFRÉ, 2023, p. 215).

Além desse trecho do jornal *A Notícia*, citado por Dalfré, podemos ainda apontar para a publicação do jornal *O Dia*, de Florianópolis, em 17 de dezembro de 1914, que afirmou que: “Nos redutos dos fanáticos não há política, estão ali caboclos paranaenses e catarinenses, alucinados” que teriam uma “obsessão irreduzível e (...) confiança na proteção divina de José Maria” (ESPIG, 2023, p.242).

Posto isto, considerando que “o pensamento religioso dos rebeldes era descrito como fanatizado, aberrante, selvagem, ignorante, entre muitos outros adjetivos igualmente depreciativos” (ESPIG, 2023, p. 239), podemos afirmar que os jornais contemporâneos à Guerra do Contestado tiveram um papel fundamental para a perseguição e extermínio desses indivíduos. Para melhor fundamentar essa questão, torna-se plausível expor mais um trecho do trabalho de Dalfré, no qual a autora afirma que:

Os jornais atuaram, principalmente, como porta-vozes das elites letradas e das autoridades ao atribuírem as ações dos rebeldes à incapacidade de crítica política e ao desvalorizarem suas atitudes caracterizando-as como fruto da ignorância, do fanatismo, da ausência de escolas e da condição de orfandade em relação aos poderes públicos. Ao denominar os rebeldes como fanáticos, os grupos que produziam os jornais negaram a eles a legitimidade de crítica frente à conjuntura social e política vivenciada, além de justificarem a repressão, a exclusão e o extermínio de homens, mulheres e crianças (DALFRÉ, 2023, p. 219).

Outra questão que permeia todo o romance histórico de Gasino são as explicações dadas pelo autor a respeito da importância da terra, especialmente aos sertanejos. As falas dos

personagens afirmam que “a terra oferece a segurança e o sustento que o camponês precisa. Oferece uma raiz, uma identidade, uma sensação de acolhimento, participação, aprovação e pertinência” (2011, p. 128). Além disso, “a terra é onde o homem pode realizar todas as suas potencialidades, assim como as sementes que são plantadas. É na terra que o homem pode crescer, produzir, multiplicar-se. E é na terra que o homem pode realizar o espiritual também” (2011, p. 182).

Encaminhando-se para o final desta análise, cabe mencionar que Gasino também se prende a alguns estereótipos. Quando o romancista descreve o caminho percorrido pela comitiva de Matos Costa, ele cita o pinheiro araucária da seguinte forma: “a araucária era a rainha majestosa daquelas matas, erguendo-se acima de todas as outras árvores, com seus galhos em forma de finos braços erguidos”. Ademais, Gasino menciona que “também era muito admirada a gralha azul, companheira inseparável da araucária, responsável por disseminá-la ao enterrar os pinhões para depois comê-los” (2011, p. 115).

Por meio dessa representação, Gasino acaba aderindo aos “símbolos oficiais do Paraná, construídos pelos paranistas a partir dos anos de 1920” (SCHNEIDER, 2019, p. 344). Dessa maneira, Schneider ainda complementa apontando que “A referência à araucária e à gralha azul aparecem como recursos utilizados por Gasino para situar o romance no contexto regional oficial do Paraná. A região geográfica, pautada na descrição do meio, revela um Paraná grandioso e exuberante” (2019, p. 345). Portanto, compreendendo o que já foi exposto por Schneider, é importante referenciar as contribuições de Hall a respeito da formação de uma identidade nacional:

Há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação (HALL, 2006, p. 52).

Nesse sentido, podemos afirmar que Gasino incorpora o que Hall chama de “narrativa da nação”, na medida em que ele descreve a região enaltecendo os símbolos criados para representar este espaço regional. Porém, para complementar essa análise crítica, é pertinente trazer também a contribuição de Albuquerque Júnior – autor já mencionado na introdução dessa dissertação –, que afirma o seguinte:

É preocupante, no meu modo de ver, a escrita de uma historiografia que se propõe a defender a região, pois isto implica em defender a dominação que a

instituiu, em colocar do lado da dominação que a sustenta, em se tornar acrítica diante dos saberes que a legitimam e a justificam (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 59-60).

Portanto, levando em consideração este trecho do texto de Albuquerque Júnior, ao incorporar as “narrativas da nação” – expressão utilizada por Hall no trecho anterior –, que no caso de Gasino são os símbolos – apesar de parecerem um tanto inofensivos –, o pesquisador automaticamente parece aderir ao discurso dominante, ou seja, está representando as versões oficiais da história, que, neste trabalho, buscamos desconstruir. Albuquerque Júnior, nesse fragmento, fala sobre “historiografia”, mas, apesar de o romance de Gasino não pertencer diretamente a esta área, trata-se de uma fonte contemporânea, que possui como objetivo a desconstrução dessas versões oficiais e, justamente para isso, utiliza-se da produção historiográfica. Portanto, nesse caso, Gasino poderia falar da região posicionando-se de forma a problematizar este discurso, em vez de o incorporar na trama. A respeito disso, em contraposição à exaltação da região e da cultura nacional, Albuquerque Júnior destaca:

Falar em região implica em se perguntar por domínio por dominação, por tomada de posse, por apropriação. Falar em região é também falar em subordinação, em exclusão, em desterramento, em banimento. Falar de região é se referir àqueles que foram derrotados em seu processo de implantação, àqueles que foram excluídos de seus limites territoriais ou simbólicos, àqueles que não fazem parte dos projetos que deram origem a dado recorte regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 58).

Por fim, cabe salientar que, apesar de se tratar de uma fonte contemporânea de relevante conteúdo a respeito da Guerra do Contestado e de seus protagonistas, o romance histórico de Gasino possui alguns pontos a serem criticados, como pôde ser verificado no decorrer deste capítulo.

Constatamos, por meio da análise de inúmeros dos trechos do romance, intercalados com textos historiográficos, que Gasino dedicou-se a construir uma fonte fundamentada na historiografia, investindo, mesmo assim, na mística e instigante história por meio da construção ficcional. Por meio de seus personagens, o romancista apresenta aos seus leitores determinados sujeitos que participaram da Guerra do Contestado, mencionando imigrantes, agricultores, tropeiros, negros, indígenas, caboclos, dentre outros. Ou seja, “nesta região de sentidos, Gasino tende a fazer o leitor ficar do lado das minorias, na medida em que desmascara a visão idealizante, assumindo um discurso de denúncia” (SCHNEIDER, 2019, p. 339). São citados diversos sujeitos e personalidades, demonstrando a existência de variadas identidades que contribuem na desconstrução da história oficial a respeito desse conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a análise dos dois romances históricos faz-se necessário, ainda, empreender um estudo comparativo entre as duas obras, levando em consideração a principal característica que as distingue: a temporalidade. Portanto, neste espaço, pretendemos reafirmar as principais características dos respectivos romances históricos, decodificadas por meio das análises, procurando fazer algumas comparações. Serão retomadas as questões iniciais pontuadas na introdução da presente pesquisa, de modo a promover um debate objetivo e pontual a respeito das duas fontes selecionadas, considerando que estas análises já foram realizadas no decorrer de cada capítulo.

Primeiramente, falaremos sobre a visão de história edificada em cada romance histórico. Tanto Sassi quanto Gasino se preocupam em apresentar e descrever aos seus leitores as características desse conflito, apontando para as principais causas e motivações que levaram os sertanejos a se reunirem em resistência. Ambos os romancistas buscam reescrever a história da Guerra do Contestado de forma a demonstrar a brutalidade a qual os sertanejos foram expostos. Os autores destacam não apenas os detalhes sangrentos do conflito armado, mas também a violência existente em meio aos redutos, as péssimas condições em que viviam os sertanejos, submetidos às doenças, as epidemias, à fome, as brigas internas, aos ataques dos coronéis e das forças oficiais do governo, dentre outros aspectos. Portanto, é possível afirmar que os dois romancistas se posicionam ao lado dos perdedores da guerra, que foram os sujeitos marginalizados e estigmatizados pela imprensa e historiografia oficial do conflito ao longo do século XX: os sertanejos. Nesta perspectiva, buscam dar visibilidade e sentido histórico as suas ações, que fazem entender estes sujeitos enquanto protagonistas da história e não apenas enquanto vítimas.

Sassi, na sua representação, utiliza de vários personagens durante a trama, sem eleger um ou outro como sendo protagonista principal. Descreve de forma mais abrangente como era a convivência entre os sertanejos, deixando claro aos leitores a sua organização social, como sucediam as rezas, a irmandade inicial existente entre os sujeitos, dando destaque também aos conflitos internos que foram aparecendo com mais frequência no decorrer do movimento. O autor faz com que o leitor compreenda a forma com que o movimento do Contestado se desvirtuou, detalhando como foram ocorrendo as modificações no reduto e a influência das novas lideranças que foram surgindo. Neste romance, várias identidades são colocadas em evidência, na medida em que o autor faz questão de apresentar as características físicas e de personalidade de cada personagem, assim como suas relações pessoais, mostrando a

diversidade de sujeitos convivendo na mesma comunidade. Portanto, o foco da obra de Sassi são os sujeitos.

No romance de Gasino, diferente do que ocorre em *Geração do Deserto*, o romancista desenvolve sua trama privilegiando dois personagens principais: os irmãos Miguel e Gabriel. Além disso, tem-se a presença de um antagonista: Asrael. Apesar de apresentar como se davam as relações pessoais nos redutos, e detalhar a violência dos embates, o autor investe no enredo que gira em torno dos protagonistas, que também se apresentam com identidades distintas. Como observado no capítulo dedicado a explorar a obra *O reino místico dos pinheirais*, além de buscar a representação de identidades distintas, Gasino tem a intensão de retratar os dois lados do conflito: Miguel, que age pela razão, corresponde ao Estado e as forças oficiais do governo; por outro lado, Gabriel que prioriza a emoção e se deixa levar pelos sentimentos, representa o grupo dos sertanejos.

Em contrapartida, o romancista apresenta Asrael, que caracteriza a crueldade e a violência da guerra por meio da representação dos jagunços e vaqueanos. Este personagem, desumanizado, tem o prazer em matar e praticar o mal. Entretanto, apesar de dar ênfase às individualidades presentes nos protagonistas, o autor também apresenta uma diversidade de outras identidades no Contestado por meio de personagens coadjuvantes. Nesse sentido, em sua trama, Gasino representa, também, personalidades femininas, demonstrando seus protagonismos como sujeitos históricos que estiveram presentes no decorrer de todo este processo. Dentre as mulheres mencionadas por Gasino, que também ganharam espaço nessa pesquisa, está Maria Clara, Aspásia, Maria Rosa, Chica Pelega e Querubina. São mulheres com personalidades distintas e marcantes, cada qual com sua importância e protagonismo.

Gasino, como vimos, dá ênfase para a importância e o significado da terra, procurando caracterizar no decorrer da trama o que ela representava aos sertanejos. O autor coloca a terra como o centro do conflito e do romance, por significar não apenas o sustento para os sertanejos, mas também o abrigo, a segurança. Além disso, é a luta pela terra que lhes foi tirada o principal motivo da resistência dos sertanejos do Contestado.

O romancista deixa claro que busca investir numa história mística, deixando transparecer o lado ficcional do romance. Temos o exemplo disso logo no início do romance, quando o autor apresenta a trama de Francisca e seu sonho místico com o monge João Maria. Por meio da presença de João Maria, de seus conselhos à Francisca e do desenrolar dessa história mística, Gasino representa a fé que os sertanejos tinham sobre os monges que, para eles, eram santos e tinham recebido o poder de Deus para curar. Ou seja, o romance de Gasino

busca representar também a forte crença e religiosidade dos sertanejos que, quando não tinham mais esperança, encontraram o monge e acreditaram nele.

Uma especificidade apontada no decorrer dos capítulos, que também merece ser retomada nesse espaço é sobre a nomenclatura utilizadas pelos dois romancistas para se referir aos sujeitos do Contestado: são considerados caboclos ou sertanejos? Como já mencionado, Sassi, em sua narrativa, os nomeia como sendo “caboclos”, apesar de mencionar outros termos como “fanáticos” ou “jagunços”, mas, nesse caso, utiliza do recurso das aspas. Gasino, por sua vez, utiliza os dois termos para se referir a esses sujeitos, às vezes caboclos, às vezes sertanejos. Além disso, sem fazer uso de aspas, esse autor também os denomina como sendo “devotos”, “rebeldes”, dentre outras classificações. Nesse sentido, ao fazer nomeações estereotipadas, o romancista acaba excluindo as motivações sertanejas que os fizeram resistir, pois atribui a eles características que parecem justificar sua luta. Ou seja, não podemos afirmar que os sertanejos lutaram apenas porque eram devotos de José Maria, ou simplesmente porque eram rebeldes. Por isso essas nomeações são estereotipadas.

É oportuno destacar que Gasino promove problematizações mais sutis, deixando que o leitor tire suas próprias conclusões e estabeleça seu julgamento em relação aos personagens. Um exemplo dessas críticas se dá na exposição dos três primeiros líderes sertanejos após a morte de José Maria (Teodora, Manoel e Joaquim). Os três “virgens” eram familiares de Eusébio. Ao afirmar essa questão, Gasino supõe que essas lideranças tenham sido forjadas, para que Eusébio e sua esposa Querubina detivessem o poder nos redutos, mas o autor não critica diretamente. Gasino estabelece outra crítica quando põe em dúvida a religiosidade de Manoel, um dos líderes, ao descrever que, segundo ele, o monge lhe havia pedido para que ele dormisse acompanhado de virgens. Além disso, como já salientamos, Gasino promove um debate ideológico da razão e da emoção, por meio da representação do movimento através de Miguel e Gabriel. Nesse sentido, essas e várias outras problematizações realizadas no decorrer de *O reino místico dos pinheirais*, contribuem para a revisão das versões oficiais da história.

Sassi, pelo contrário, estabelece críticas profundas e diretas, procurando convencer o leitor quanto à integridade dos personagens, principalmente se tratando dos líderes. Um exemplo das problematizações realizadas é a forma com que o autor fala sobre o monge José Maria, sempre criticando este personagem e denunciando suas intenções de se aproveitar dos sertanejos, os seus seguidores. Outros líderes como a virgem Ana, Elias de Moraes e Adeodato são criticados. Além disso, há problematizações importantes relacionada aos outros personagens como, por exemplo, entre o cego Tavinho e Tibúrcio, o leproso, sujeitos utilizados

por Sassi para demonstrar os problemas econômicos existentes nos redutos, dentre outras coisas.

Além de realizar críticas diretas, no decorrer de sua narração e na fala de distintos personagens, o autor também realiza muitas problematizações por meio de um personagem em específico: Mané Rengo; um senhor que vive com sua esposa nos redutos por falta de opção, mas não se deixa levar pelos discursos das lideranças, obtendo posicionamento crítico em relação às ações dos sujeitos, principalmente dos líderes do movimento. Essas e várias outras problematizações que Sassi empreende no decorrer de sua obra nos permite enxergar o movimento do Contestado com outros olhos, refletindo sobre questões – como os interesses e as disputas pelo poder presentes dentro dos próprios redutos – que muitas vezes poderiam passar despercebidas.

Uma característica interessante a ser apontada, que distingue os dois romances, se refere a uma questão estética da escrita, mas que também pode ser problematizada: a forma com que os romancistas escrevem as falas dos sertanejos, nos diálogos que promovem. A respeito dessa questão, cabe dizer que Sassi mantém a gramática correta em todas as falas do romance, independente do personagem que quer representar. Gasino, por sua vez, escreve as falas dos sertanejos com vários erros de linguagem e gramaticais. É perceptível que o autor não o faz apenas com o intuito de apontar para um sotaque diferente em relação aos outros personagens, pois são inúmeros os erros presentes nas falas desses sujeitos. Com esse recurso, Gasino promove certo valor estético ao seu texto, chamando a atenção dos leitores ao diferenciar a escrita. Porém, podemos considerar também que este romancista está atribuindo um estereótipo aos sertanejos, descrevendo-os como ignorantes. Ou seja, Gasino incorpora, de certa forma, os discursos oficiais, sobretudo da imprensa da época.

Portanto, pensando nessa questão e em outras já descritas no decorrer dos capítulos, precisamos destacar mais uma vez que, apesar de os romancistas contribuírem para a desconstrução de versões oficiais da história, auxiliando-nos na reflexão e problematização de muitas questões em torno da Guerra do Contestado e os sujeitos que nela estão inseridos, eles também são passíveis de crítica, ao passo que muitas vezes acabam incorporando os discursos oficiais. Isso se deve, provavelmente, à historiografia e fontes que os autores tiveram acesso para a construção dos romances, principalmente no caso de Sassi, considerando sua temporalidade de escrita.

Ao retomar as possíveis críticas a serem feitas a representação de Gasino, podemos afirmar que, como já mencionado, este autor parece incorporar, algumas vezes, os discursos oficiais, como no momento em que representa as falas dos sertanejos de forma estereotipada,

quando exalta a paisagem e os símbolos oficiais criados pela elite administrativa, com o objetivo de formar uma identidade e cultura regionalizada, quando deixa de fazer problematizações que são essenciais no decorrer da trama e, principalmente, ao não mencionar de forma adequada todos os sujeitos inseridos nesse processo, pois, apesar de citar vários povos, suas identidades não são esmiuçadas e os embates pessoais de suas relações não são descritos. Para apontar um exemplo, podemos destacar o pouco destaque atribuído a presença dos povos indígenas, bem como seu protagonismo e interferências no conflito, considerando que Gasino até os cita, mas de forma estereotipada, harmoniosa. Este é um problema em comum entre os dois romancistas, na medida em que Sassi também não dedica espaço aos povos indígenas em sua narrativa.

No caso de Sassi, também podemos pontuar algumas críticas, que se assemelham aos apontamentos recém feitos ao romance *O reino místico dos pinheirais*. Ao contrário de Gasino, como já salientamos, Sassi realiza críticas diretas em seu romance, com o intuito de despertar no leitor uma leitura igualmente problematizadora. Porém, juntamente com esses apontamentos, o autor acaba incorporando versões que eram muito disseminadas pela imprensa contemporânea à guerra como, por exemplo, ao promover a demonização da figura do líder sertanejo Adeodato. Outro exemplo de incorporação desses discursos pode ser observado quando descreve a matança presente nos redutos, generalizando os conflitos internos – apesar de haver – ao representar seus resultados sempre com a morte de algum personagem. Ainda podemos mencionar a forma com que o autor descreve os sertanejos, considerando o caso dos personagens Nenê e Zeferina Papuda que, por suas falas e ações, são caracterizados como sendo loucos e ignorantes. Nesse sentido, mais uma vez a trama de Sassi está vinculada à forma com que imprensa representava os sertanejos. Além disso, apesar de dedicar especial atenção aos sujeitos históricos em seu romance, citando distintas identidades, é preciso reafirmar que Sassi exclui de sua trama os povos negros e indígenas, que também desempenharam seus protagonismos nesta história.

Pensar no contexto histórico em que as obras foram escritas e publicadas nos auxiliou a compreender os resultados das análises. Como já destacamos, os anos de publicação dos romances em questão – *Geração do Deserto* (1964) e *O Reino Místico dos Pinheirais* (2011) – possuem uma distância de 47 anos, para sermos exatos. Portanto, podemos afirmar que cada romancista foi influenciado pelo contexto histórico em que estava inserido, bem como, pela historiografia e fontes disponíveis para a sua pesquisa histórica, um procedimento que antecede a escrita do romance histórico.

Por isso, pensar na disponibilidade de historiografia a estes dois romancistas é fundamental. No caso de Sassi, escreveu a obra no início dos anos de 1960, período de predomínio de governo democrático, e publicou-a em 1964, momento em que se iniciava a Ditadura Militar no Brasil. Como destacamos em capítulo específico, considerando o período político conturbado vivenciado no Brasil e a forma com que este romancista escreve, procurando dar visibilidade aos sujeitos marginalizados pela historiografia oficial, podemos afirmar que sua escrita foi observada como uma forma de afrontar o Estado, problematizando algumas questões como o acesso a propriedade e valorizando sujeitos que, mais do que nunca, precisavam ser esquecidos. Essa questão fica explícita pelo fato de Sassi ter tido problemas com a publicação de *Geração do Deserto*, pois foi considerada como sendo uma obra “comunizante”, de acordo com o que foi exposto no primeiro capítulo.

Com seu romance Sassi demonstra ter coragem ao denunciar o poder do Estado e se posicionar em favor das minorias. Além disso, considerando que a historiografia e as fontes da imprensa disponíveis à Sassi na época de sua escrita tratam os sertanejos de forma estereotipada e pejorativa, é preciso dar ênfase nas eficazes problematizações promovidas por este autor que, ao posicionar-se em favor dos sertanejos, demonstra possuir um aguçado senso crítico.

Já no caso de Gasino, que publicou sua obra em 2011, sua escrita e publicação ocorreram num período de consolidação do regime democrático no Brasil. Portanto, o romancista dispunha de liberdade para problematizar as questões relacionadas à Guerra do Contestado. Além disso, Gasino teve em seu tempo acesso a uma maior variedade de historiografia – em relação ao que estava disponível à Sassi – a respeito do conflito, considerando que houveram muitas outras produções historiográficas edificadas com o passar dos anos. Essa questão pode ser destacada com o que o historiador Paulo Pinheiro Machado apresenta. Segundo o autor, ao longo dos últimos trinta anos:

Foram empregados novos acervos documentais, revisadas e reanalisadas antigas fontes, novas perguntas foram lançadas sobre o passado. E isso resultou em uma série de novas conexões, procurando uma mútua inteligibilidade entre o passado e o presente, refletindo sobre a permanência – nos dias de hoje – de estruturas sociais, econômicas e culturais excludentes, de meios de reprodução de desigualdades. Alguns mitos historiográficos foram superados (MACHADO, 2017, p. 73)

As especificidades desta historiografia também devem ser consideradas, pois como afirma Machado no trecho citado acima, os estudos históricos atuais possuem perspectivas problematizadoras sobre a Guerra, o que teoricamente poderia ter facilitado a pesquisa de Gasino para a construção da obra *O reino místico dos pinheirais*. Nesta fonte, também

encontramos alguns elementos de problematização, na medida em que o autor busca desconstruir as versões oficiais da história por meio da exposição e protagonismo a múltiplos sujeitos.

Pensadas essas temporalidades de escrita e a existência de uma historiografia recente a respeito da Guerra do Contestado, Machado aponta que, ainda assim, “há um descompasso entre a produção acadêmica e o domínio da sociedade sobre este tema” (2017, p. 73). Segundo o autor, essa questão:

tem origem em obras gerais de autores consagrados no meio acadêmico, muito influentes na formação de professores. Essas obras gerais tendem a generalizar movimentos, apontados como episódios secundários e marginais da narrativa central, frequentemente focada na política institucional e no mundo urbano das capitais. (MACHADO, 2017, p. 74).

Machado se preocupa com a “busca de diálogo entre a pesquisa e o ensino” (2017, p. 74), pois, segundo ele, “o Contestado é um repositório de experiências populares e serve para refletirmos as relações entre o povo pobre, as elites e o Estado no Brasil” (2017, p. 73). Portanto, a importância de compreendermos esse movimento está relacionada com o entendimento da nossa sociedade atual. Acreditamos que as fontes estudadas nesta dissertação contribuem nesta perspectiva. Além disso, Machado aponta para o estudo do movimento do Contestado como sendo um conectivo a vários outros conteúdos, também importantes, da História:

O estudo do movimento do Contestado permite um novo olhar sobre a história do povoamento, do meio ambiente, dos transportes, da economia e de uma série de conexões interdisciplinares. O estudo do movimento do Contestado é ocasião importante para refletir sobre o Coronelismo e o papel do capital estrangeiro no início da República. (MACHADO, 2017, p. 76)

Machado investe também na exposição de alguns parâmetros a respeito da formação de professores e materiais didáticos com o intuito de auxiliar no desenvolvimento do conhecimento sobre este conteúdo em sala de aula (2017, p. 75-78). Segundo este autor:

O emprego de imagens artísticas, fotografias, animações, audiovisuais, *cartoons*, músicas, preces, poesia e outros recursos de linguagem deve ser norteado pelos objetivos pedagógicos de aproximação das gerações de crianças e jovens da atualidade com vários aspectos da experiência sertaneja do Contestado. (MACHADO, 2017, p. 77-78)

O autor defende o uso da arte, em seu sentido mais variado, como fonte importante para uma aprendizagem significativa a respeito do movimento do Contestado, que deve estar

relacionada “na construção de uma história de sujeitos, não de vítimas, mas de homens e mulheres de carne e osso que continuam lutando por uma vida melhor” (2017, p. 75).

Nessa discussão sobre a relevância das artes, é necessário apontar que a Literatura, sendo uma arte amplamente difundida, também faz parte desse conjunto de materiais. Inclusive, de acordo com os apontamentos de Antonio Candido sobre a arte da Literatura, “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (2011, p. 177). Por isso, para dar continuidade a esse posicionamento de Candido sobre a literatura e sua importância na sociedade, julgamos importante mencionar outro fragmento desse autor, onde ele afirma que:

a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabulado (CANDIDO, 2011, p. 176).

Ou seja, “se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (2011, p. 177). Portanto, a Literatura é uma arte fundamental para refletirmos e compreendermos sobre a condição humana. Pensamos a importância das fontes literárias como “um instrumento poderoso de instrução e educação”, por ser uma arte que “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate” (2011, p. 177). Os romances analisados nesta dissertação sintetizam estas possibilidades.

No entanto, é preciso compreender que “a arte também pode, pelo uso de imagens e expressões descontextualizadas, reforçar preconceitos e reproduzir formas de discriminação e subalterização das experiências populares” (2017, p. 78). Assim:

Estas obras não podem ser utilizadas sem pelo menos uma crítica a estes tipos de abordagem. No entanto, as obras artísticas são um campo muito fértil para a educação e para a pesquisa em educação que deve envolver os próprios estudantes em um processo de recriação do espírito e das esperanças de liberdade e bem-estar ousadas pelos caboclos há mais de 100 anos (MACHADO, 2017, p. 78)

Por tudo o que foi exposto aqui, cabe mencionar que as fontes utilizadas nessa pesquisa de dissertação são obras que contribuem para a revisão da história do Contestado, pois promovem um trabalho de desconstrução das versões oficiais da história. Nesse sentido,

podemos afirmar que o romance histórico é uma fonte extremamente eficaz, e pode ser utilizado tanto no âmbito da pesquisa histórica, quanto no contexto educacional, desde que saibamos utilizá-la, pois, como todas as outras fontes, esta também é passível de críticas. Portanto, é preciso problematizar.

Além disso, relembando os apontamentos trazidos por Albuquerque Júnior a respeito do conceito de região, é preciso destacar que a fonte romance histórico, mais especificadamente as obras analisadas nessa pesquisa, também contribuem para desconstruir visões estereotipadas em torno da formação de uma identidade regional, ou nacional. Porém, é necessário ficar atento, pois em alguns casos, “a região aparece como um dado da realidade que não precisa ser em si mesmo pensado ou problematizado, não precisa ser tratado historicamente” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 55). Por isso, há a necessidade de problematizar, pois, como pudemos verificar ao longo dos capítulos, os romancistas também podem incorporar essas visões estereotipadas.

Por fim, apesar de suscetíveis a críticas, os romances históricos *Geração do Deserto* e *O reino Místico dos Pinheirais*, com as suas respectivas especificidades, promovem relevantes representações daqueles que são os protagonistas desse trabalho: os sertanejos. Essas obras permitem que, de certa forma, que nos aproximemos desses sujeitos por meio da trama, fazendo com que, convivendo com eles, compreendamos seus sentimentos, angústias e sensibilidades.

REFERÊNCIAS

Fontes/romances históricos:

SASSI, Guido Wilmar. **Geração do Deserto**. Civilização Brasileira, Rio, 1964.

GASINO, Wilson Joel Leal. **O Reino Místico dos Pinheirais**. São Paulo: Scortecci, 2011.

Historiografia:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região”. **Fronteiras**, Dourados – MS . Vol. 10, n. 17, 2008, pp. 55-67.

AMORIM, Alexandre Silveira de. **O governo João Goulart, as Reformas de Base e o Golpe de 1964**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2022.

BARBOSA, Catia Valério Ferreira. “A representação Literária da Guerra do Contestado: Amálgamas ficcionais em *O Bruxo do Contestado*”. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários** – UEL. Volume 21, set. 2011.

BASTOS, Alcmemo. “As fontes documentais e os autores de romances históricos (por eles mesmos)”. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.19, n.31, jul./dez, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.

CASAROTTO, Abele Marcos. **O Contestado e os estilhaços da bala: literatura, história e cinema**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, 2003.

CHARTIER, Roger. “Defesa e ilustração da noção de representação”. **Fronteiras**, Dourados – MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. **Estudos Avançados**. Rio de Janeiro, n.11(5), 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Luis Artur. GALLI FONSECA, Tânia Mara. Do contemporâneo: o tempo na história do presente. **Arquivos Brasileiros de Psicologia** [en linea]. 2007, 59(2), 110-119.

DALFRÉ, Liz Andréa. Extra! Extra! O Contestado nas páginas dos jornais. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 212-219. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

ESPIG, Márcia Janete. Em nome de São João Maria: a santa religião do Contestado. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 238-246. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

ESPIG, Márcia Janete. O trem do futuro e suas ciladas: a construção da ferrovia do Contestado. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 127-135. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

ESTEVES, Antônio Roberto. “Considerações sobre o Romance Histórico (No Brasil no limiar do século XXI)”. **Revista de Literatura, História e Memória: Narrativas de extração histórica**. Unioeste – Campus de Cascavel.

FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma abordagem acerca da Formação Territorial no Sul do Brasil**. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), 2006. Vol.4, n.4, 2008, p. 53-66.

GARCIA, Gustavo Gabriel. “A Geração Eleita do Contestado: Da Geografia ao Romance”. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 5580-5602 feb. 2020.

GOSS, Fernando. **Discursos e narrativas da Guerra do Contestado**. (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, dezembro de 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós modernidade**. 11. Ed. – Rio de Janeiro: DE&A, 2006.

KARSBURG, Alexandre. Monges em movimento: entre o Brasil e as Américas. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 77-85. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

KUNRATH, Gabriel Carvalho. “Que terrível madrugada, que terrível despedida, no espaço de uma hora a causa foi decidida”: a Batalha do Irani. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 117-126. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

KUNRATH, Gabriel Carvalho. Lacunas, aparições e sumiços: o monge José Maria na antessala da Guerra do Contestado. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 108-116. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

LAVORATI, Carla. TEIXEIRA, Níncia. “Diálogos entre ficção e história: do Romance Histórico Clássico ao Novo Romance Histórico”. **Odisseia** – PPGEL/UFRN, n. 6, jul-dez 2010.

LAZARIN, Katiúscia Maria. **Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do contestado (1916-2003)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, pp. 147. 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. “Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado”. **Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 178-186.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças do Contestado, 1912-1916**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas (Tese de Doutorado em História), 2001.

MACHADO, Paulo Pinheiro. O Contestado na sala de aula. **Cadernos do CEOM – Cultura e Sociedade**, Chapecó (SC), v. 30, n. 46, p. 73-80 Jun/2017.

MAJOLO, Aline. **Contestando o Contestado: um olhar benjaminiano sobre “Geração do Deserto”, de Guido Wilmar Sassi**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó – SC, 2023.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. “A Guerra do Contestado na Literatura: as fronteiras entre ficção, história e memória em *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo Oliveira Neto”. Universidade Federal a Fronteira Sul (UFFS), Realeza, Paraná, Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 46 (3): p. 1258- 1269, 2017.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. “A literatura como arquivo da Guerra do Contestado”. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 1-26, maio/ago. 2023.

MIGUEL, Salim. **Salim Miguel, minhas memórias de escritores**. Palhoça: Ed. Unisul, 2008.

MIRANDA, Heloísa P. H. de. **Travessias pelo sertão contestado: Entre Ficção e História, no deserto e na floresta**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão – Florianópolis, 1997.

NORA, Pierre. “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”. **Revista Projeto História**. São Paulo, n.10, 1993.

NOVAES, Claudio Cledson. Diálogos literatura e cinema: aspectos da contemporaneidade na obra de Olney São Paulo. In. **Desleitura cinematográfica: literatura, cinema e cultura**. Coleção Cult. Org. Marinyze Prates de Oliveira e Elisabeth Ramos. Editora EDUFBA, Salvador, 2013 – P.43-66.

PAULA, Angelita de. **A Representação a respeito do movimento do Contestado em Romances Históricos**. Monografia (Graduação em História) – Ciências Humanas, Letras e Arte, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 73. 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Cultura e Representações, uma trajetória”. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Dominus, 1965.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Guerra contra a nação rural e rebelde brasileira: o caso do Contestado. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 182-190. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

SCHNEIDER, Cláercio Ivan. “Releituras do Contestado: *O Reino Místico dos Pinheirais*, de Wilson Gasino, e a crítica à História Oficial”. **Projeto História**. São Paulo, v. 66, pp. 323-354, Set.-Dez., 2019.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. O Reino Místico Dos Pinheirais: O protagonismo dos sertanejos no Contestado na perspectiva de Wilson Gasino. Anais do VII Simpósio de Pesquisa Estado e Poder: direitos, democracias e lutas sociais em tempo de crise. pp. 35-46. Org. Gilberto Grassi Calil - Marechal Cândido Rondon, 2020.

SCHNEIDER, Claércio Ivan; [LINN, Natiely Aparecida](#). “Diálogos contemporâneos da história com a literatura: a fonte romance histórico”. In: COSTA, Lourenço Resende da; SILVA, José Junio da (Org.). **Diálogos Educacionais: desafios perenes**. 1ed. São Paulo: Todas as Musas, 2023, v. 4, p. 71-98.

SILVA, Marcio Antônio Both da. “Caboclos”. **História Unisinos** 18(2):338-351, Maio/Agosto 2014.

TOLEDO, Caio Navarro de. “1964: O golpe contra as reformas e a democracia”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28 – 2004.

VALENTINI, Valmir José. Cidades Santas ou redutos: igualdade, fé e fraternidade. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 229-237. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

VALENTINI, Valmir José. MORAIS, João Felipe Alves de. Adeodato: o comandante caboclo demonizado. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 308-320. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

VEBER, Felipe. Capitão Matos Costa: a fabricação do mártir. In.: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 191-197. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

WEINHARDT, Marilene. “O Paraná no discurso literário”. **Letras**. Curitiba, 11. 48, p. 97-110. 1997. Editora da UFPR.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção histórica e Regionalismo: Estudos sobre romances do Sul**. Curitiba: UFPR, 2004.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos: Algumas narrativas sobre o Contestado**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

WHITE, Hayden. **Meta-História**. São Paulo, EDUSP, 1992.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso - Ensaio sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo.

WIJK, Flavio Braune. MOCHALOVSKI, Eloi Giovane. No mesmo tempo e no mesmo espaço: a propósito da (in)visibilidade indígena no Contestado. In: A guerra santa do Contestado tintim por tintim / organização Rogério Rosa Rodrigues... [et al.]. – pp. 69-76. São Paulo: Letra e Voz, 2023.